

Poesias

de António Dinis da Cruz e Silva

TOMO I

SONETOS

CENTÚRIA I

Eu já tenho formado um monumento
Mais durável que o bronze: hão-de meus versos
Levar até aos Séculos futuros
De Elpino o grande nome.

Dinis, fragm.

SONETO I

Se ouvindo-me cantar alguém presume,
Que eu vivo num feliz contentamento;
Quanto se engana neste pensamento!
Que Amor com mil tormentos me consume:

Cruéis saudades, matador ciúme
De tréguas me não dão nem um momento;
E se em doce harmonia rompo o vento,
Canto, mas não por gosto, por costume.

Canto, como o que a banco aferrolhado
Vendo os roxos vergões do grilhão duro,
Vai varrendo c'o remo o mar salgado;

Ou como o que em segredo horrendo, e escuro
Aflito espera o dia assinalado,
Em que expie seu sangue o crime impuro.

II

Em doce paz gostava venturoso
A tenra flor de meus primeiros anos,
Sem conhecer a força, e os enganos
Com que nos prende Amor astucioso:

Pouco durou estado tão ditoso,
Pois o cruel, que urdia já meus danos
De improviso nuns olhos soberanos
O coração me assalta rigoroso.

Eu, que inda o furor seu não conhecia,
Traidor ao coração, com meu desejo
Na batalha o cruel favorecia.

Venceu enfim o seu poder sobejo;
Mas eu bem caro pago a aleivosia,

Pois sem resgate escravo vil me vejo.

III

Ó Cárcere feliz!, onde a formosa
Nise minha me guarda, e tem cerrado;
Não porque tenha contra as leis pecado,
Mas de súbito acaso receosa;

Ao triste som da chave rigorosa
Se assusta o preso, e eu fico alvoroçado,
Pois Juiz não espero carregado,
Nem de quebrada lei pena horrorosa:

Mas, o ver por alguns curtos espaços
Da gentil Carcereira o gentil rosto,
Que me soube forjar tão doces laços;

Mas, a pena que Amor me tem imposto,
Que é, por culpa de amá-la, nos seta braços
Entre suspiros mil morrer de gosto.

IV

Já se vai das estrelas apagando
A cintilante luz, e a roxa Aurora,
Das aves despertando a voz canora,
Que alegre no Oriente vem raiando!

Do Horizonte o clarão anunciando
Do Sol a nova vinda as nuvens cora,
Que em orvalho desfeitas vão agora
As viçosas ervinhas prateando.

Vem, graciosa manhã, e a sombra fria
Ligeira desfazendo, vem de Elpino
Encher o triste peito de alegria.

Pois hoje, apesar de seu destino,
Outro mais belo Sol, que lhe encobria,
Verá de uns olhos no fulgor divino.

V

«Vem, ó rosada Aurora, vem rompendo
«A estrada de Safir ao Sol luzente,
«Vem, outro Astro verás em seu Oriente,

«Com raios imortais resplandecendo.

«Nise verás, a cujos pés eu rendo
«A que empunho voraz foíce contente,
«Mais bela cintilar, co'a luz ardente
«De seus olhos a tua escurecendo.

«Vem, verás este assombro soberano,
«Que neste alegre suspirado dia,
«Aumenta as graças, aumentando um ano.»

Assim ledo o veloz Tempo dizia,
E a fausta luz saindo do Oceano
Encheu a terra toda de alegria.

VI

Eu vejo, ai triste! Vejo Amor, que irado
De mim em torno esvoaçando gira,
Contra ti se prepara a sua ira,
Coração imprudente, e desgraçado!

Já tenta as armas, e o farpão dourado
Do dourado carcás ligeiro tira;
No arco o embebe, e com furor o atira:
Ai! que já dentro em ti está cravado!

Em paz viveste, e em doce paz viveras,
Mesquinho coração, ainda agora,
Se da Razão aos brados atenderas;

Fugiras desta selva encantadora,
Onde morada têm mil Circes feras;
Mas não quiseste, sem remédio chora.

VII

Que esperas, coração, no louco intento
De uma ingrata adorar sempre constante?
Talvez o nome ter de fido amante?
Mas vale um nome vão tanto tormento?

Em prémio de teu puro rendimento,
Que vês senão rigor a todo o instante?
Ah! Que já padecido tens bastante!
Muda sim, coração, de pensamento.

Não é Jónia mulher, nem é possível:

Pois a sê-lo, teu mal, tua ternura
A teriam tornado já sensível:

É dura penha, e mais que penha dura
E um mármore adorar, duro, insensível,
Constância não se chama, mas loucura.

VIII

Todo em seus pensamentos elevado,
Do Nabão pelas margens discorria
O triste Elpino, a quem Amor havia
Em duro cativo a Jónia dado:

Umás vezes num tronco levantado
Da pastora, beijando-o, o nome abria,
Outras vezes ao vento o repetia
Entre mil ais de lágrimas banhado.

Depois de assim gastar vãmente a tarde,
«O mais dura, bradou, que as duras penhas,
«Pois que tens de matar-me feito alarde,

«Quando será que branda a ver-me venhas,
«Sem que esta dita teu rigor retarde?»
– Tarde – lhe torna o Eco dentre as brenhas.

IX

Aqui entre estas árvores viçosas
As redes armarei: tu, Víncio, entanto
Bate a selva, e fugindo com espanto,
As aves nelas dar verás medrosas.

Aves, que pelas matas mais frondosas
Sois de quem vos escuta doce encanto,
Vinde às redes, deixai o alegre canto,
E de Jónia sereis, Aves ditosas.

Ah! Vinde, Aves, deixai o bosque espesso,
Lá soltareis o canto lisonjeiro,
Os laços não temais, que aqui vos teço;

Ser, qual eu, não temais seu prisioneiro:
Pois inda que o ser livre não tem preço,
Também preço não tem seu cativo.

X

Da bela Mãe perdido Amor errava
Pelos Campos, que corta o Tejo brando,
E a todos quantos via suspirando
Sem descanso por ela procurava.

Os farpões lhe caíam da áurea aljava;
Mas ele de arco, e setas não curando,
Mil glórias prometia soluçando
A quem à Deusa o leve que buscava:

Quando Jónia, que ali seu gado pasce
Enxugando-lhe as lágrimas, que chora,
A Vénus lhe mostrar leda se oferece:

Mas Amor dando um voo à linda face,
Beijando-a lhe tornou: «Gentil Pastora,
«Quem os teus olhos vê, Vénus esquece...»

XI

Agora, que da noite vem rasgando
O negro manto a destrançada Aurora;
E das aves a música sonora
Alegres alvoradas lhe está dando;

Agora, que as boninas borrifando,
Com que os prados tapiza a linda Flora,
Vai nas conchas as lágrimas que chora
Em miúdos aljôfares tornando:

Vem, ó Jónia, com tua formosura
Encher também meus olhos de alegria,
Que sem ti sempre estão em amargura:

Vem, verás da saudade a sombra fria
Desfazer-se, assim como a noite escura
Se desfaz com a luz do novo dia.

XII

Este Soneto foi trabalhado sobre o mesmo objecto que o do nº 21.

Da Região do Tártaro sombria
Tornava Orfeu de Eurídice seguido;
E tanto espaço tinha já subido,
Que quase a luz do Sol já descobria.

Quando o triste, que em vivo fogo ardia,
Da Lei que lhe impuseram esquecido,
Ou da força do cego amor vencido,
Os olhos volve à Ninfa, que o seguia.

Ah doido Orfeu! A tua impaciência
Te perdeu; que outra vez a cara Esposa
Te arrebatou dos Manes a violência.

Mas qual alma será, Jónia formosa.
Que ter amando possa paciência
Para não ver a quem ama saudosa.

XIII

Desenganado está meu pensamento
De quantos bens Amor me prometia;
Ah quanto me enganava quando o cria,
Quando fiz em seus gostos fundamento!

As promessas, a fé, o juramento,
Doce ilusão da louca fantasia,
Tudo já se acabou; e num só dia
Desfeito pelos ares leva o vento.

Ao Desengano pois uma Ara alcemos,
Ali ternos desejos, e esperança,
Apesar da vontade, lhe imolemos:

E de incautos mortais para lembrança,
Na tribuna estas letras entalhemos:
«Ninguém ponha em mulheres confiança.»

XIV

Aqui sentado neste mole assento,
Que formam as ervinhas deste prado,
Enquanto a verde relva pasce o gado,
Quero ver se divirto o meu tormento.

Que fresca a tarde está! que brando o vento
Move as águas do rio sossegado!
E como neste choupo levantado
Se queixa a triste rola em doce acento!

As flores com suavíssima fragrância
As aves com docíssima harmonia

Fazem mais alegre esta fresca estância:

Mas nada os meus pesares alivia;
Que da minha saudade a cruel ânsia
Me não deixa um instante de alegria.

XV

Em saudosas lembranças elevado,
Pelas margens do Tejo discorria
Elpino, que c'o pranto que vertia
O rio aumenta, enternecendo o prado:

Sem governo deixando o pobre gado.
Dele, de si, da choça se esquecia;
Que Marfida cruel, por quem morria,
Lhe não deixa ter livre outro cuidado.

Eis que aparece a Ninfa, e de repente
No alento que toma um doce ai respira,
Com o gosto que tem de a ver presente:

Mas vendo que ela dele se retira,
Suspirando outra vez diz descontente:
«Se me havias fugir, quem te não vira!».

XVI

Amor, que solto do grilhão primeiro
Andar me via, e via espedaçado
O férreo jugo, em que gemi atado
De Jónia no tirano cativo;

Na oficina cruel forjou ligeiro
Novo grilhão mais duro, e mais pesado,
E depois que me teve maniatado,
A Auliza me entregou por prisioneiro:

Não contente de tanta segurança,
Fechou c'um cadeado inda mais forte
Outra grossa prisão, que ali me lança;

Então por que no horror da minha sorte
Eu de abri-lo perdesse a esperança,
A dura chave entrega à dura Morte.

XVII

Suspende, ingrata Ninfa, a crueldade
Com que pagas a minha idolatria;
Que não ofende a tua soberania
Quem humilde te rende a liberdade.

Se de teu alto ser a qualidade
Pretendes abonar na tirania,
Quanto se engana a tua fantasia!
Que atributo é dos Numes a piedade.

Se à proporção que em ti o ódio insano,
Em meu peito de amor o incêndio crece,
Nem por isso imortal julgues meu dano.

O bem da liberdade nunca esquece;
E se o Ceptro a reger sobe um Tirano,
Ou talvez se depõe, ou se aborrece.

XVIII

Este de castas rolas par mimoso.
Que à rede ontem colhi em meus pomares,
Aqui. Diana, sobre os teus altares
Tirinto te dedica respeitoso:

Esta noite será o mais ditoso,
Se seus fêrvidos votos escutares:
Ah! turba, branca Lua, os sutis ares.
E à terra esconde o rosto teu formoso.

Não só de Nisa o Deus suas orgias
Aos olhos dos mortais cerrar procura.
Amor quer mais segredo, e mais cautela

Ah tu o sabes bem, ó Deusa bela!
Que entre as sombras da noite triste, e escura
A ver o Tégeo Pã do Céu descias.

XIX

Sobe da opaca terra produzido
A condensar-se no ar vapor grosseiro,
E mal ali se vê, quer atrevido
Cobrir os raios do maior luzeiro

Mas dos brilhantes raios reprimido,
Deixando a esfera a que subiu ligeiro,

Torna a buscar a terra, reduzido
Ao seu humilde antigo ser primeiro.

Sol é minha constância na pureza
E grosseiro vapor a falsidade
Tramada de almas vis pela baixeza:

Ouse embora ofuscar-lhe a claridade,
Que desfeita a verás na ousada empresa,
Pelas triunfantes luzes da verdade.

XX

No liso tronco de um viçoso Ulmeiro,
Ao raiar da manhã serena, e fria,
Com a dourada seta Amor abria,
Todo em riso banhado, este letreiro:

«Vem dourado Planeta, vem ligeiro
«A encher o mundo todo de alegria;
«Pois este que nos trazes almo dia
«Foi dos dias de Fílis o primeiro»

Acabou de escrever e em continente
Um enxame de Amores, que o cercava,
Entoou doces Hinos docemente

«Longos anos feliz (cada um cantava)
«Vive, ó Fílis gentil, vive contente»
«Vive contente» o Eco replicava.

XXI

Que te ame, e não veja determinas!
Que nova espécie é esta de tormento?
Quanto, Jónia, te enganas, se imaginas,
Que em amor pode haver tal sofrimento!

Quem já mais pretendeu, que às cristalinas
Águas não corra o mísero sedento?
Ou da fome entre as últimas ruínas,
Que o faminto não busque o alimento?

Não esperes pois, não, que a lei tão forte
Haja meu coração de obedecer-te,
Seja qualquer que for a minha sorte.

Que antes (bem que disso hajas que ofender-te)

Mil vezes me exporei à cruel morte,
Que uma só ocasião perca de ver-te.

XXII

Se Aglaia ama a Fileno, eu não lho invejo,
Pois que dela já fui também amado,
Vós testemunhas sois praias do Tejo,
E vós campos do Caia sossegado:

Farte pois em delícias o desejo
Fileno, enquanto lho consente o fado:
Que o tempo correrá, e desprezado
Nas mágoas se verá, em que eu me vejo.

Tempo virá também, que Amor severo
De tanta ingratitude tome vingança:
Sim, de balde, tirana, o não espero:

Sentirás do que amares a mudança,
E quanto custa a um coração sincero
O erro alheio, a pérfida esquivança.

XXIII

Por um monte coberto de verdura,
Que se vai no Mondego despenhando,
Vinha o saudoso Elpino descantando
Da sua amada Ninfa a formosura.

Soava a doce voz pela espessura,
Os mais duros rochedos abalando;
E por ouvi-la as águas enfreado,
Não corre o rio, a fonte não murmura.

Cansado de lidar com a fantasia,
No ramo de um carvalho pendurava
A fruta, com que o vento adormecia:

E na terra, que em lágrimas banhava,
Com a ponta do cajado *Aónia* abria;
E suspirando imóvel se ficava.

XXIV

Brincando Amor voava sobre as flores,
Que o brando Tejo nas ribeiras cria;

E brincando nos ares, o seguia
Uma banda de armígeros amores:

A nuvem dos travessos voadores
Ora sobre um rosal veloz descia,
Ora em círculos mil aos Céus subia,
Encobrimdo do sol os resplendores.

Eis que então aparece ali Terseia,
E dos Irmãos seguido o Deus menino,
Sobre a Ninfa voou logo direito.

De Amorinhos se viu súbito cheia;
Mas fosse por acaso, ou por destino,
Só sem amores lhe ficou o peito.

XXV

Nas lajes de uma fonte clara, e pura
O desgraçado Elpino se sentava,
E chorando as correntes aumentava,
Que brota de seu seio a rocha dura:

Impressa na memória a formosura
De Jónia ingrata, a quem fiel amava,
Em queixas o pesar desafojava,
Que o coração lhe enchia de amargura:

A Lira com que as águas suspendia,
Transtornado da dor destas memórias,
Quebrando dos penhascos na dureza;

«Despedaça-te, ó Lira, lhe dizia;
«Pois instrumento próprio para glórias
«Não serve a quem só vive de tristeza.»»

XXVI

Agora que o Sol vai para o Ocidente
Os seus brilhantes raios inclinando,
E um doce e fresco Zéfiro soprando
Dos barcos incha as velas brandamente;

Agora que nas grutas, que a corrente
Do Tejo pouco e pouco vai cavando,
Os molhados chinchorros pendurando,
O lasso pescador dorme contente.

Saiam do peito as ânsias, que recata
Há tanto tempo nele o sofrimento,
Só por não ofender quem me maltrata.

Mas onde me transporta o sentimento?
Se é tão sublime a causa, que me mata,
Que inda sou devedor ao meu tormento!

XXVII

Primeiro, bela Auliza, o manso rio,
Que o vale agora busca sossegado,
Tornará para o monte arrebatado,
Mudando de seu curso o certo fio:

Primeiro entre o ardor do seco Estio
O verás todo em neve congelado,
E correr em incêndios abrasado
No meio do rigor do Inverno frio:

Primeiro seu cristal as lindas flores,
De que as margens fresquíssimas arreia,
Mudará em espinhos, em abrolhos:

Primeiro de seu centro os moradores
Contentes saltarão na branca areia,
Do que eu deixe de amar teus belos olhos.

XXVIII

Esta de alvos jasmims fresca capela,
Rociada das lágrimas da Aurora,
Jasmino jardineiro, ó linda Flora,
A ti de seu vergel guarda e tutela,

Pendente nesta rústica capela,
Onde teu vulto sem cessar adora,
Entre as outras ofrendas deixa agora,
Pois que não pode mais, ó Ninfa bela.

Se o puro dom te é grato, teus favores
Provem, Nume gentil, a todo o instante
De seu pobre jardim plantas, e flores:

Assim vejas em torno a teu semblante,
Batendo as leves asas de mil cores,
Zéfiro suspirar sempre constante.

XXIX

Se desse activo incêndio a atrocidade
As lágrimas provoca, que derramas;
E de piedosa ao alheio mal te aclamas,
Vendo a sua cruel voracidade:

Como (ó Céus) crece a tua crueldade,
Quando um vivo vulcão na alma me inflamas!
Julgas, Auliza, acaso aquelas chamas,
Que as sinto mais dignas de piedade!

Esse alcáçar do fogo entre os furores
Se acaba em frias cinzas transformado,
Falta-Lhe o sentimento a seus rigores.

Mas quanto pior é o meu estado;
Pois sem me consumir em seus ardores
Em fogo mais voraz vivo abrasado!

XXX

É esta por ventura a praia amena
Do manso Tejo? é este o monte erguido,
Onde nuns negros olhos escondido,
Me fez contente amor com minha pena?

É este o bosque, que aura tão serena
Derramava do vento sacudido?
Ou este o verde choupo, em que esculpido
Deixei o nome, que meu mal serena!

Quão outro tudo está, quão demudado!
Perdeu graça, perdeu a formosura
Do alegre tempo por meu mal passado:

Mas, oh! como se engana a conjectura!
Inda tudo conserva o antigo estado,
Somente se mudou minha ventura.

XXXI

Numa pequena barca, que cortava
Com branda viração o Tejo brando,
E com a proa as ondas encrespando,
O rio de alva espuma coalhava;

Enquanto Amiclas pescador lançava
A rede, com que o peço ia cercando,
Do namorado peito a voz soltando,
Às Tágides gentis assim falava:

«Este lanço, que às vossas águas fio,
«Tirá-lo para Aglaia Amor deseja,
«Ninfa a quem entregou seu senhorio:

«Fazei pois, que de peixe cheio o veja;
«Assim nunca se turve vosso Rio,
«Porque Serrano vil morra de inveja.»

XXXII

Se castigo quem te ama só merece,
Quem dele julgas tu, Auliza, isento?
Se na trança, que entregas solta ao vento,
Sutis redes Amor às almas tece.

Ninguém, que teus gentis olhos conhece,
Aos raios que despedem cento e cento
Resiste; porque o mesmo entendimento
Por glória seus incêndios apetece.

Pois como contra mim só se conjura
Injustamente teu rigor profundo
Na fera sem-razão de castigar-me?

Se te ama todo o Mundo a formosura;
Ou tirana castiga todo o Mundo,
Ou deixa, bela Auliza, de matar-me.

XXXIII

Sonoro Rouxinol, que modulando
Teu mal estás, tão cheio de ternura,
Companheiro em mim tens na desventura,
De que aos ares em vão te vais queixando.

Igual destino a ambos foi tramando
A mão mesquinha da desgraça escura;
Tu cantas docemente em prisão dura,
E eu em dura prisão estou cantando.

Mas, ai! que se a fortuna desabrida
Igual causa nos deu ao sentimento,
E minha mágoa muito mais crecida:

Pois tu dentro no cárcere violento
Alívio dás cantando à triste vida,
Eu dobro com meu canto meu tormento.

XXXIV

Por um prado esmaltado de boninas
O Mondego corria saudoso;
Com suave fragrância o vale umbroso
Perfumavam de em torno as flores finas.

Pelos ramos mil aves peregrinas
Formando um coro estavam deleitoso;
Brilhava o Sol, descendo vagaroso
A banhar-se nas Ondas cristalinas.

Entra Elpino no vale e de repente,
Escutando seus ais cheio de espanto,
Corre o Sol a esconder-se no Ocidente:

Deixam as aves o sonoro canto,
Murcham-se as flores, turva-se a corrente:
Tanto de um desditoso pode o pranto!

XXXV

Se queres (diz a Jónia um dia Elpino)
O número saber das cruéis dores,
Que causam em meu peito teus rigores
Por força do teu génio, ou por destino;

As areias do rio cristalino,
Ou do campo esmaltado conta as flores;
Conta da escura noite entre os horrores
No claro Céu os astros de ouro fino.

Mas em vão contarás; pois que igualá-las
Do mar não podem, terra, e firmamento
As areias, as flores, as estrelas.

E se há com que possas compará-las,
As tuas graças são, gentil portento;
Pois que conto não têm assim como elas.

XXXVI

Foi feito em 1758

Eu vi (vista cruel!) toda banhada
De largo pranto em negra vestidura,
E da rama de um teixo triste e escura
A altiva Lusitânia coroada:

Dos tributários Rios rodeada,
Aos Céus clamava cheia de amargura;
Mas inda em tanto horror, e desventura
Oh quanto se fazia respeitada!

Eis uma alegre voz nos ares soa:
«E livre o teu Senhor, enxuga o pranto:»
A estes ecos da fronte arroja a c'roa;

Despe impaciente o lutuoso manto,
E os Rios de água ao som cada um entoa
De imenso prazer cheio um novo canto.

XXXVII

Ante as tremendas Aras de Cupido
Prostrado Elpino soluçando implora,
Que a Marília cruel, e enganadora
Abrase, e em cinzas torne enfurecido.

Que os olhos ao encanto apetecido
Da graça feche, que nos seus lhe mora;
Que a não creia, se chora; porque chora.
Qual crocodilo infame, e fementido.

Isto Elpino rogava; e Amor ligeiro
Lhe passa o coração. do arco irado
Despedindo veloz a seta dura.

E depois lhe bradou: «Pastor grosseiro!
«Assim castiga Amor quem pede ousado
«Cruéis vinganças contra a Formosura.»

XXXVIII

Graças te dou, ó sábio Desengano,
Pois já para teu Templo os passos rejoy;
Esta terra que piso, adoro e beijo,
Livre dos laços do traidor Engano.

Aqui no teu Altar, Nume soberano,

Onde tantos grilhões pendentos vejo,
Também deixo as cadeias, que sem pejo
Tanto tempo arrojé para meu dano.

Respire o coração da Liberdade
Vendo o rosto gentil, que há tanto oculto
Me trazia de Amor a falsidade:

E na Ara, em que rendi infame culto
A que eu mesmo erigi em Divindade,
Lugar só tenha teu sagrado vulto.

XXXIX

Neste, que vês raiar, sereno dia
Nasceu Egle gentil: Ah! Sim, tomemos,
Apolo, as doces Liras, e cantemos
Os seus louvores ambos à porfia.

Aqui junto desta árvore sombria
De grama um novo Altar lhe levantemos.
E por vítima nele lhe imolemos
Os corações banhados de alegria.

Arda o sagrado fogo, ardam as massas
Da cheirosa Panchaia; de mil flores
Se coróem de Lieu as cheias taças;

Libemos a seus olhos triunfadores
Da bela Ninfa em honra; assim as Graças,
Assim o Deus o manda dos Amores.

XL

Vem, ó saudosa Tarde, vem voando
Suavemente pelo ar sereno;
A calma, em que se abrasa este terreno,
Com as compridas asas mitigando.

Por tuas vitais auras suspirando
Estão as flores deste prado ameno;
E sem forças deitado sobre o feno,
Bala o gado por ti de quando em quando.

Toda a selva te aguarda impaciente;
Mas Elpino inda mais, que os resplendores
De Licori por ti verá contente:

Ah! Vem Tarde feliz, não te demores;
Que dum tenro cordeiro o sangue quente
Tua Ara banhará cheia de flores.

XLI

Inda bem não raiava a roxa Aurora,
Quando Florindo em seu Jardim plantando
Um novo Jasmineiro, aos Céus alçando
Os olhos, seu favor assim implora:

«Este pé de Jasmins, que à terra agora,
«Em teu sagrado nome alegre mando,
«Sempre experimente teu influxo brando,
«Bela Deusa dos prados, gentil Flora.

«Se propícia os meus votos escutares,
«As primeiras que der mimosas flores
«Em festões cobrirão os teus Altares:

«Mas as outras, que Amor com mil Amores
«Enfiará em cândidos colares,
«Ornarão de Rosalba os resplendores.»

XLII

Na margem de um ribeiro, que bordava
De rosas, e de murtas a campina,
Sua emplumada rede armou Nerina,
Onde as incautas aves esperava:

Eis que subitamente o ar cruzava
Uma ave de figura peregrina,
Que o voo cegamente à rede inclina,
Onde mais adejando se enlaçava.

Correu a Ninfa à rede, e dentro nela
Vendo, cheia de assombro, o Deus frecheiro:
«O Céu, diz, que em favor dos mortais vela,

«Te castiga: és, cruel, meu prisioneiro.»
Mas Amor lhe tornou: «Nerina bela,
«E prémio e não castigo o cativo.»

XLIII

Chegando à Cidade de Badajoz.

Salve, ó tu Guadiana esclarecido!
Que o Pátrio monte teu desamparando,
Estas largas Campinas vais regando
De tanto ilustre sangue enriquecido.

Tu, que por entre a terra submergido,
Qual namorado Alfeu alegre, e brando,
Os Campos Lusitanos vens buscando,
Compassivo recebe um afligido.

Perseguido de Amor, e da Ventura,
As tuas férteis margens hoje chego,
Onde descanso o coração procura.

Faze pois que aqui viva com sossego,
Que eu prometo, que tua linfa pura
Sirva a meus versos de suave emprego.

XLIV

As pesadas cadeias, que arrastava,
A doce Liberdade, alegre e ufano,
No Templo do sagrado Desengano
Já em pedaços feitas pendurava.

Quando sinto que o braço me travava
Forte mão: volto, e vejo Amor tirano,
Que com promessas já, já com engano
Outra vez a sujeitar-me procurava.

Já se via a vontade vacilante,
Quando a ajudá-la vem com diligência
Do pérfido a Razão talvez triunfante:

Mas vendo Amor a minha resistência,
Aglaiá me mostrou; e nesse instante
Senti dos rotos ferros a violência.

XLV

Se minha humilde voz chegara a tanto,
Que os dotes, que a benigna Natureza
Contigo repartiu, graça e beleza,
Pudera celebrar em digno canto.

Na alma então sufocando o largo pranto,
Que derramar me faz tua crueza,

Cantaria tão rara gentileza
Causando em todo o mundo raro espanto.

Diria como as luzes contemplando
De teu rosto gentil, em seus primores
Se vão as almas todas elevando:

E como esses teus olhos matadores,
Vivas, e doces chamas cintilando,
Acendem em meti peito mil amores.

XLVI

Essa, que choras com piedoso pranto,
Ninfa que o Céu te deu por companheira,
Da terrena mansão voou ligeira
Dos santos Anjos entre o Coro santo:

Dali, deposto já o frágil manto,
A vereda te aponta verdadeira,
Por onde possas com feliz carreira
Ao sumo bem chegar, que anelas tanto.

Não lágrimas, meu Tirse, doces hinos,
A sua santa morte derramemos,
Se a dos justos se pode chamar morte.

Errávamos, no mundo peregrinos,
A justa estrada, que seguir devemos;
E Deus nos mostra a boa desta sorte.

XLVII

Este Altar, que devoto aqui levanto
A sombra deste verde azambujeiro,
Estas rosas, que humilde nele planto.
E derramando estão tão grato cheiro.

Ó Zéfiro suave e lisonjeiro,
Agrário te consagra; tu entanto
Bate as penas sutis, corre ligeiro
De Erália às eiras, que te aguarda há tanto.

Se benigno os meus votos aceites,
E solto o grão da espiga a seca palha
Nas asas pelo ar pronto levares;

Nele as pás te porei passada a malha,

Ancinhos e forquilha, que nos ares
As miúdas arestas lança, e espalha.

XLVIII

Se contemplo, Treseia, o triste estado
Em que por ti me pôs a Desventura,
Maldigo a Amor, maldigo a prisão dura,
A que me vejo sem recurso atado.

Mas se por entre o horror deste cuidado.
Brilha um raio da tua formosura,
Dou mil graças a Amor, mil à ventura
Dos grilhões, que me tinham preparado.

Ó belo rosto, em quem a Natureza
Tanta virtude pôs, que em alegria
Trocas num ponto só minha tristeza!

Oh quão ditoso foi, e ledó o dia,
Em que vi, em que amei tanta beleza!
Se o não vira, infeliz, quanto perdia!

XLIX

Paráfrase do Epigrama Grego de Agatias

Entregue toda a noite a meu cuidado
Não descanso: só lá na madrugada
De um suavíssimo sono a mão pesada
O sossego me traz tão suspirado:

Mas os olhos não bem tenho cerrado,
Quando de uma andorinha a voz cansada
Me desperta; e à fadiga costumada
De novo torna o peito atribulado.

Ave importuna, deixa essa porfia,
Mova-te a compaixão uma alma amante,
Que sofre da saudade a tirania:

Deixa-me repousar um breve instante,
E entre sonhos talvez que a fantasia
Me mostre aquele tão gentil semblante.

L

Por me livrar do injusto cativoiro,
Em que há tanto me tem Amor tirano,
O velho, e experimentado Desengano
Me leva sobre o viso de um outeiro;

Dele me mostra o sábio Conselheiro
O largo Império desse monstro insano;
Nele só vejo angústias, mortes, dano,
E as traições, que tece lisonjeiro.

Desço dali com firme segurança
De quebrar a prisão áspera, e dura:
Mas oh! e quanto é vã esta esperança!

Pois basta ver a tua formosura,
Para esquecer dos males a lembrança,
E perder os desejos da soltura.

LI

Subido no Zénite o Sol ardia,
E ardia em torno o campo polvoroso,
Quando das margens do Nabão gracioso
O sem-ventura Elpino se partia:

Suspirando ora os passos suspendia,
Ora os olhos atrás volve saudoso;
Mas forçado do Fado rigoroso,
Os vagarosos passos prosseguia.

Entretanto subiu uma montanha,
Donde a vista derrama descontente
Sobre os campos, que o fresco rio banha;

E um suspiro exalando tristemente:
«Pois a ventura o quer, feliz campanha,
«Em paz te fica (disse) eternamente.»

LII

Em soberbo baixei cruza animoso
Inexperto Piloto o Oceano,
E à fresca viração largando o pano,
Alegre arando vai o Campo undoso.

Mas se ao tempo se fia bonançoso,
E atento não vigia o mar insano,
Quando menos o teme, o lenho ufano

Varar sobre um parcel vê espantoso.

Eu sou, ó Clóri, o infeliz que pinto,
Pois fiado na pérfida esperança,
Não precavi os males que hoje sinto;

Fiz em tuas promessas segurança,
Mas de improviso a fé, e amor extinto,
Em vão choro o rigor de uma mudança.

LIII

Uma tarde de Maio a colher flores
Saía a minha Auliza pelo prado;
Amor, que ali a viu, todo abrasado
De seus olhos ficou nos resplendores:

Em si próprio sentindo seus ardores,
Ficou o cego Deus tão transtornado,
Que a Ninfa lhe tirou por desenfado
Do carcás os divinos passadores.

Tornou Amor em si, e logo vendo
Da galharda Pastora a travessura,
De lágrimas o tenro rosto enchendo,

«Dá-me frechas, lhe diz, ó Ninfa dura,
«Que para ir a teus pés tudo rendendo
«De teu rosto sobeja a formosura.»

LIV

Se alguma vez a Amor chamo tirano,
E seu fogo detesto enfurecido;
Cem as graças lhe rendo agradecido
Da causa que me deu para meu dano.

De teu rosto gentil e soberano
Nas luzes, linda Aglaia, embevecido,
Os males que por ti tenho sofrido
Todos pela memória passo ufano.

A glória que consegue quem te adora
Em lograr tua fé, é tão crescida,
Que morro de prazer em contemplá-la:

Eu que sei quanto vale, por lográ-la
Não só uma, mas se possível fora,

Mil vezes perderia a cara vida.

LV

Este infeliz Letreiro, que cortado
Deixei de meu amor para lembrança,
Pois assim o dispôs tua mudança,
Riscarei deste plátano copado.

Dizem as fatais letras: «Neste prado
«Elpino, que na fé e segurança,
«Da bela Clóri, em doce paz descansa
«Ama seus olhos mais que o próprio gado.»

Agora escreverei: «O pobre Elpino
«Que de Clóri adorou o fingimento
«Por dura força de cruel Destino;

«Quebrados os grilhões já livre, e isento
«Hoje a falsa detesta, e o laço indino:
«Tomai nele, Pastores, escarmento.»

LVI

Onde quer que me levam meus ardores,
Para ver se divirto o meu tormento,
Descobre meu aflito entendimento
Uma imagem cruel dos meus amores:

Se ao bosque. eu a diviso entre as flores;
Se ao monte, a neve traz ao pensamento;
Se ao rio, ma retrata o móvel vento;
E se ao campo, do Sol os resplendores.

Como se há-de esquecer meu desvario,
Se unidos me lembram desta sorte
Verde bosque, alto monte, fresco rio?

Mas não, não cesse Amor (queira-o a Sorte!)
Em aumentar meu mal; porque confio
Que cedo acabará com minha morte.

LVII

Vencido António, acaba glorioso
Rasgando o peito com a própria espada:
Cleópatra, que dele separada

A vida por tormento tem penoso,

A sombra ilustre do querido Esposo,
Sombra triste, seguir intenta ousada;
E o braço, pois que outra arma lhe é vedada,
Segura oferece ao áspide venenoso.

Assim da fera Parca sente o corte,
Do Romano Varão, que amou rendida,
Companheira fiel na dura sorte;

Assim o Letes passa a António unida;
Que não pode apartar a cruel Morte
Duas almas, que Amor uniu na vida.

LVIII

Entre guardas, e ao som que o ar cortava
De surdos instrumentos belicosos,
Policena com passos vagarosos
De Aquiles ao sepulcro caminhava.

Em vão Hécuba corre, em vão bradava,
Em vão a Pirro, e aos guardas rigorosos
A morte pede em brados lastimosos;
Que nada os feros peitos abalava.

Entanto às aras chega, e o colo entrega
Policena ao cutelo, e a voz alçando
«Bárbaro, diz, o golpe descarrega;

«Que minha alma inocente aos Céus voando
«Ali repousará, que ali não chega
«Dos Tiranos da terra a força, e mando.»

LIX

Solto o cabelo que veloz movia
Brando vento em ondados resplendores
Pelas margens do Tejo as várias flores
A branca Auliza a seu prazer colhia:

Quando Elpino Pastor que só vivia
De morrer por seus olhos matadores,
Deixando o gado entregue aos mais Pastores
Pela areia as pisadas lhe seguia;

E enquanto a bela Ninfa se desvela

Em tecer uma C'roa, o namorado
Pastor cantando diz: «Auliza bela,

«Se eu pudera ser hoje transformado,
«Só por ser uma flor dessa capela,
«Daria de contente todo o gado.»

LX

Ondados fios de ouro lhe guarnecem
Da testa delicada a neve pura
Onde Cupidos mil com travessura
Sutis laços brincando às almas tecem:

As luzes de seus olhos escurecem
Da mesma luz do Sol a formosura,
E das faces gentis sobre a candura
Duas vermelhas rosas lhe florecem:

Um olhar com descuido, um doce riso,
Que atrás de si as almas arrebatam
A contemplar de Amor o paraíso:

Estes são os sinais de quem me mata,
Se a virdes, não queirais perder o siso;
Fugi, mortais, fugi da bela ingrata.

LXI

Que fresca a noite está! que sossegado
O doce Tejo o largo mar procura!
Que suave do Zéfiro murmura
Entre as ramas o sopro delicado!

Nos redis lá ao longe bala o gado,
Que descansa já farto da verdura,
Aqui se ouve soar pela espessura
Dos rouxinóis o canto magoado.

Tudo quanto descobre a fantasia
Representando está ao pensamento
Saudosas lembranças de algum dia;

Glórias de Amor, não glórias fingimento,
Que depressa fugis, e da alegria
Deixais a imagem só para o tormento.

LXII

«Já teus dardos, Amor, não têm valia
«Para ferir meu peito; de diamante
«O armou o Desengano, pois bastante
«Sofreu, cruel, a tua tirania:

«Das venenosas frechas pronto afia
«Na dura pedra a ponta penetrante,
«Contra mim as dispara, que triunfante
«Tu me verás de sua vã porfia.»

Assim cantava Elpino, e Amor que estava
Na floresta emboscado, astutamente,
De Clóri os passos para ali guiava.

Viu-a o fero Pastor, e de repente
Mudando a letra: «Amor (continuava)
«O Coração te ofereço humildemente.»

LXIII

Vãs lisonjas de Amor, cruéis enganos
Que há tanto me enleais a fantasia,
Hoje apesar de vossa tirania
Terá fim o processo de meus danos.

Mas que é isto! depois de tantos anos
Em tanta dor gastados, e agonia,
Ainda a vossa contumaz porfia
Quer triunfar de tantos desenganos?

Ora pois se inda teima a crueldade
De vossa sem-razão, o entendimento
Esta vez possa mais do que a vontade;

O pesado grilhão de Amor violento
Rompamos; triunfe a doce liberdade:
Mas por mais que forcejo, em vão o intento.

LXIV

Traze, ó casto Himeneu, a pura chama
Da tocha nupcial, os ares fende;
E da inocente Esposa, que te atende
Cheia de susto, o coração inflama.

Aquele doce fogo, que derrama

Teu santo laço quando as almas prende,
Nas veias brandamente hoje lhe acende;
Ame constante, quem constante a ama:

E tu, claro Planeta, que dourando
Com tua luz os Orbes superiores
Estás as suas glórias invejando;

Esconde no Oceano os resplendores;
Esconde, que cruel vás dilatando
A esperança dos grandes sucessores.

LXV

Desgrenhado o cabelo, que lhe ornava
Do majestoso rosto a formosura;
Rota em partes a rica vestidura,
Elísia sem arbítrio errante andava.

Os fortes braços, como a vil escrava,
Lhe atava o Fanatismo em prisão dura;
E a triste, sem ver sua desventura,
Contente ao precipício caminhava.

Quando tu, ó Senhor, ardendo em zelo,
Nela os olhos puseste, e do iminente
Último estrago a mísera salvaste.

Cinge pois, grande Herói, na ilustre frente
O majestoso Coronel, e ao vê-lo
Os monstros se confundam, que domaste.

LXVI

Para ornar os cruentos passadores,
De tenros Cupidinhos rodeado,
Uma manhã de Abril, no Idálio prado
Saiu o Deus de Amor a colher flores:

Ora um goivo da cor dos amadores,
Ora um narciso colhe namorado;
Mas onde as rosas via o Deus vendado,
As rosas escolhia por melhores.

Uma, que era entre todas mais formosa,
Voou para arrancar, mas ao colhê-la
Num espinho feriu a mão mimosa.

A dor sentindo exclama: «Se és tão bela
«Para que és tão cruel, flor enganosa!
«Ai de quem busca flores sem cautela!»

LXVII

Um dia ao som do Tejo descantava
A minha Aglaia tão suavemente;
Que o Rio, as Aves, Feras, Gado, Gente,
Tudo co'a doce voz tudo encantava.

Amor, que por então ali se achava,
Numa pedra aguçando o dardo ardente,
Da mão cair o deixa, e mansamente
No carcás por ouvi-la se encostava.

Acabou de cantar, e com desprezo
Amor arco arremessa, e passadores;
Dizendo em alta voz cheio de gosto:

«De vós não necessito inútil peso;
«Que para o mundo arder todo em amores,
«Sobra tão linda voz, tão gentil rosto.»

LXVIII

Ao som dos remos com que o mar fendia,
Amiclas, pescador do claro Tejo,
«Drimo» (por enganar o seu desejo,
Como se Drimo o ouvisse, lhe dizia):

«Drimo rosada, e loira, Drimo impia!
«Por quem sempre no mar o barco rejo,
«As pardas ostras, verde caranguejo,
«Colho nas lajes em maré vazia.

«Chega à praia, e verás, Ninfa formosa,
«Com que presteza eu só o barco guio
«Contra a corrente da água impetuosa;

«E o peixe, por te ver, do centro frio
«Em cardumes sair, e a espaçosa
«Superfície cobrir do ameno rio.»

LXIX

Evoé, Grande Baco, tu me inspira
(Pois que de Alfesibeu os anos canto)
Um nunca usado, nunca ouvido canto,
Digno só de teu frasco, e tua lira,

Eia pois! Verde Tirso as cordas fira,
Causando ao pátrio Tejo novo espanto;
E Cloto do Pastor à roca entanto
Não tire o fio, que incansável tira.

Por que à súplica atendas, esta taça
Bebo em teu nome, saboé! que acena
Brómio a meus votos, concedendo a graça.

Cruel Fortuna, bate a negra pena
Longe do bom pastor voando passa.
Que Epáfio bramador assim o ordena.

LXX

Dentro em minha cabana em paz um dia
Entregue a um doce sono repousava;
Quando uma voz me acorda, que bradava:
«Elpino! Tu não ouves? Abre, avia.»

Levanto-me do junco em que dormia,
Corro ligeiro a ver quem me chamava;
E apenas abro a porta, Amor entrava
Fugindo à grande calma, que caía.

Eu vendo em minha choça o Deus frecheiro,
Corro ao rebanho, e dele alvoraçado
Lhe trago logo o meu melhor cordeiro;

Mas o cruel, terçando o dardo irado,
Me passa o peito, e diz: «Pastor grosseiro,
«Quero o teu coração, não o teu gado.»

LXXI

Este cesto de Anchovas saborosas,
Que inda agora pesquei neste remanso,
Ó Nereidas gentis do Tejo manso,
Por quem não temo as ondas perigosas;

Aqui nas vossas Aras pedregosas
(Já que tão minguado foi o lanço)
Devoto ofereço; e pois mais não alcanço

O desejo aceitai, Ninfas formosas.

De hoje em diante fazei, que a rede cheia
Tire arrastando à praia mal enxuta,
Onde em vão salte o peixe pela areia:

E vereis em vossa honra nesta gruta
Sempre pendente a lúbrica lampreia,
O solho regalado, a fresca truta.

LXXII

De beijos um cestinho Amor enchia,
E depostos os duros passadores,
Quais semeiam o trigo os Lavradores,
Num campo os semeou todos um dia.

Daí a pouco com prazer se via
A seara ferver toda em amores,
Que aos centos rebentavam entre as flores,
De que o travesso Deus folgava, e ria.

Eu, que tanto prodígio contemplava,
Um deles colho, e sobre o peito o prendo,
Sem recear o mal que me aguardava;

Pois as tenras raízes estendendo,
Dentro no coração todas me crava,
De que novos amores vão nascendo,

LXXIII

Onde está, coração, o sentimento
Das afrontas, que o Ídolo tirano
Não derrubas? Conheces seu engano,
E prossegues no infame rendimento!

Ah! Não: rompe as cadeias, e o violento
Jugo, que há tanto sofres por meu dano,
Pendurado no Altar do Desengano
De uns seja horror, e de outros escarmento.

Eia pois! Sinta Amor tua vingança,
E de outra vez render-te a liberdade
Perca o cruel de todo a confiança.

Mas debalde a razão te persuade!
Que escravo vil da pérfida esperança

Lisonjeias a mesma falsidade.

LXXIV

Vem, ó Noite sombria e revolvendo
O longo açoite, que à carreira acende
As fuscas Éguas, sobre a terra estende
De sombras carregado o manto horrendo:

Vem; e as brancas papoilas espremendo,
Em letárgico sono os mortais prende;
Que a minha bela Aglaia hoje me atende,
A meu amor mil glórias prometendo.

Se às minhas vozes dás benigno ouvido,
Encobrando com teu escuro manto
Os suaves delírios de amor cego;

Imolar-te prometo agradecido
Um negro galo, que em contínuo canto
Se atreve a perturbar o teu sossego.

LXXV

Inda bem não raiava no Oriente
A clara luz da Aurora marchetada,
Quando Leucade, Ninfa delicada,
As feras perseguia cruelmente.

Nos olhos, nas pestanas, na alva frente,
Na trança de ouro ao vento derramada,
O frecheiro cruel posto em cilada
Amor gerava até no que não sente:

E Tirinto, que a viu quando passara,
Estas palavras com a foíce abria
Na dura rocha de uma fonte clara:

«Ó Ninfa tão formosa, como impia;
«O Mundo por divina te adorara,
«Se houvera nas Deidades tirania».

LXXVI

«Quando Jónia quebrar o juramento,
«Que fez de amar Elpino eternamente;
«Tornará, belas Ninfas, a corrente

«Do Nabão a buscar seu nascimento.»

Estas letras num freixo corpulento
Leu o triste Pastor; e em continente,
Um suspiro arrancado da alma ardente,
Que as penhas moveria a sentimento,

«Como consentes (diz) que uma perjura
«Insulte o teu poder, ó Céu piedoso!
«Que zombando da fé mais limpa, e pura...»

E aqui sem mais poder correu furioso,
E de um cutelo com a ponta dura
O leteiro raspou do tronco anoso.

LXXVII

De cem travessos, cândidos Amores
Amor cercado, ao repontar do dia,
Pelas margens do Tejo discorria
Hoje, colhendo mil cheirosas flores.

Deposto o cruel arco e passadores,
De rosas o carcás veloz enchia,
E de riso banhado e de alegria
Assim bradava às Ninfas, e aos Pastores:

«É este o ledó, o dia venturoso
«Em que Arminda nasceu, Arminda bela,
«Por quem no incêndio meu ardo gostoso.

«Ajudai-me a tecer-lhe uma capela,
«Que eu voando a seus pés obsequioso,
«As grossas tranças lhe ornarei com ela.»

LXXVIII

Mísera Nau, que há pouco ias talhando
O mar sereno com galerno vento,
Que veloz se mudou! e que violento
Sobre ti sua fúria está quebrando!

Quantos instáveis montes escumando
As nuvens lança o líquido elemento!
Eis te leva a tocar no firmamento,
Eis te vai nos abismos sepultando.

Um próprio retrato és do que em mim passa;

Breve tempo há também que ledo, e ufano
Não temia os assaltos da desgraça:

Mas mudou-se o meu Fado, e tão tirano
O semblante me mostra, e me ameaça,
Que a todo o instante espero o extremo dano.

LXXIX

Já no roxo Oriente a Aurora raia,
E c'roda de novos resplendores,
Esmalta as várias conchas de mil cores,
Que alastradas estão por esta praia:

Antes pois que a maré sobre elas caia,
Mil colher quero: Amor, que em teus ardores
Meu peito abrasas, mostra-me as melhores,
Vê que as escolho para a bela Aglaia.

Em honra vossa, ó Ino, ó Panopeia,
Se faz do pobre dom a Ninfa apreço,
Um altar erguerei na ruiva areia;

Mas se o amor me pagar como mereço,
A barca, Deusas, não, porque é alheia;
Choça, e redes porém, já vos ofereço.

LXXX

Enquanto o Sol as redes lhe enxugava,
Amiclas, pescador do Tejo undoso,
A sombra de um penedo cavernoso
Uma sonora Cítara tocava.

O vento então apenas encrespava
As ondas assoprando preguiçoso;
Corria manso o rio, e vagaroso,
E o ledo pescador assim cantava:

«Se de aljofre, e coral toda esta praia
«Me cobrira Nereu, mais abastado
«Seria, mas não fora mais contente:

«Teu amor me faz só afortunado;
«E se acaso o não crês, formosa Aglaia,
«Eu to juro pelo húmido Tridente.»

LXXXI

Enfim, graças a Amor, é esta a choça,
Onde habita e me espera a minha Aglaia;
Aqui aguardarei que à porta saia,
Porque vê-la, e falar-lhe alegre possa.

Filha do Érebo, em triste sombra grossa
Diana esconde, que serena raia;
Não haja pescador por esta praia,
Que chegue a suspeitar a glória nossa.

Triste de mim! Que meu afecto ardente
Propícia em vão te invoca, ó Noite escura,
Pois vejo a Lua mais resplandecente:

Ladram raivosos cães, gente murmura,
Sem falar-lhe me torno descontente,
Que nunca um fino amor teve ventura.

LXXXII

É tempo, Aglauro bela, já no Oriente
D'Alva a rosada luz vem repontando;
E Jolas com as nassas aguardando
Por nós está há muito impaciente.

Vem pois, que um brando vento alegremente
Nos está para a pesca convidando;
E o vítreo fundo as Tágides deixando
Por ver-te esperam fora da corrente.

Vem, Aglauro, e verás que qualquer delas
Te traz, mil mostras dando de alegria,
De alambres e corais ricas Capelas:

E os Tritões nadadores, que à porfia
As redes te encherão com as Ninfas belas
Do melhor peixe, que este pego cria.

LXXXIII

Ao longo de um ribeiro, que bordava
De verde relva os frescos arredores,
Já quando o Sol os leves Corredores
Nas ondas do Oceano mergulhava;

Na boca de uma gruta, que guardava

Armado de buídos passadores
Fero esquadrão de alígeros Amores,
Elpino com a foice assim cortava;

«Pastores, que habitais os campos ledos,
«Que corta esta ribeira sossegada,
«E vós, Ninfas dos altos arvoredos:

«Não entreis nesta gruta tão guardada;
«Não queirais descobrir os meus segredos,
«Que aos mistérios de Amor é consagrada.»

LXXXIV

Ninfas destas florestas, Ninfas belas,
E vós do pátrio Tejo, ó Pescadores,
Colhei ruivas conchinhas, colhei flores;
Pois no campo, ou no mar não há estrelas.

Formai todos, formai ricas capelas,
Com arte entrelaçando as várias cores,
E da formosa Aglaia, os meus amores,
As loiras tranças adornai com elas.

E tu, Amor, que a seu rosto formoso
Tantas vitórias deves, neste dia
Corre, voa a seus pés, voa gostoso:

A mão lhe beija, e cheio de alegria
Por mim lhe diz: «O teu Pastor saudoso
Teus anos a aplaudir hoje me envia.»

LXXXV

Daqui neste penhasco alcantilado,
Onde agora suspiro descontente,
Quantas horas passei ledos e contente
De Aglaia vendo o rosto delicado!

Então de verde relva todo o prado
Se esmaltava, corria alegremente
Produzindo mil flores a corrente
Do rio cristalino e sossegado.

Agora tristemente só murmura;
E em vez de alimentar os seus verdores,
As flores seca, turva a linfa pura.

Mas como podem águas, plantas, flores
A graça conservar, e a formosura,
Se lhes faltam seus belos resplendores!

LXXXVI

Longe. Ninfas gentis, longe, Pastores
Deste bosque pascei o manso gado,
Que suas sombras são lugar sagrado,
Onde jazem as Graças, e os Amores.

Aqui entre estas faias, e estas flores
De Auliza está o corpo sepultado;
E aqui Modéstia, Formosura, Agrado,
Escondem da cruel morte os rigores.

Alma pura e gentil, que aos Céus voaste
Antes de tempo da prisão terrena
E tão triste no mundo me deixaste;

Estas rosas que lanço, esta açucena
Sobre as cinzas, que cá desamparaste,
Lá da etérea mansão olha serena.

LXXXVII

Enquanto Anfrizo seu jardim regava,
Por entre as murtas viu o Deus menino,
Que a seu prazer saltando, de malino
As mais formosas flores lhe pisava.

Então Anfrizo o regador largava,
E para o castigar corre sem tino;
Mas Amor mais travesso, e mais ladino
Cá, e lá entre os ramos se furtava:

Cansado de o seguir Anfrizo irado
Fremente, ameaça-o, diz-lhe mil injúrias,
Promete se o apanhar crua vingança.

Mas amor com semblante sossegado:
«Sossega Anfrizo, diz, deixa as vãs fúrias;
«Que Amor com ameaças não se alcança.»

LXXXVIII

A simples avezinha, que roubado

De seu ninho o fiel parceiro sente,
Foge do ameno bosque descontente,
E num ermo se esconde desgraçado:

Assim eu de teus olhos apartado
Deixando a companhia da mais gente,
Do Tejo junto à plácida corrente
Um sítio busco triste e inabitado.

Ali entregue todo ao meu tormento,
Mil lágrimas, mil doces ais te envio,
Que das águas confio, e entrego ao vento;

Mas em vão meu alívio de ambos fio;
Que os ternos ais desfaz o ar violento,
E as lágrimas confunde o veloz rio.

LXXXIX

A Pedro António Garção, mandando-lhe a III Década de Tito Lívio, na qual se referem as trágicas mortes de Sofonisba e Eraclia; e persuadindo-o à composição de uma Tragédia.

Sábio e Ilustre Garção, que ao eminente
Cume do Sacro Pindo tens chegado,
E de honroso suor todo banhado
Coroas de hera, e louro a altiva frente:

De Sofonisba a morte, ou da inocente
E nobre Eraclia o caso desastrado
Qualquer para teu plectro sublimado
Digno objecto te dá Lívio excelente.

Por teu engenho exposta em tristes Cenas
Uma destas cruel, mesquinha história
Dará a Roma inveja, assombro a Atenas.

Do bom Ferreira pois te excite a glória;
Logrem por ti as Tágicas Camenas
De Sófocles, e Séneca a vitória.

XC

Este ouriço-cacheiro, que guloso
Em teus frutos ferrou o agudo dente
(Ó Pomona gentil!) aqui pendente
Te ofereço neste álamo frondoso.

Por ora com semblante gracioso
Aceita, Ninfa, o rústico presente;
Pois inda as uvas na estação presente
Verdes estão, e o figo saboroso.

Se Baco, e tu, ó Deusa, me ajudares,
Do pedrisco, formiga, e névoa escura
Defendendo propícios meus pomares;

Um grande prato da uva mais madura,
Dois de figos de rei, e dois de alvares
Cidrálíio te promete, e o voto jura.

XCI

Esta de javali cabeça horrenda,
Que em teu nome matei, casta Diana,
Te ofereço humilde; Deusa soberana,
Propícia aceita a reverente oferenda.

Aceita, ó Deusa, e faze que me atenda
A fugitiva Clóri mais humana,
Que eu farei com que a fera mais tirana
As tuas aras seus despojos renda.

Ah! Tu também de Amor a chama pura
Dentro no peito não em vão sentiste,
Inda a Selva de Cária, inda o murmura:

E pois em tanto mal também te viste,
De Endimião dá-me ao menos a ventura,
E em sonhos passe embora a vida triste.

XCII

Eis as asas batendo brandamente,
De alecrim, de tomilhos e boninas
Alastra o doce Zéfiro as Campinas,
Que puro cheiro exalam largamente.

Eis torna a Primavera, a leda frente
De rosas coroada, e de cravinas;
Cuja vinda mil aves peregrinas
Celebram pelos ramos docemente.

É tempo, bela Clóri, ao pasto usado
Guiemos o rebanho; em seus verdores
Torne a pascer contente o nosso gado.

Ali colhendo mil cheirosas flores,
Te enastrarei com elas o trançado;
E que inveja farei aos mais Pastores!

XCIII

Sobre as asas do leve pensamento
Amor, que de minha alma sabe o gosto,
Me leva deste longo apartamento
Ao lugar onde o Fado te tem posto.

Cercada de um feliz contentamento
Talvez te vejo, e morro de desgosto;
Talvez, como quem pensa em seu tormento,
Na branca mão sustendo o gentil rosto.

Amor, que minhas mágoas lisonjeia,
Então me finge, e pela aljava o jura,
Que em mim estás cuidando, e faz que o creia;

E ufano o coração desta ventura
Nestes prazeres vãos tanto se enleia,
Que esquece da saudade a mágoa dura.

XCIV

Não me queixo, agradeço o esquecimento,
Que tens de meu amor, Ninfa perjura,
Ele apagar só pode a chama pura,
Que ateava o mais nobre rendimento.

Os grilhões, que arrojava sem alento,
Quebrará, falsa, ingratição tão dura,
Que a grave enfermidade não se cura
Com remédio suave, mas violento.

A vítima, que já te preparava,
Salvará da segura a doce vida,
Que sobre o colo seu pendente estava;

O tempo cerrará a atroz ferida,
E o perigo, a que cega caminhava,
Então verá minha alma arrependida.

XCV

Ah! bárbara Fortuna, onde o violento
Impulso teu arrasta um desgraçado!
Que mais queres? Se tens em mim provado
Quanta haver pode espécie de tormento?

Ora pois, de uma vez tira-me o alento;
Mas se meu mal não queres acabado,
Oh! deixa-me, cruel, no triste estado
Ao menos para a dor, o sofrimento.

Já se turba a razão, já a constância
Começa a vacilar, e se não cessa
De teu furor a bárbara jactância;

Receio que de todo desfaleça;
Que da desesperação a feroz ânsia
A mais triste Tragédia ao mundo teça.

XCVI

No tronco de uma faia recostado,
Ao som de um suavíssimo instrumento,
Assim cantando adormecia o vento
Elpino, guardador de pouco gado:

Infeliz coração! Que triste estado
Te aguarda! Que tirano, que violento!
Pois conjurados para o teu tormento
Vejo Amor, vejo Auliza, e vejo o Fado.

Quantas vezes culpei a louca empresa,
Com que deixando vacas, e bezerros,
Da ingrata só seguias a beleza!

Mas já que não me ouviste, arroja os ferros
Adorando fiel quem te despreza,
Vergonhoso castigo de teus erros.

XCVII

Feito estando o A. em Castelo de Vide, ao felicíssimo dia de 6 de Junho de 1760 em que S. Majestade cumpriu anos, e se celebraram as suspiradas Núpcias da Sereníssima Senhora Princesa do Brasil com o Sereníssimo Senhor Infante D. Pedro.

Levanta, ó Padre Tejo, levanta ora
Dentre as escumas a musgosa frente;
E observa quanta glória à Lusa gente
Traz com seus raios a rosada Aurora.

Neste dia ao sair do Ganges fora
Outro Sol admirou em seu Oriente;
Que hoje no Trono vê Rei excelente,
De Tito assombro, que inda Roma adora.

Neste... mas qual de novos resplendores
Brilhante turbilhão, do alegre dia
As sempre faustas luzes faz maiores!

Se és, Santo Himeneu, que em companhia
Do casto Amor, c'os grandes Sucessores
Vens firmar do Senhor a Monarquia.

XCVIII

Qual pelas fraldas corre do Parnaso,
Com seus nitridos atroando o monte,
O fero bruto, que brotar a fonte
A coice fez, por outra o bom Pegaso:

Tal de Castália pelo monte raso
Correste meu F... novo Etonte
Por isso se te enrosca hoje na frente
A planta de que o Sol faz tanto caso.

Ela pois te esporeie à grão carreira,
E a par dele em corcovos, upas, pinchos
Trepas do Pindo a cima derradeira:

Que Talia, que ouviu teus roucos guinchos,
Predizendo-te esta fausta agoireira,
Que mais que os dela soarão teus rinchos.

XCIX

Ai triste! O oitavo Lustró é já passado
De minha amarga descontente vida,
Sem que nesta carreira tão comprida
Um sincero prazer tenha gostado.

Sempre de densas nuvens rodeado
Me trouxe o Sol a luz apeteçada;
E o campo, que pisei na amarga lida,
De abrolhos achei sempre semeado.

Se o bem sucede ao mal, se com presteza
A boa ou má Fortuna corre e passa,

Constante na inconstância e ligeireza;

Como só em meus males tem firmeza!
Mas ah! para alongar minha desgraça
Comigo tem mudado a natureza.

C

Enfim torno a beijar, ó pátrio Tejo,
Tua areia: mas oh! e quão diferente
Do tempo em que cantei acordemente
As graças que em ti via, e em ti não vejo!

Então, com pouco farto o meu desejo,
Vivi de Amor escravo, mas contente;
Hoje fujo de Amor, fujo da gente,
Cruel remédio que forçado elejo.

Se estará satisfeito o duro Fado
De tramado me haver pesar tão forte,
Onde o alívio, que o mal é mais pesado:

Quanto temo que não! Que a cruel Sorte,
Quando por gosto faz um desgraçado,
Só põe por termo a seu rigor a morte.

CENTÚRIA II

SONETO I

Gemi, cantei: agora gemo, e canto
De Amor cativo em vil masmorra escura;
Nem a longa experiência da ventura
De exemplo me serviu, ou põe espanto.

Antes não sei por que arte, por que encanto
Minha alma, que detesta a prisão dura,
Apenas se vê livre, outra procura,
Que logo banha de piedoso pranto.

Do fero Amor me queixo, e seu engano;
Porém erra em queixar-se a fantasia,
Que eu sou a própria causa de meu dano:

Eu desta alma lhe dou a monarquia;
E quem entrega o Ceptro a um tirano,
Lhe acusa sem razão a tirania.

II

Um dia o coração livre voava,
Qual borboleta em prado florecente,
Em torno à bela Clóri, e soltamente
Ou na boca, ou nos olhos lhe saltava:

Mas Amor, que após ele astuto andava,
Nos ares floreando um facho ardente,
Ao pôr-se-lhe na boca, cruelmente
Ao triste as leves asas abrasava.

Caiu o pobre no nevado seio,
Onde a Ninfa o prendeu, e Amor malino
Lhe faz como a cativo mil agravos:

Mil vezes ir buscá-lo determino;
Mas embarga-me os passos o receio
De que ambos nós fiquemos lá escravos.

III

Tecendo um ramalhete Aglauro ingrata
De boninas de mil diversas cores,
Entre as rosas o Deus viu dos amores,

Que em vão entre elas esconder-se trata.

A Ninfa pelas asas o arrebatava,
E sem ouvidos dar a seus clamores,
O prende com mil laços entre as flores,
E o lindo ramo sobre o peito ata.

Bate as asas, forceja Amor, procura
O laço desatar; mas logo vendo
Do seio de alabastro a formosura:

«Doido de mim (bradou) que é o que emprendo!
«Quanto melhor é esta prisão dura,
«Que a doce liberdade, que pretendo!».

IV

Numa torre de bronze Dánae presa,
Com cem portas, e mil chaves fechada,
De zelosos ministros vigiada,
Guardar não pôde a castidade ileza:

De frenético Amante a fúria acesa,
Escalando a muralha levantada,
Por entre os guardas fiéis achou entrada;
Que tudo vence Amor, tudo despreza.

Amor é, Sílvio, rápida corrente
A que a neve engrossou do Inverno frio,
Que quanto se lhe opõe, leva impaciente.

Deixa pois esse estranho desvario,
Não persigas Aglaia cruelmente,
Olha que se não força o alvedrio.

V

Bem que a neve dos anos a cabeça
Pouco a pouco me cubra, um só instante
Amor feroz com o dardo de diamante
Em assaltar-me o coração não cessa.

Briosa a socorrer-me se arremessa
Mil vezes a Razão, mil se põe diante
Dos golpes seus; porém nada é bastante
Para que este tirano desfaleça.

Antes, como guerreiro experimentado,

Para vencê-la mil ciladas traça
De falsas esperanças ajudado;

Até que a triste do combate lassa,
Lhe cede o campo todo ensanguentado,
Não por menos valor, mas por desgraça.

VI

Amenos bosques cheios de verdura,
Claros, e mansas águas do Mondego,
Que o mar buscais correndo com sossego
Por entre a fresca sombra da espessura;

Saudoso monte, em cuja penha dura
Tantos troféus se imprimem de Amor cego,
Que já deste a meus versos doce emprego,
Enquanto vivi livre e com ventura:

Eu me aparto de vós; porque o meu Fado,
Unido com Amor, me não consente,
Que logre vosso influxo sossegado:

Ficai em paz, que eu inda que a corrente
Do turvo Letes passe, o doce estado
Na lembrança terei sempre presente.

VII

«Agora dessa ingrata no regaço
«Ácis descansa, e seu amor desfruta;
«Pois eu metido nesta opaca gruta
«Ambos esperarei, que este é o passo:

«Se acaso pilho às mãos este madraço,
«Provará de meu braço a força bruta.»
Disse, e pela caverna mal enxuta
Estirou Polifemo o corpo lasso.

Ali chegando à boca de aguardente
Uma cuba que tinha mais de meia,
Toda gró gró a emborca alegremente.

Então Ácis esquece, e Galateia;
E a ressonar entrou tão fortemente,
Que não se ouve quebrar o mar na areia.

VIII

«Morra o cruel, que o coração me crava:
«(Mãe infeliz que um monstro hei produzido!)
«Morra o tirano por meu mal nascido:»
Assim, seguindo Amor, Vénus gritava.

Fugia o triste, e em vão se amesquinhava,
Sem acordo correndo espavorido;
E a cor perdida, o ânimo perdido
Por socorro aos supremos Céus bradava.

Eis que chega ao ruído ali Nerina,
E logo Amor de imenso prazer cheio,
A garganta lhe voa cristalina:

Dali deposto já o temor feio,
As iras, rindo, insulta de Ericina
Dali, mortais, nos fere sem receio.

IX

Este o Templo, esta a Pira onde se rendem
As vítimas, que aceita Amor propício;
Mil Amores ao puro sacrificio
Com as asas o brando fogo acendem.

Quantos em torno ao Nume os ares fendem
Ternos ais, de um terno amor indício!
E quantos, em sinal de benefício,
Alegres votos das paredes pendem!

As asas, coração, bate apressadas;
Voa, não temas, entre as chamas belas,
Que ondeiam no altar sempre ateadas:

Que se Amor te negar o bem que andas,
Que importa? Nas empresas arriscadas
Basta só para glória o empreendê-las.

X

«Olha (diz a Fortuna, e em continente
Dois Templos me mostrou ao longe um dia;
Para um imenso povo concorria,
Para o outro pouca, mas severa gente):

«Este que sobre as nuvens alça a frente,

«De ouro empedrado e rica argenteria,
«E da Lisonja o Templo (me dizia)
«No outro assiste a Virtude pobrementemente.

«Se me não queres ter por adversária,
«Vem da Lisonja ao Templo levantado,
«Que eu da Virtude sempre fui contrária.»

«Eu mais prezo a Virtude em pobre estado,
«Que o teu favor (lhe torno) ó Deusa vária
«Se só pela lisonja é alcançado.»

XI

De dourados alambres uma C'roa
Amiclas Pescador formando estava,
E nela as várias conchas misturava,
De que a longa enseada o mar povoa.

Quando um Tritão, que um crespo búzio soa
Numa alta rocha, que a maré cercava,
Afastando-o da boca, assim falava,
E o som da rouca voz a praia atroa:

«Em paz a linda C'roa, Amiclas, tece,
«Que Aglaia, que tua alma senhoreia,
«De mais alto valor outras merece.

«Ninfa não pisa igual a branca areia,
«Que o Tejo liberal de ouro enriquece,
«E em vão Dóris murmure e Panopeia.»

XII

Ah, Pastores, eu morro! Neste prado
Junto deste regato cristalino
Um túmulo me erguei de jaspe fino,
De teixos, e ciprestes rodeado.

Sobre ele em grandes letras entalhado
Este aviso deixai, que aqui assino:
«Caminhante, aqui jaz o doce Elpino,
«Que guardou nestes montes branco gado.

«À sua morte deu Clóri o motivo,
«A mais linda pastora desta serra
«Com seus olhos gentis, e génio esquivo.

«Exemplo toma no que a urna encerra;
«E se queres acaso escapar vivo,
«Fecha os olhos, e foge desta terra.»

XIII

De uma falsa piedade conduzido,
Entrei de Amor no alcáçar venerado,
Em cujo átrio com lisonjeiro agrado,
Fui de vãs esperanças recebido:

Mas no seu interior introduzido,
Só de Monstros cruéis o vi ornado:
Num Salão o Ciúme enregelado,
Noutro o Engano estava fementido.

As Traições, as Afrontas, os Rigores
Batendo as negras asas cento e cento
Com os Prantos voavam, com as Dores.

Tremendo então dali voltar-me intento;
Mas em vão, porque o guia em tais horrores
De ousados me deixou para escarmento.

XIV

Num bosque onde do sol aos resplendores
Entrada não consente a sombra fria,
Uma calmosa sesta Egle dormia,
Entre as risonhas Graças, e os Amores.

Zeloso um dos travessos voadores,
Para abrandar a calma que caía,
Dela em torno as sutis asas batia,
Outro o seio lhe enchia de mil flores.

Tal a seta emplumada endireitando
No arco de ouro, com ela ameaçava
Os Sátiros, que andavam espreitando.

E Elpino, que da Ninfa junto estava
Seu descanso e beleza contemplando,
Parecia que até não respirava.

XV

Sobre uma rocha, que à corrente fria

Do claro Tejo fica sobranceira,
Uma barca, que o Rio abre ligeira,
Treseia com os gentis olhos seguia:

E enquanto o leve pinho prosseguia
Cada vez mais veloz sua carreira,
Arrancando do peito a voz inteira,
Entre soluços mil assim dizia:

«Onde, ó barco cruel, onde correndo
«O meu Elpino levas? ah! dize, onde?
«Ventos, por piedade ide-o detendo»:

No Horizonte entretanto ele se esconde;
E às queixas, que sem fim fica fazendo,
Eco só dentre as penhas lhe responde.

XVI

Bosques da Arcádia, bosques venturosos,
Em que algum dia as Musas habitavam,
Onde estão vossos Cisnes, que cantavam
Ainda mais que os do Meandro harmoniosos?

Onde os altos Loureiros, que viçosos
Aqui tão doces sombras derramavam;
E às estrelas as pontas levantavam,
Muito mais que os do Pindo gloriosos?

Ah! Que da vil discórdia o violento
Braço vos decepou, quando o perigo
Menos temíeis de contrário vento:

Monstro infame e cruel, monstro inimigo,
Quem viverá de teu furor isento,
Se até em pobres choças tens abrigo?

XVII

Tirado de Mosco.

Amor travesso, que jamais descansa,
Se quis a lavrador meter um dia,
Larga o ardo, que o Céu tremer fazia,
Uma aguilhada toma, uns bois amansa.

Pôs-se a lavar, e tanto que viu mansa
A terra inculta dantes e bravia,

No Céu fitando a vista assim dizia,
Enquanto o louro trigo à terra lança:

«Ó tu, que o raio empunhas crepitante,
«A semente, que aqui tenho espalhado,
«Crecer faze de espigas abundante;

«Senão, olha que em touro transformado,
«Se arar te fiz o pélago inconstante,
«Te hei-de fazer puxar por este arado.»

XVIII

De alvas flores c'roada e de alegria,
Das Graças, dos Amores rodeada,
Numa purpúrea nuvem de ouro orlada
Sobre as ondas do mar Vénus descia.

Ali soltando a voz, que adormecia
A cólera dos ventos denodada,
E do grande prazer alvoraçada,
As filhas de Nereu assim dizia:

«Ó Ninfas do alto mar, Ninfas formosas,
«De pérolas, de aljofres Indianos
«Longos fios tecei, tecei gostosas;

«E a Clóri, doce encanto dos humanos,
«A ofrecê-los correi, correi vaidosas
«Neste ditoso dia de seus anos.»

XIX

Aqui foi junto desta fonte pura
Que Amor cruel, que me espreitava atento,
Salteou meu seguro pensamento,
Quando menos temia esta aventura:

Aqui de uns brandos olhos na doçura,
Num dourado cabelo solto ao vento
Escondido o traidor, forjou violento
A que arrojando vou corrente dura.

Ele me arrasta e leva eu não sei onde,
E se dele saber minha alma trata
Qual o prémio será de meu serviço;

Com semblante severo lhe responde,

Que sofra, cale, e sirva a quem me mata,
Sem aspirar a galardão por isso.

XX

Fita a vista no facho, que o guiava
Em noite escura, com o mar que irado
Em altas vagas muge encapelado,
O mísero Leandro em vão lutava:

Cada vez mais medonho o mar roncava
Dos insofridos ventos açoitado,
Até que o triste de nadar cansado,
Já sem alento os braços encruzava:

«Ondas, diz, pois que vossa crueldade
«Nem minhas forças vencem, nem meu rogo,
«Aqui estou, fartai vossa impiedade:

«Mas já que me negais o desafogo
«De chegar vivo à praia, por piedade
«Morto ao pé me arrojai daquele fogo.»

XXI

Sáímos pela barra com bom vento,
Mas ao terceiro dia de viagem
Se alçou de Noroeste tal aragem,
Que as vagas arrojava ao firmamento;

Sossegado este horrendo movimento,
Em que roncava o mar como um selvagem;
Vimos ao sexto dia de passagem
A vinosa Madeira a barlavento.

Na barba da cruel Serra Leoa
Oito dias sofremos calma,
E o crebro fuzilar com que o Céu troa:

Passámos logo a linha ao quarto dia,
E surgimos com toda a gente boa
Aos sessenta do Rio na baía.

XXII

Ó ímpio! tu, que clamas: não existe
Um Deus eterno, a sua Monarquia

E obra de artilosa fantasia
Para reger tirana o povo triste:

Os olhos porventura, dize, abriste
Para esses globos ver? viste a harmonia,
Com que rodam brilhando noite e dia?
Ah! bem mostras, insano, que os não viste.

Levanta a vista, pois, vê uma estrela,
Uma planta, uma flor, e logo adverte
Se a mão produz do Acaso obra tão bela:

Vê-te a ti mesmo; e para convencer-te,
Que maior prova teu engano anela,
Pois para ver que há Deus, basta só ver-te.

XXIII

Pois me vejo no horror desta espessura,
Onde só me acompanham meus ardores,
Quero às plantas dizer os meus amores,
Quero às penhas contar minha ventura:

Junto de uma soberba fonte pura,
Onde um monte se adorna de mil flores,
Uma pastora vi, cujos primores
São pasmo da mais rara formosura:

Absorto o coração vendo-a tão bela,
De amá-la buscou logo o exercício,
Em que gostosamente se desvela:

Em votar-lhe prossigo o sacrifício,
Sem que aspire o meu peito a merecê-la;
Porque até adorá-la é benefício.

XXIV

Que intentas c'o reflexo cristalino
Do brunido cristal, Nise travessa?
Que a luz destes meus olhos se escureça?
Que eu não veja o teu rosto peregrino?

Ah! Se de teu jovial génio malino
A caprichosa ideia, Nise, é essa;
Cessa no extravagante empenho, cessa;
Que há muito me traz cego o Deus menino.

Mas se tanta cegueira te não basta,
E ainda mais e mais queres cegar-me,
Do teu rosto gentil o espelho afasta:

Deixa teus olhos, deixa, contemplar-me;
Que sua luz, a quem nada contrasta,
Sobra para de todo deslumbrar-me.

XXV

MOTE

Em apa, epa, ipa, opa, upa

Numa fúria que fiz este ano à Lapa
Sumo assaz se bebeu da Lusa cepa.
E dom o vinho, que à cabeça trepa,
Um queria ser Rei, outro ser Papa.

Houve bulha, rasgou-se muita capa;
Este um nariz, um braço outro decepa;
E eu que me vi levado da carepa,
O meu ponto foi pôr-me de socapa.

Dentro numa bojuda, cheia pipa
De repente saltei, fico uma sopa,
E o povo, que isto vê, todo me apupa.

Mas que importa? Se assim forrei a tripa,
Para a história contar, que em nada topa,
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

XXVI

Quem de falsa infamou a antiguidade,
De seus mistérios a razão não sente:
Ela mentir não quis, mas sabiamente
Expor em vivas formas a verdade:

Se monstros de cruel voracidade
Com lindo rosto finge, a sua mente
Ante os olhos foi pôr-nos vivamente
Das mulheres a infame qualidade.

Gerou em toda a parte a Natureza
Estes monstros cruéis, estas Sereias,
Que tramam mil traições com a beleza:

Mas se de suas vis artes, vis ideias
Quiser alguém provar a sutileza,
Venha do Tieté, venha às areias.

XXVII

Mário, que a Roma do fatal estrago,
Que dos Cimbrios a bárbara corrente
Lhe ameaça feroz, salvou valente
Tornando a terra de seu sangue um lago;

Desterrado da pátria, aflito, e vago
Da adusta Líbia pelo campo ardente,
A dor consola, que no peito sente,
Vendo as ruínas da infeliz Cartago:

Assim Vós, que Elísia combatida
De cem monstros salvastes glorioso,
E Elísia desterrou desconhecida,

Alvío achar podeis ao mal penoso;
Não vendo uma Cidade destruída,
Mas um povo por Vós feito ditoso.

XXVIII

Colhendo um dia conchas de entre a areia,
Doutras Ninfas gentis acompanhada,
Qual a Aurora de estrelas rodeada,
Andava a formosíssima Treseia.

Apenas toca a praia, o mar enfreia
A fúria, com que quebra na enseada,
E das ondas a face prateada
Toda de húmidos peixes se viu cheia.

Amiclas pescador, que um grosso lanço
No côncavo saveiro recolhia,
Deixou cair as redes no remanso.

Mas logo em si tornando, assim dizia:
«Por ti, Ninfa, perdi vida, e descanso,
«Perdi rede e, a ter mais, mais perderia.»

XXIX

Via o Tempo confuso o ardimento,

Com que Elisia se alçava das ruínas;
Via as Ciências, as Artes peregrinas
Em seu seio formar ditoso assento.

Via os Lusos baixéis com áureo vento
Avassalar as ondas Neptuninas;
E em destros batalhões as sacras Quinas
Nos ares florear com novo alento.

E querendo prostrar tudo por terra,
A grande empresa os Anos não convida,
Pois vê que lhe fariam em vão guerra:

Chama a Morte, que a foice enfurecida
Desferindo, num ponto tudo aterra,
Cortando de José a augusta vida.

XXX

«Amor, que de mil triunfos vais ufano,
«Vês-me aqui sem pavês, sem lança, ou malha;
«Pois assim mesmo em desigual batalha
«Contigo não duvido entrar, tirano.

«Eia pois, o arco assesta desumano,
«As setas uma a uma ao vento espalha;
«Que enfim te hei-de render, sem que te valha
«Nem teu grande poder, nem teu engano.»

Desta arte soltamente a Amor falava
Um dia meu ousado pensamento,
Que embalde na razão se confiava:

E Amor, para punir seu ardimento,
Rindo-se, não tirou seta da aljava;
Teus olhos me mostrou, gentil portento.

XXXI

Alma triste do Pina, que orgulhosa
Em torno de Hipocrene andas vagando,
Por duros consoantes barregando,
Ocupação ao Vate trabalhosa:

Se lá na sua margem pantanosa
Com as mãos e focinhos chafurdando,
Do negro fundo alguns fores sacando,
Bem mos podes mandar para uma glosa.

Tu, que foste no mundo forte asilo
Da rimada Poesia, e firme afecto
Mostraste ao sábio imitador daquilo;

Bem mos podes mandar, que eu te prometo
Ao teu nome compor em teu estilo
Um túrgido e enigmático Soneto.

XXXII

Raiavam no Horizonte os resplendores
Da marchetada Aurora, que esparzia
Das soltas tranças sobre a terra fria
Um mimoso chuveiro de mil flores:

Ao mesmo passo Aglaia, os meus amores,
Pelo cume de um monte aparecia,
Enchendo a selva toda de alegria
Com a luz de seus olhos triunfadores.

Vinha tão bela, tão airosa estava,
Que no rosto gentil, gentil postura
A terra e o mesmo Céu se namorava:

Então vi que ante a sua formosura
Cheia de pejo a Aurora se ocultava,
Qual ante a mesma Aurora a Noite escura.

XXXIII

Daqueles fios de ouro, que ondeados
Guarnecem de teu rosto a neve pura,
A rede Amor teceu com travessura,
Onde presos ficaram meus cuidados.

Eles, que costumavam confiados
Ir contemplar a sua formosura,
Nela, sem suspeitar tal desventura,
De improviso ficaram enredados.

Ali gemem cativos: e se em pranto
Banhados a Amor pedem, que piedoso
Rompê-la lhes consinta, ou desatá-la;

O traidor lhes responde caviloso:
«Se a dourada prisão vos cansa tanto,
«Quem, loucos, vos mandou, dizei, buscá-la?»»

XXXIV

Qual colhe o puro mel na fresca rosa
Loira abelha, voando em verde prado,
Doce néctar libava o Deus vendado
Na boca de Licoris graciosa.

A minha alma, que o via, de invejosa
Solta após ele o voo acelerado;
Mas o moço, empunhando o dardo irado,
A fazia afastar toda medrosa.

Tanto instou a infeliz na louca empresa,
Que o zeloso frecheiro impaciente
Três vezes a feriu com grão crueza.

Cai a triste, e acabara cruelmente,
Se de Amor vendo a Ninfa a fúria acesa,
Das mãos não lhe arrancara a inocente.

XXXV

Enterrado o punhal no peito brando,
Do qual o sangue em borbotões pulava,
Sem cor, fria, e da morte, que os cerrava,
Os olhos entre as sombras já nadando:

A débil e cortada voz alçando
Entre os crebros soluços, que exalava,
A mesquinha Lucrecia assim falava,
Sua inocência a todos atestando:

«Testemunhas me sejam, que ilibada
«Em meu peito guardei perpetuamente
«A fé nas aras de Himeneu jurada;

«Aos mortais o punhal e o sangue quente,
«E aos Deuses lá na Olímpica morada
«Este que exalo espírito inocente.»

XXXVI

Do Troiano infiel desamparada,
Furiosa os Reais Paços corria
A miseranda Elisa, e neles via
Pendente do tirano a fina espada.

Gemendo, a mão lhe lança arrebatada,
E com ela falando, assim dizia:
«Cruel espada, tu serás mais pia
«Que o traidor, dele não em vão deixada.»

E aos Céus alçando os olhos, continua:
«Ó Numes! Se entre vós justiça mora,
«Do pérfido tomai justa vingança:

«Vós puni minha morte com a sua.»
Disse, e despindo a espada cortadora,
Com torva vista o peito nela lança.

XXXVII

Já as rosadas Horas vigilantes
Dourando vem o dia venturoso,
Dia em que sobe ao Sólido majestoso
Luís entre as virtudes estelantes.

De novas plumas, plumas coruscantes,
A fronte cinge pois, Brasil vaidoso,
Enquanto ta não cinge o Herói famoso
Dos louros das vitórias triunfantes.

Ele na branda paz, ou guerra irada
Ditosa te fará, ditosa terra,
Ou já vibrando a pena ou já a espada.

Que Palas, que mil dons em si encerra,
Benigna as artes dá na paz dourada,
E ministra o valor na férrea guerra.

XXXVIII

Da América no rumo do Oceano
Uma galé os páramos cortava,
E a chusma dos Amores, que remava,
Rege duro Comitre, Amor tirano.

O vento que a seguia, o leve pano,
Galerno respirando, lhe enfunava;
E o mar, que as verdes ondas empolava,
Sob o longo esporão se torna plano.

Quando Proteu do fundo mar rompendo,
Onde vais, lhe bradou, moço atrevido,

Deixa a terra, a que vais veloz correndo;

Nela Pluto somente é conhecido.
Então a aguda proa atrás volvendo,
Ao porto, que deixou, torna Cupido.

XXXIX

Debaixo dos pendões de Amor insano
Grão tempo militei gloriosamente
E não uma só vez ornei a frente
Dos verdes mirtos de Citera ufano.

Inda pendem no Templo do tirano
Ricos despojos, que ganhei valente
Ao jugo submetendo felizmente
De cem Ninfas o orgulho e feio engano.

Mas hoje, que do Tempo a mão nevada
O sangue me congela e me enfraquece,
Ceda-se o campo, as armas penduremos:

E da arrogante Neera, que obstinada
A meu rogo, meus votos escarnece,
O triunfo a novo Campeão deixemos.

XL

Hoje faz nove dias justamente,
Que ao Parnaso subiste Varão grande,
Dado ao mundo por Deus que tudo o mande,
Para riso, e prazer da Lusa Gente.

Então cingida a eriçada frente
Da planta, que ama o Deus, que as luzes brande,
Versos mais doces do que açúcar cande
Cantaste ao som da Lira docemente;

Mas hoje da Retórica formosa
A corrente soltando arrebatado,
Que em Florinda bebeste copiosa;

A todo este congresso tens mostrado,
Que ser mereces instalado em prosa,
Como foste nos versos instalado.

XLI

Mal da Fama o clarim no campo aéreo
Ao Orbe a grande nova faz patente,
De que ousado baixel no Ocidente
Havia descoberto outro hemisfério:

Quando Vénus deixando o assento etéreo,
Na áurea concha se embarca, e ledamente
A Amor diz: «Vamos ver a nova gente,
Vamos, filho, estender o nosso império.»

«Não, Amor lhe responde, sem mim corta
Dos pátrios campos a salobre esfera,
Que eu do fero Neptuno temo a sanha.»

Desta arte parte a Deusa, e em breve aporta
Só sem Amor à nova terra estranha,
E sem Amor desta arte nela impera.

XLII

Cantando ao rouco som dos duros ferros
Engana o triste preso o seu cuidado;
Cantando o lavrador atrás do arado
Vai do monte rompendo os altos serros:

Cantando passa os dias nos desterrros
O que aparta da pátria o duro Fado:
Canta o pobre vaqueiro desvelado
Levando para o pasto os seus bezerros:

Cantando o pescador na tempestade
O furor da tormenta embravecida
Faz menor com a doce suavidade:

Só eu longe de ti, bela Marfida,
Padecendo o rigor duma saudade
Gasto em contínuo pranto a infeliz vida.

XLIII

Na borda de uma fonte fresca e pura,
Que o verde prado esmalta de mil flores,
Fido feliz pastor, que entre os pastores
Do Mondego logrou alta ventura,

Cansado de seguir entre a espessura
A fugaz lebre, os gamos voadores,

Se senta, e contemplando as lindas flores,
Nas flores vê de Nise a formosura.

Admirado o Pastor que a Natureza
Retratasse a Pastora em toda a parte
Exclama «Ó singular, rara beleza!

«Céu e terra se empenham em copiar-te:
«A terra destas flores na lindeza,
«O Céu no resplendor que o Sol reparte.»

XLIV

Já a neve deixou o altivo monte,
Que de relva outra vez se está cobrindo:
De novo luto já se vão vestindo
As gentis Irmãs do audaz Faetonte:

Já corre cristalina a fresca fonte,
Pelos prados mil flores produzindo,
Os doces rouxinóis se estão ouvindo,
O Sol brilhante nasce no Horizonte:

O mundo vejo encher-se de alegria,
Dando mostras do seu contentamento
O Sol, o prado, a selva, a fonte fria.

Só não acho no próprio pensamento
Mais que horror, sendo a mesma fantasia
O motivo maior do meu tormento.

XLV

Francisco invicto, raio de Mavorte,
Rasgando as ondas do soberbo rio,
Cobriu de sangue e fogo a fera Diu,
Brandindo denodado a lança forte.

Vós, Senhor, sangue seu, com igual sorte
Cobrando o usurpado Senhorio,
Do Hispânico Leão pisaste o brio,
Derramando em seu campo o horror, e a morte.

Brasil ditoso, ou já na paz dourada,
Ou no furor da guerra proceloso,
Debaixo do seu Ceptro, e sua espada!

Mas oh! e quanto foras mais ditoso,

Se quanto de seu nome a fama honrada
Seu império durara glorioso!

XLVI

Nas soltas asas do sonoro vento,
Ameaçando incêndios e ruínas,
Embora cruze as ondas cristalinas
Em cem baixéis o Hispânico ardimento.

Que ou nos páramos do húmido elemento,
Ou no Brasil nas prósperas Campinas,
Na espada encontrarás, que tu fulminas,
As loucas esperanças escarmento.

O forte Português por ti guiado,
Impávido arrostando a feia guerra,
Deixará seu orgulho castigado:

Então verá Espanha o quanto erra;
Que não foi Nuno só a Lísia dado
Para açoite e terror da Hispana terra.

XLVII

Sobre a matéria e forma delirando
Do Estagirita a grande sutileza,
Que aleives não impôs à Natureza,
Que depois foram Frades propagando!

De outra sorte Epicuro meditando,
Aos seus ouvintes disse com certeza,
Que desta imensa mole a redondeza
Se fora toda de átomos formando.

Se no mundo o *Feijó* então houvera,
Que o mundo se compunha certamente
De *Feijós*, e não átomos dissera:

Ou discorrendo mais profundamente,
Que de muitos *Feijós* se compusera
Um átomo diria sabiamente.

XLVIII

Amor, bradava Elpino delirante,
Se merece um teu servo ser ouvido,

Arma o arco, fulmina enfurecido
Tinta em peçonha a seta penetrante:

Ódios, Iras, Traições a todo o instante,
Cruel Ciúme de áspides cingido,
E cem Fúrias do Tártaro insofrido
Rasguem o coração de uma inconstante.

Castiga sem piedade a aleivosia
De uma tirana, se a razão te toca:
Mas que digo? Perdoa, ó Ninfa impia!

Perdoa, que na dor, que me provoca,
Se contra ti vingança a Amor pedia,
Minha alma não falou, falou a boca.

XLIX

Vendo a bulha que vai no Luso Pindo,
Amigo Melibeu, fico suspenso:
Noutra coisa não palra o povo denso;
Mas o sábio de todos se está rindo.

Vomita Homeros quem um Grego ouvindo
Cuida que é Maratá a Goa infenso:
Com larga mão se queima torpe incenso
A Garção, Quita, Matos e Tremindo.

O Garção não foi mau, algum bocado
Quita de Poesia tem selecta,
Bem que dele o melhor seja furtado.

Há engenho no Pina; mas a meta
Trespasou, ora humilde, ora empolado;
Quem o tem por modelo é mau poeta.

L

Um braço branco como a mesma neve
Vi lançar fora de uma zelosia;
E Amor, que já de longe me seguia,
O instante, que buscava, pronto teve:

Dele o arco formou e a seta leve,
Com que rasgar-me o peito pretendia,
E sem ver quem cruelmente me feria,
O coração ferido vi em breve.

De que artes usa Amor, e de que enganos
Para senhorear tiranamente
O Coração dos míseros humanos!

Que vale fugir, se voa velozmente,
E espiando a ocasião de nossos danos,
Quando menos se teme está presente?

LI

Que importa dessa carta a falsidade,
Que contra meu amor hoje conspira,
Se não podem as sombras da mentira
Escurecer as luzes da verdade?

Se do fado cruel na adversidade
A fé de um fino amante mais se admira,
Contra mim se conjure a sua ira,
Que então mais brilhará minha lealdade.

Como o Sol, cuja luz, cuja pureza
Não podem desluzir grossos vapores,
Que intentavam manchar sua beleza,

Serão, ó bela Aónia, os meus amores;
Pois não hão-de ocultar sua fineza
Dum vão engano os pérfidos horrores.

LII

Já surde o grão Baixei, Brasil ditoso!
Cobre-te de prazer, deixa o receio;
O grão Baixei, que de esperanças cheio,
Soberbo arava o Campo proceloso.

Luís de teu império populoso
Destinado a reger o rico freio
Ele alegre te traz no feliz seio,
Luís de altos Heróis ramo glorioso.

De Témis a librar na áurea balança
Há tanto costumado o forte braço,
Prémio e pena à virtude, e à sem-justiça;

Em tomando do Ceptro a governança,
Que pode derramar em teu regaço
Senão dias de paz, e de justiça?

LIII

Às senhoras D. Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, D. Maria Inácia Policena da Silveira, D. Iria Claudiana Umbelina da Silveira.

Absorto entre as três Deusas duvidava
Paris a qual o pomo entregaria:
Sem véu as perfeições de todas via,
E quanto via mais, mais vacilava:

Se qualquer de *per si* atento olhava,
Em seu favor a lide decidia,
Mas logo resolver-se não sabia
Quando juntas depois as contemplava.

Enfim um não sei quê, que a Natureza
Mais liberal com Vénus repartira,
O move a dar-lhe o prémio da beleza.

Ah! Se igual entre vós lide se vira,
O mesmo Páris cheio de incerteza
Nunca a grande contenda decidira.

LIV

Amor, famoso artífice de enganos,
Ante meus olhos se apresenta um dia,
Brando e suave, e não, qual já soía,
Armando o arco, e ameaçando danos.

Então com brandas vozes: «Dos humanos
«Eu sou prazer e glória, me dizia:
«Seriam sem a minha companhia
«Os mortais quais os tigres desumanos.

«Segue-me, pois, se queres ser ditoso:
«Célia, do Tieté gentil pastora,
«O pastor te fará mais venturoso.»

«Vai-te Amor (lhe tornei) deixa-me embora;
«Que tu por natureza és aleivoso,
«E Célia, se é mulher, será traidora.»

LV

Quem é este famoso Arquipoeta,
Que o rebelão Pégaso esporeando,

Por charcos e atoleiros galopando,
Do pejo, e da insolência passa a meta?

O veneno infernal, que o inquieta,
Pelos olhos e ventas respirando
Em mil trovas, mil pulhas vai lançando,
Com que o Luso Parnaso todo infecta.

Mas a mirrada Inveja, que montada
Na garupa lhe vai, e impaciente
O infame coração lhe morde irada;

«Afastai, afastai, grosseira gente,
«Deixai passar Matúcio (grita, e brada)
«Doutor em prosa e verso omnisciente.»

LVI

É tanto e tão contínuo o meu tormento,
Belíssima ocasião de meus ardores,
Que não podem do campo as lindas flores
Em número igualar meu sentimento.

Tanta estrela não tem o firmamento
Quantas meu peito sente cruéis dores:
Mais que no abismo as penas, os rigores
Se duplica em minha alma o mal violento.

Mas em vão o discurso se desvela;
Pois mais fácil será o numerar-se
O infinito, que o mal de minha estrela:

E se há no mundo a que possa igualar-se,
As tuas prendas são, ó Ninfa bela,
Que por imensas não podem contar-se.

LVII

À fama vil da fuga vergonhosa
Do Luso, ou vejo, ou ver se me afigura
Que se abre, e sai da fria sepultura
De Nuno invicto a sombra gloriosa.

E a voz alçando irada e pavorosa,
Portugal, exclamar: «Que é da bravura,
«Com que um tempo venceste em guerra dura
«A que te enche de horror gente orgulhosa?

«Ora pois, já que dos Avós triunfantes
«O exemplo, o meu, a dor da Pátria amada
«Nada vos move a resistir constantes:

«Contemplai que se não brandis a espada,
«Uma morte sem honra buscais antes
«Que uma morte, que deixa a vida honrada.

LVIII

Nuno, flagelo do feroz Hispano
Entre a brava falange numerosa
Com pouca se arrojou gente briosa,
E súbito a cobriu de imenso dano.

Seguindo a mesma estrada Sancho ufano,
Ao fulminar da espada procelosa,
Do Canal a Campanha gloriosa
Feroz alaga em sangue Castelhana.

Hoje porém do ilustre esforço antigo
Se esqueceu o Luso, e os bélicos arneses
Deixa no campo à vista do perigo.

Vós, que a Virtude amais, ó Portugueses,
A vingança correi, que o inimigo
O mesmo é, que vencestes tantas vezes.

LIX

Roto em Canas o Exército Romano,
Roma estremece, e já ver imagina
Banhado em sangue da fatal ruína
Sobre seus muros Aníbal insano.

Mas Marcelo, que em tanto horror, e dano
Não perde o brio da Nação Latina,
As forças lhe sopeia, e lhe arruína,
E enfim triunfa do inimigo ufano.

Pise embora o Espanhol nossa Campanha;
Tu, Marcelo serás da Lusa gente,
Tu, novo açoite da feroz Espanha:

E qual do grão Francisco no Oriente
Assombra o nome a terra mais estranha,
Dará teu nome assombro no Ocidente.

LX

Lágrimas, ais, desejos, e esperança,
Ficai entre estes montes levantados
De todo para sempre sepultados,
Porque de vós não haja nem lembrança.

Se aqui algum mortal com segurança,
Quiser entrar, em ecos magoados
Volta os passos, bradaí, volta apressados,
Se não vens adorar a vil mudança.

Mas se acaso intentar saber primeiro
Quem do perigo o avisa, tristemente,
Tomai-lhe de entre o horror da soledade:

A sombra sou do amor mais verdadeiro,
A quem a morte deu tiranamente
Da fementida Jónia a falsidade.

LXI

Já sei que tu não vens sem um Soneto
Ver um Poeta, quando está doente:
Ora pois, meu Henriques, prontamente
Aqui catorze versos te remeto.

Em vão o ouvido banho, e em leite meto;
Que a orelha o zumbido ainda sente:
Acresce uma dorzinha de presente
Que me atravessa os rins, como um espeto.

Dize o que hei-de fazer? Se hei-de purgar-me,
Ou porque a purga me ache evacuado,
Se antes dela será melhor sangrar-me?

Receita o que quiseses confiado;
Mas assenta que vale mais matar-me,
Que ter-me há tantos dias encerrado.

LXII

Numa rocha que o mar Siciliano
Com suas ondas de contínuo cava.
O fero Polifemo assim cantava,
E a rouca voz atroa o golfo insano:

«Galateia mais cruel que o tigre Hircano
«Mais surda que áspide, e que o mar mais brava,
«Pois foges de um Pastor que te adorava,
«Baco me livrará de Amor tirano.»

Isto dizendo, de um pipote pega
De vinho moscatel, e assim exclama:
«Doce sumo, o melhor da minha adega!

«Amor afoga, que meu peito inflama!»
Então o grosso vaso à boca chega,
E nas entranhas seu licor derrama.

LXIII

De uma horrível tormenta combatido
Vou cruzando de Amor o golfo irado:
De toda a parte o Céu vejo cerrado,
E o vento cada vez mais insofrido.

Oh! se ao porto chegar apetecido,
Bem que náufrago, então inda molhado
Verei outros da praia andar a nado
Lutando com o mar embravecido.

Ali as tábuas do baixel colhendo,
Os mares pintarei em tempestade,
Por debaixo estas Letras escrevendo:

«Tal é de Amor a fera qualidade:
«Ao princípio está gostos prometendo,
«Depois todo é furor e crueldade.»

LXIV

Dá-me, meu Condão, dá-me esse vaso.
Em que brilha a soberba malvasia;
Dá-mo prestes, que em tão ditoso dia
Há-de tudo comigo ir aqui raso.

Vê pois com que prazer no bucho o vaso
A saúde de tua gentil Tia:
Eia vá outro deste em companhia,
Toca e bebe, Pastor: ai que me abraso!

Eis outro bebo: Ó planta peregrina!
De que Baco derrama entre os humanos
De líquidos alambres chuva fina:

O Céu dos temporais te isente aos danos;
Porque brindando à Tia Catarina,
De teu licor bebamos muitos anos.

LXV

Quem é este mancebo, que librado
Em as asas sutis, sobre as areias
Do branco Tejo forma mil coreias,
Dos Gostos, dos Amores rodeado?

Mas já à crespa planta, ao véu sagrado,
Ao nupcial anel, de que te arreias,
As que brandindo vens augustas teias,
Eu te conheço, ó Nume suspirado.

Quem, Himeneu, te traz do firmamento?
Mas eis soa do coro a melodia:
«Pedro e Maria vivam hoje esposos.»

Pedro e Maria em santo ajuntamento
Hoje prende Himeneu! ó feliz dia!
Ó três vezes e quatro nós ditosos!

LXVI

Eis um novo Trasão temos na Cena,
Porém da fama mais agigantada,
Pois mais do que obrava o outro co'a espada
Faz o nosso Matúcio com a pena.

Trezentos homens sem trabalho ou pena
Matava aquele de uma cutilada,
E mil Doutores duma só penada
Ao negro esquecimento este condena.

Ele sabe o que ignora toda a gente,
Qual foi de Evandro a Mãe, e qual de Caco
E hoje em linha recta o descendente.

A ninguém deu o Céu tão grande caco:
Pois até ciência tem de que o prudente
Ulisses nunca usara de tabaco.

LXVII

Enquanto por amor não suspiravas
Nem sentia os rigores de Treseia,
Nenhum dos pegureiros desta Aldeia
No prazer, e ventura me igualava.

Umás vezes na luta me empregava
Do manso Tejo sobre a branca areia,
Outras vezes ao som da sua veia
O bem da liberdade celebrava.

Mostrou-me Amor as graças desta impia,
Quando o Sol se escondia no Horizonte.
E com ele se foi minha alegria;

Pois desde então não faço neste monte
Mais que em contínuo pranto noite, e dia
Aumentar as correntes desta fonte.

LXVIII

Se dentre as negras nuvens Jove lança
Com rubra mão o raio estrepitoso;
Também esmalta o Céu do arco vistoso.
Sinal certo de paz e de bonança.

Se batendo Neptuno a algosa lança
Revolve as grossas ondas furioso;
Também correndo o campo proceloso,
Dos bravos ventos o furor amansa.

Só a estrela cruel, que desde o berço
Soltando a fera sanguinosa coma,
De minha triste vida os passos segue;

A grande fúria em que arde nunca doma:
Antes brotando estragos, me persegue
Cada vez com aspecto mais adverso.

LXIX

Teseu! falso Teseu! onde tirano
Te vais, e assim me deixas sem piedade?
E esta a prometida lealdade?
De tanto amor é paga tanto engano?

Vingança, justo Céu, Céu soberano,
Testemunha da sua crueldade!
Caia das nuvens solta tempestade:

Abra-se o mar, e trague o desumano.

Assim de uma alta rocha aos Céus bradava
A traída Ariadna apontando
Para a Nau, que o traidor Teseu levava.

Mas de balde: que o vento sussurrando
Cada vez mais galerno respirava
Do fugaz pinho as velas enfunando.

LXX

Amor, o mais tirano dos tiranos,
De meu coração vendo a rebeldia,
Eu sou, com torvo aspecto me dizia,
Quem faz tremer os míseros humanos.

Eu dos Afros Leões, Tigres Hircanos
A meu jugo submeto a tirania,
E tu só (quem te deu tanta ousadia?)
Me insultas, e não temes os meus danos!

Não temo, não, lhe torno soltamente;
Que nada o vigor vaie com que nos trataas,
Contra nós, se nós contra ti velamos:

Que esse grande poder de que te jactas,
Esse que faz tremer a humana gente,
Não é teu, cruel monstro, nós to damos.

LXXI

Pintar querendo Zêuxis os primores,
Que exalçarão de Helena a formosura,
Cinco damas solícito procura
No talhe, e na beleza superiores.

No quadro então lançando as vivas cores,
As suas perfeições destro mistura;
E unindo-as todas numa só figura,
De Helena debuxou os resplendores.

Se tu de Auliza viras a beleza,
Quanto trabalho, ó Zêuxis, te pouparas
Na cópia, que tomaste por empresa!

Pois copiando os dons e as graças raras,
De que a dotou benigna a Natureza,

Helena só com elas retrataras.

LXXII

Arrojando o grilhão. de uma esperança
O mísero cativo a vida alenta:
Espera o navegante na tormenta
Ver trocados os ventos em bonança:

Longe da cara pátria, na lembrança
De ainda a ver, um triste se contenta
E o infeliz seus desejos alimenta
Da fortuna cruel com a mudança.

Todos têm esperança em seus cuidados,
Enquanto a vida tem o doce alento,
Inda os que a Sorte fez mais desgraçados:

Só eu de tanto alívio estou isento;
Porque quando esperei os teus agrados,
As minhas esperanças dei ao vento.

LXXIII

Que bela, que rosada no Oriente
Vem assomando a luz do novo dia!
E que grata das aves a harmonia
Pelo ar se dilata docemente!

Nosso gado retouça mais contente,
Pascendo a seu sabor a relva fria:
E o brando e doce bafo da alegria
Em toda a parte respirar se sente.

Este estranho prazer, que o Céu e a terra
Hoje mostrando estão, algum portento
(Dizia Sílvio a Elpino) em si encerra:

Hoje Auliza (lhe torna Elpino atento)
Nasceu: e esta (se a mente me não erra)
A causa é do geral contentamento.

LXXIV

Enquanto de um cordeiro tosquiava
A fina e branca lã o triste Elpino,
Desta sorte às florestas se queixava,

Cantando ao som do rio cristalino.

«Que dia, bela Aónia, se passava,
«Sem que eu visse teu rosto peregrino!
«Que noite a meus ouvidos não chegava
«De tua doce voz o som divino!

«Pois como tão mudada estás agora,
«Que te esqueces de mim e do desvelo,
«Com que te busco e chamo a toda a hora!

«Ah! não escondas, não, teu rosto belo!
«Torna a ver-me, e terás, gentil Pastora,
«Deste tenro cordeiro o mole velo.»

LXXV

Forma em seu curso o Tejo um fundo pego,
Onde lenho jamais boiou ousado,
Cuja entrada defendem com cuidado
Dois Tritões, que de guardas têm o emprego.

Aqui com suas Ninfas em sossego
O Rio um dia estava retirado,
Quando nas claras ondas alterado
Um estranho sentiu desassossego.

Lançou fora a cabeça da água fria
E um barco viu, que entrava solta vela:
«Donde, bradou, te vem tanta ou sadia?»

Mas de Pombal no porto vendo a estrela:
«Basta, prossegue, aquela luz te guia:
E quem ousará tanto a não ser ela?»

LXXVI

«Esta Árvore gentil (planta ditosa!
«Nunca do frio Inverno a mão gelada
«A tua rama creste; antes copada,
«Antes crescendo vás sempre viçosa!»

«De Elpino pela mão obsequiosa
«De Amor ao terno Deus foi consagrada;
«Ninfas, Pastores, sempre respeitada
«Sua sombra vos seja deleitosa.»

Assim cantava Elpino à sombra fria,

Que na relva espalhava um fresco ulmeiro,
Que às nuvens com os ramos seus subia.

E de Amorzinhos um tropel ligeiro
A frente de altos mirtos lhe cingia,
De seu triunfo prémio lisonjeiro.

LXXVII

À tua sombra foi, frondente ulmeiro,
Que Clóri rematou minha ventura;
Aqui de seu amor, sua ternura
O penhor me entregou mais verdadeiro.

Todos os anos um novel cordeiro,
Se meu rebanho como espero atura,
Ofertar-te virei, e de água pura
Tuas raízes regarei primeiro.

Isto dizendo, em torno ao tronco erguido
Derrama Elpino mil fragrantas flores,
E ao partir-se deixou nele esculpido:

«Ao meigo Deus consagra dos Amores
«Esta árvore ditosa agradecido
«Elpino, o mais feliz dentre os pastores.»

LXXVIII

Alto Senhor, que o nome teu levantas
Sobre as asas da Fama ao Céu subido,
E de imensas virtudes assistido,
A Pátria, a Europa, o Mundo todo espantas:

Entre O longo processo de acções tantas,
Que tem a mesma Inveja emudecido,
Ampara à sombra tua um desvalido
Que chega sem patrono às tuas plantas.

Os Varões como tu, a terra ornando,
Da Glória no excelso templo entraram
De demência e castigo exemplos dando:

Temerários soberbos, que se alçaram
Quais do Líbano os Cedros, derribando,
A virtude e os humildes levantaram.

LXXIX

Era alta noite, e plácida luzia
No Céu sereno a prateada Lua,
Quando em meus braços da constância sua
Nerina mil protestos me fazia.

Amor, que com suave tirania
Em meu peito gravou a imagem tua,
Amor, meu caro Elpino, me destrua
Se a outro amar, Nerina me dizia.

Correram poucas Luas, a outro amante
A fé que me jurou Nerina rende;
E Amor o vê, e sofre a inconstante!

Quem deste monstro a condição entende!
A quem o serve atormenta a todo o instante,
E deixa em paz viver a quem o ofende.

LXXX

Um dia Amor as armas temperadas
Dos amantes no sangue desgraçado,
Quis provar; e meu peito de ira armado
Põe por alvo às hastes emplumadas:

Arma o arco, e as cruéis setas ervadas
Uma após outra atira confiado:
Mas oh! e qual ficou de envergonhado,
Quando todas cair viu despontadas!

Raivoso quebra o arco, e a mão pragueja;
Voa chorando aos braços de Ericina,
Que neles o consola, afaga, e beija;

«Filho, lhe diz, se tua mão divina
«Esse fero mortal ferir deseja,
«Nos olhos o salteia de Nerina.»

LXXXI

Oh! que aflito, que só, que maltratado
A ânsia cruel me tem, a dura pena,
A que a triste saudade me condena
Por decreto fatal do injusto Fado!

Se por me divertir procuro o prado,

O prado me aborrece, a selva amena;
Que o contínuo rigor da Sorte ordena
Alívio não alcance o meu cuidado.

Enfim, tanto a dor sinto e de tal sorte,
Que estimarei que a vida não resista
Da rigorosa Parca ao duro corte.

Porque menos sentira em tal conquista
Os efeitos cruéis da dura morte,
Do que a falta, meu bem, da tua vista.

LXXXII

Áurea Lira, que tens de imortal C'roa
De cem Heróis a fronte guarnecido,
E seu braço tens feito conhecido
Desde o ocaso do Sol à plaga Eoa:

Áurea Lira, por ti meu nome soa
Em Germânia da Fama repetido;
E por ti de brilhante luz cingido
A par do Tempo à Eternidade voa.

Tu és, ó áurea Lira, o precioso
Único bem que em minha sorte escassa
Me não pode roubar o Fado iroso;

Mas por ti em o fundo da desgraça
Que os ricos Midas me hei por mais ditoso;
Vejo sem susto o mal, que me ameaça.

LXXXIII

Em vão batendo lisonjeira as penas,
Ó Fortuna, me cercas; que eu usado
A conhecer quem és, pelo passado
Vejo quais são os dons com que me acenas.

A rica perspectiva dessas Cenas
A outro pinta mais alucinado;
Que eu de ti, e teus bens escarmentado
Em nada creio do que tu ordenas.

Deixa-me em paz, que eu nada de ti quero,
Se risonho me mostras o semblante;
Nem te temo, se o vejo irado, e fero.

Esta vereda seguirei constante,
E por ela c'roar meu nome espero
Da alta Fama no templo cintilante.

LXXXIV

Onde voas, ó louco pensamento,
Após um falso lisonjeiro agrado!
Não receias cair precipitado?
Icaro não te serve de escarmento?

Essas torres, que fundas sobre o vento,
O mesmo vento as desfará irado.
Ah! que então pela terra derribado
Mofa ao mundo será teu vão intento.

As asas cerra enfim, o voo abate,
Enquanto te concede a Sorte escura,
Que teu justo castigo se dilate:

Mas tu não me ouves, e com mais soltura
Te elevas! ora pois as penas bate,
E depois não te queixes da Ventura.

LXXXV

Por Tisbe de um fervente amor insano
Píramo arde, e por ele mutuamente
Arde Tisbe de amor impaciente,
Cujo fogo assoprava o Deus tirano.

Os altares do Nume desumano
Cada qual frequentava reverente;
Seu favor implorando humildemente,
Que o traidor lhes promete com engano.

De seu amor fazer enfim ditoso
Na suave esperança, a um bosque os guia,
Onde a morte lhes trama caviloso.

Se este monstro com tanta aleivosia
Premeia a quem o serve obsequioso,
Vai, meu coração, vai, de Amor te fia.

LXXXVI

Lira, que ao colo meu sempre pendente,

De meus anos tens sido na carreira
De meus gostos e mágoas companheira,
Vem acompanhar a dor que o peito sente.

Se talvez te toquei ledo e contente,
E tu me respondeste lisonjeira,
De vozes muda, e fiel parceira
Triste a chorar me ajuda o mal presente.

A fé, que me jurara, a outro amante
Aglaiá deu, Aglaia, a quem fizemos
Do Tempo tragador voar triunfante;

Como sofrer, ó Lira, poderemos
Um golpe tão cruel, tão penetrante!
Ah! de pura pena ambos estalemos!

LXXXVII

Monstros do escuro Averno, cruéis zelos
Que em paz me não deixais nem um instante,
Outro pintando mais ditoso amante
De Treseia infiel nos braços belos;

De que servem as fúrias, os desvelos
Com que agitais minha alma delirante,
Se os grilhões não quebrais de diamante,
Mas aos duros fuzis dobrais os elos!

De vós embalde o coração espera
Romper o laço, que cruel o prende,
Pois vossa raiva amor, não ódio gera:

E se o vosso furor mais fogo acende,
Não me lembreis, cruéis, a traição fera,
Deixai-me em paz amar a quem me ofende.

LXXXVIII

De longas experiências adargado
Voava o coração seguro e isento,
Sem as frechas temer de Amor violento,
Nem os laços que tece acautelado:

Quando sem o pensar fica enredado
Num cabelo, que ondeia entregue ao vento;
E enquanto de soltá-lo os modos tento,
Ali foi do Tirano asseado.

Agora preso, e em cem partes ferido
Se amesquinha, maldiz a sorte escura,
Em pranto e sangue todo derretido.

São mortais as feridas, não têm cura,
Mas pereça: não fora presumido;
E a culpa torne a si, não à Ventura.

LXXXIX

Amor, que contra mim está alerta,
A Aónia deu minha alma agrilhoadada;
E bem que de meu pranto apiedada
A Ninfa estime do tirano a oferta;

Ele um vivo receio em mim desperta
De que firme não é quanto engraçada;
E do frio Ciúme a mão gelada
O triste coração cruel me aperta.

Amor, se agora brando, ou lisonjeiro
A Ninfa tão gentil me tens entregue,
Deixa-me em paz viver no cativoiro.

Mas tu não, é a estrela que me segue,
Quem do mal não contente verdadeiro,
Até com os supostos me persegue.

XC

Fujamos, Melibeu, que anda no monte
Amor de ardentes frechas carregado;
Eu mesmo o vi na aljava recostado
Lá debaixo dos plátanos da fonte.

Apenas me sentiu, alçou a fronte,
Pôs-se em pé; porém eu, enquanto irado
Ele escolhe um farpão, fujo apressado,
Antes que contra mim no arco o aponte.

Correndo após mim vem: entre estes ramos,
Enquanto passa, e vai da nossa aldeia
A vereda seguindo, nos metamos.

Mas ai! que de escapar-lhe é vã a ideia;
Pois se aqui de seus tiros nos livramos,
Nos espera nos olhos de Treseia.

XCI

Parafraseando o epigrama grego de Paulo Silenciário.

Estava eu com Licori à sombra fria
De um florido murtal de Amor tratando;
A Ninfa, seu poder exagerando,
Mil prodígios contou, de que eu me ria.

Ela porque eu pagasse a zombaria,
E de Amor fosse a força em mim provando,
Um cabelo das tranças arrancando,
Ambas as mãos com ele me prendia.

Zombei eu ao princípio destes laços;
Pois ao ver sua frágil contextura
Cri, que pronto os faria em mil pedaços:

Mas logo conheci minha loucura;
Que depois quis em vão soltar os braços,
E a prisão cada vez sinto mais dura.

XCII

Basta, Aónia, que eu já me não defendo,
Venceste enfim; e de lutar cansado
Segunda vez ao jugo carregado
A trilhada cerviz humilde estendo.

Da resistência as armas já te rendo,
De teu grande poder desenganado,
E a teus pés pela terra vil prostrado
Da vencedora as leis sujeito atendo.

Eis aqui alma, vida e liberdade,
Orna com elas, pois me tens vencido,
O triunfal carro cheia de vaidade.

Mas o braço suspende enfurecido,
Que afronta do triunfo a majestade
A lança arremessar contra um vencido.

XCIII

Com mares verdes, e ponteiro vento
As ondas vou cortando do Oceano,

E às praias, que deixei, de balde o pano,
E de balde virar a proa intento.

Crece das vagas o escarcéu violento,
O pólo troa e brama o golfo insano,
Por instantes se aumenta o estrago e dano,
Que aflito reparar, mas em vão tento.

Pelas costuras em cem partes roto
Sorve o baixei os mares revoltosos,
E cada vez mais rijo estala o Noto.

Com a fúria dos ventos procelosos,
Neste estado, e sem leme, e sem piloto
Sem vós posso pairar, ó Céus piedosos!

XCIV

A Dafne, que veloz dele fugia,
Apolo, a quem ferira o Deus frecheiro,
Seguia; e enquanto a segue lisonjeiro,
Oh que doces ternuras lhe dizia!

Mas vendo, que a cruel nada atendia,
O passo aperta, corre mais ligeiro;
E já quase ao travá-la, num loureiro
Viu que a Ninfa gentil se convertia.

Então aos altos Céus vingança clama
Contra Amor, contra sua seta ardente;
Logo o tronco abraçando, assim exclama:

«Pois minha esposa o Céu te não consente,
«Arvore minha serás, e tua rama
«Dos grandes Vates ornará a frente.»

XCV

Sobre um penhasco, donde murmurando
Uma fonte rebenta de água pura,
Elpino recostado, a formosura
Da esquiva Jónia estava contemplando.

O teu corpo, dizia, o cristal brando
Desta água vence, Jónia, na brancura;
E as boninas que rega na frescura
As flores que em teu rosto estão brilhando.

Mas, ai, Ninfa! Que importa, que benino
Tais graças concedido o Céu te tenha,
Se teu rigor desluz o dom divino?

Se mais que este cristal, que se despenha,
Ligeira és, tens no peito adamantino
Um Coração mais duro, que esta penha?

XCVI

Terçada a pele da Némia fera,
No punho a dava, e no ar o braço alçado,
Investe o bravo Alcides denodado
A hidra, que de Lerna o terror era:

Em vão assobiando o monstro espera,
Em vão novas cabeças brota irado;
Que por fim cai por terra derribado
A fúria que o estronca e dilacera.

Mas este mesmo herói arde e suspira
De Onfale aos pés, e ao seu menor desgosto
Se assusta, perde a cor, treme, e delira.

Tanto Amor pode! Ó tu, a quem inspira
Um nobre ardor da glória o gentil rosto,
O fugir dele deste exemplo tira.

XCVII

Se áurea estrela comigo repartira
A sem igual e angélica doçura,
Que enchendo os peitos todos de ternura
Em tua acorde voz tão grata inspira:

Então tomando ousado a ebúrnea Lira,
Ora louvando a tua formosura,
Ora de teus acentos a brandura,
As cordas de ouro sem temor ferira:

Mas já que por influxo do meu fado
Tuas graças me faltam, falta a arte
Para assunto cantar tão levantado;

Ou comigo os encantos teus reparte,
Ou deixa que de assombro arrebatado
Com o silêncio só possa louvar-te.

XCVIII

Navegante, que vê em noite escura
Cerrar-se o dia, a luz do Sol perdida,
E dos ventos a cólera insofrida,
Que a rota nau acapelar procura;

De outra vez não cruzar os mares jura,
Se vivo chega à terra apetecida;
Porém se salva bem que a nado a vida,
Torna entre as ondas a tentar ventura:

Assim eu, ó Treseia, que perdido
Quase por ti me vi, tinha jurado
Fugir teus olhos, teu amor fingido:

Mas a vê-los volvi com tal agrado,
Que dos antigos votos esquecido,
As vagas surco a que escapei a nado.

XCIX

Jasão, cruel Jasão, louca sem tino
Medeia exclama: como num instante
De mim te esqueces, e do amor constante,
Com que errante segui o teu destino?

Do triste irmão a morte, o velocino,
Medeia, a minha mão, esta alma amante
Tens em tão pouca estima, que inconstante
Dás a Creusa o coração indino!

Deusas! filhas da Noite tenebrosa!
Do Cocito saí, a vossa fúria
Naquela alma empregai tão aleivosa.

Não saís? Pouco importa: a minha injúria
Só vingarei, que uma mulher zelosa
Que as Fúrias infernais é maior Fúria.

C

Aónia, amada Aónia, adeus, que o Fado
Que nosso amor logremos não consente;
Ele de ti me arranca, e cruelmente
Novas gentes a ver me leva irado.

Qual seja o meu tormento neste estado
Dizer não pode esta alma, inda que o sente:
Mas bem que seu rigor de ti me ausente
Não riscará do peito o teu traslado.

Onde quem que me leve o meu destino
Ali verão meus olhos saudosos
A imagem de teu rosto peregrino.

E se apesar dos astros rigorosos,
Quiser que inda te veja o Céu benino,
Só então tornarão a ser ditosos.

CENTÚRIA III

SONETO I

Doce Lira! eis de novo o mar se altera,
Que algum tempo surcamos bonançoso,
E Noto pela proa furioso
Com novas tempestades nos espera:

Eia pois, a suave voz tempera,
E enquanto o tempo dura tormentoso,
Ao menos com teu som harmonioso
De suas fúrias o rigor modera.

Em triste, numerosa consonância
De nossa infausta estrela celebremos
Os contínuos assaltos, a inconstância;

E no firme valor, com que os sofremos,
De contrária fortuna, e de constância
De novo um novo exemplo ao mundo demos.

II

Quando a calada noite tem cerrados
Em carregada sombra os frios ares,
E que velando estão só meus pesares
Entre o horror destes montes levantados:

Librados sobre as asas meus cuidados,
Atravessando serras, e altos mares,
Voam a ver saudosos os lugares
Que tu fazes, Aónia, afortunados.

Eles lá te dirão o como pena
A minha alma infeliz entre lembranças
No desterro, a que o Fado me condena.

Se escutando-os um só suspiro lanças,
Se dará por bem paga a minha pena,
Cobrarão novo alento as esperanças.

III

À sombra de um coqueiro corpulento
Estava um dia Elpino recostado;
E das flores, que em roda brota o prado,

Um ramallete concertava atento.

Quando Amor, que cruzando o sutil vento
Dali passava pouco desviado,
Que fazes, lhe bradou, Pastor cansado!
Em que ocupas, Elpino, o pensamento?

Para Anídia gentil de lindas flores
Um mamão teço (lhe responde Elpino)
Anídia, por quem sofro os teus ardores:

Então lhe diz, sorrindo-se, o menino,
Simples pastor, se queres seus favores,
Leva-lhe em vez de flores, ouro fino.

IV

Em torno de Mirtale sem receio
Voava Amor, e dela namorado,
Ora nos olhos, ora no trançado
De prazer lhe saltava, e glória cheio:

Ali mil laços forma, e dali veio
Em mil giros ao colo torneado,
Voa, e revoa, e de voar cansado
Lhe adormece por fim no branco seio.

Mirtale que o Amor dormindo via,
Lhe corta a crespa pluma toda rente;
Acorda Amor, e em vão voar queria.

Elpino, que isto observa atentamente,
«Quem, diz, a não ser tu, Ninfa, podia
«Fazer de Amor instável permanente?»»

V

De um oculto punhal Psiques armada,
Tirar a Amor a vida pretendia,
Pois um fero dragão o presumia,
Das irmãs invejosas enganada:

Quando à luz que levava acautelada,
Em vez do feio monstro que temia,
O lindo moço viu que em paz dormia,
E de vê-lo ficou logo encantada.

Um pingo, que entretanto a luz derrama,

Acorda Amor, e ao ver-se descoberto,
De Psiques foge, que de balde o chama:

«Ah Mirtale! ocultemos nossa chama,
«Que se não arde em sombras encoberto,
«Amor não dura, que os mistérios ama.»

VI

Se deixando os cuidados e a tristeza,
Das musas e na minha companhia,
Queres, Lísio, amanhã, passar o dia,
Vem buscar um amigo, que te preza.

Não verás na frugal e parca mesa
As toalhas, que Flandres nos envia;
Mas as que Guimarães nos tece e fia,
Que são os atavios da pobreza.

Sobre a olha, e sobre um pato bem assado,
O bom vinho do Porto beberemos,
Que na guerra o Inglês faz tão ousado:

Depois ao som das Liras cantaremos;
E quando fores de cantar cansado,
Do mundo, e seus desmanchos zombaremos.

VII

Sobre os Versos de Xenócrates a Mercúrio

A um Mercúrio de cedro, que adorava
O mesquinho Nicon em sua estância,
Do precioso metal pede a abundância,
Mas ao surdo madeiro em vão orava.

Cansado de o rogar, dele pegava,
E em pedaços o faz com grande ânsia,
E o metal, que pedira com instância,
Em larga cópia dentro nele achava.

Quantos a este Mercúrio, com quem antes
Pode a injúria que o rogo, hoje encontramos
Entre os homens, ó Lísio, semelhantes!

Se humildes e submissos os rogamos,
Inflexíveis se mostram e arrogantes;
Mas cedem ao rigor, se os maltratamos.

VIII

Abre, brilhante Fósforo do dia,
Risonho precursor do Sol luzente,
As marchetadas portas do Oriente,
E sua luz imortal próspero guia.

Vem, Fósforo gentil, vem de alegria
Encher os corações da Lusa gente,
Que há tanto que suspira impaciente
Por ver no trono a imortal Maria.

Vem, e ao Sólido verás subir com ela
A Justiça esmaltada da Piedade,
E a santa Paz, que a nós se volve ao vê-la.

Verás brotar a terra a sã verdade:
Verá do Augusto Ceptro à sombra bela
Tomar à grande Lísia de ouro a idade.

IX

«É este (Amor dizia aos mais Amores)
«De meu Império o mais ditoso dia;
«Pois para dilatar-me a monarquia,
«Márcia o encheu, nascendo, de esplendores.

«Depostos pois os finos passadores,
«Descanse o mundo cheio de alegria,
«E para lhe of'recem ide à porfia
«Colher ligeiros mil fragrantas flores.»

Disse, e num ponto sobre o verde prado
Se derrama de Amores um chuveiro,
Que mil belas grinaldas tem formado;

A trazer-tas cada um virá ligeiro,
E eu venho, bela Márcia, alvoroçado
A ser de sua vinda o mensageiro.

X

Já do dia o Planeta luminoso
As flores pinta do viçoso prado;
E das aves o coro sonoro
Pelos bosques o salva alvoroçado:

Já o rude Pastor seu manso gado
Dos apriscos desprende cuidadoso;
Já de mil cães o caçador cercado
O coelho persegue temeroso:

Só tu com os brilhantes resplendores
De teus olhos não vens, Sílvia adorada,
Dar alento à minha alma, e vida às flores.

Fazes bem; que sair de madrugada,
Conforme a opinião de bons Doutores,
Só para a Ninfa é bom que anda opilada.

XI

Vejo cobrir-se o ar de sombra escura,
Que a luz dos astros a meus olhos cerra;
Ante meus pés tremer, abrir-me a terra
No horrendo abismo infausta sepultura:

Opostos furacões com força dura
Sinto rugir-me em torno em crua guerra,
E à luz dos raios com que o Céu me aterra
Só de espectros cruéis vejo a figura.

No meio deste horror, desta agonia,
Por ver se posso achar quem me socorra,
Luta, mas luta em vão a fantasia.

Fechou-se o Céu, não há a quem recorra:
Oh! Se mil vezes mil morro no dia,
Ceda-se ao Fado, e de uma vez se morra.

XII

Num cristalino espelho, que brilhava
De seus olhos gentis c'os resplendores,
A linda Aglaia de engraçadas flores
As douradas madeixas enastrava.

Logo gemada roupa, que imitava
A fresca primavera em seus labores
(Apesar dos desejos dos Amores)
Sobre holanda finíssima lançava.

Mas Elpino que estava junto dela,
Despe a roupa, lhe diz, que tens vestida,

Se queres, Ninfa, parecem mais bela.

Que se Vénus a palma apeteçada
Tem da beleza, para merecê-la,
Vê como a Páris se mostrou em Ida.

XIII

*Dado por uma Menina ao Excelentíssimo e Reverendíssimo D. José Dantas
Barbosa, Arcebispo de Lacedemónia, no dia em que lhe ministrou o Sacramento da
Confirmação.*

Príncipe singular, Pastor sagrado,
Que as ovelhas pascendo com desvelo
Na vigilância sois, e santo zelo
Do Divino Pastor fiel traslado:

Em Cristo o coração todo abrasado,
A vós, Ministro seu, venho ofrecê-lo;
E porque aos olhos seus voe mais belo,
Em a Fé por vós seja confirmado.

Ninguém melhor que vós o Céu propício
A meus votos do santo Sacramento
Podia destinar-me ao exercício;

Pois sendo desta graça o instrumento,
Se na alma aumenta a graça o benefício,
Dá vosso nome ao benefício aumento.

XIV

Fuliginosos Ciclopes suavam
Um corisco batendo retorcido,
E os golpes do martelo endurecido
Pela côncava gruta ressoavam:

Do rubro ferro chispas mil saltavam,
Entre as quais os Ministros de Cupido
Noutra bigorna com menor ruído
Um virotão talhante trabalhavam.

Tanto que a cruel arma esteve pronta,
Amor, para prová-la, destramente
No peito me cravou a aguda ponta:

Da ferida o traidor ficou contente;
Pois desde que o terrível arco aponta,

Não tem ferro vibrado mais ardente.

XV

Num sanguinoso trono, que se alçava
Sobre infelizes corações humanos,
Amor cercado de ásperos Tiranos
Os míseros amantes escutava.

Ali um suspirando se queixava
Dos mortais Zelos, outro dos Enganos,
Tal das Suspeitas, tal dos Desenganos
Com largo pranto queixas formava.

Então sem cor, tremendo ao sólio chego,
E querendo falar, Amor irado
Inda queres, gritou, mais feliz sorte?

E ao bárbaro Receio dando um brado,
Esse louco, lhe disse, hoje te entrego,
Vê que hás-de atormentá-lo até à morte.

XVI

Em Aglaia não amo a luz formosa
De seus brilhantes olhos vencedores,
Bem que exceda do Sol os resplendores
Na manhã mais serena, e deleitosa:

Não amo a linda boca graciosa,
Donde néctar derramam os Amores,
Nem as faces gentis, que as finas cores
Vencem da grã, da púrpura lustrosa.

Amo o siso, a modéstia, a compostura,
Que brilhando entre tanta gentileza,
Deixam ver de sua alma a formosura.

Ela afasta de mim toda a baixeza;
E contemplar me faz na criatura
Qual de seu Criador é a beleza.

XVII

Batendo Amor as asas sussurrantes,
Sem arco, sem farpões, e sem aljava,
Sobre esplêndida mesa ontem voava

Por entre os áureos vasos espumantes:

Eu que o vi sem as armas penetrantes,
Seguro pelas asas lhe pegava,
E numa grande taça o mergulhava,
Vingar querendo os míseros amantes.

Ufano do sucesso incautamente
Todo o licor bebendo, o copo vazo,
Brindando em roda a circunstante gente.

Mas, ai triste de mim! desde este caso
No peito sinto um Mongibelo ardente
E em seu fogo voraz vivo me abraso.

XVIII

Teimoso coração, já satisfeito
Teu empenho estará; pois por Treseia
A arrojard outra vez torno a cadeia,
Que a Razão em pedaços tinha feito.

De novo a seu capricho hoje sujeito
C'os fingidos protestos te recreia;
Já que do mal passado a viva ideia
A mudar te não move de conceito.

Mas se algum dia vires seus favores
Desfazerem-se do ar na esfera vaga,
Os agrados tornarem-se em rigores;

Não acuses a Amor da injusta paga;
Que do mar sem razão culpa os furores
Aquele que segunda vez naufraga.

XIX

A Fortuna e Amor se conjuraram
A fazer-me no mundo desgraçado,
Mas c'ó pranto que tenho derramado,
Do cego Deus as fúrias se amansaram.

As suas cruéis iras se tornaram
Em doces mimos; mas o duro Fado
Mais cruel contra mim se tem mostrado,
Depois que seus rigores se abrandaram.

Ó cega, ó fera Deusa! Quem dizia

Que no mundo era Amor o mor Tirano,
Das tuas crueldades não sabia:

Pode o pranto fazê-lo a ele humano,
E no pranto acha a tua tirania
Uma nova razão para o meu dano.

XX

Bela flor, pela bela mão colhida
Da mais graciosa Ninfa deste monte,
Vem, que dos olhos meus a viva fonte
Pode ser que te alente a tenra vida:

Vem a meu coração, que a ele unida
Sempre o Sol te verá, ou no Horizonte
Dourando o Céu a sua luz aponte,
Ou no mar se sepulte amortecida.

Vem, e serei feliz a teu respeito;
Nem perder temas todo o bem passado,
Inda que mudes tanto de sujeito:

Pois se até aqui ornaste o seu trançado,
De hoje em diante posta no meu peito,
Ornarás nele seu fiel traslado.

XXI

Que é isto, ó Vates! Que execrável Fúria,
Que horrível Monstro no Érebo nascido,
Batendo as negras fochas, acendido
Vos tem nos sábios peitos tanta fúria!

Deixai as iras vãs, deixai a incúria,
Com que entraís no combate aborrecido,
Sem ver que o vencedor, e que o vencido
Nele se cobrem de imortal injúria.

Se no Pindo gravar vossa memória
Cantando pretendeis, em melhor metro
Podereis alcançar eterna glória.

De Arquíloco soltai o infame plectro,
Do grande Rei cantai a grande História,
E as virtudes que lhe ornam o áureo Ceptro.

XXII

No seio de uma gruta, que o mar lava,
E que está por mil fendas gotejando,
Os farpados anzóis encastoando
Amiclas pobre pescador estava:

Um ai de quando em quando ao ar soltava,
Que a caverna lhe torna retumbando,
'Té que a triste voz de alma arrancando,
Assim contra os destinos se queixava:

«Que monta, que dês que nasce a Aurora
«Os dias gaste na fadiga dura
«Se em nada meu estado se melhora!

«Medra Licon, que o dia e noite escuta
«Em ócio jaz sem trabalhar uma hora:
«Ah que não vale trabalho sem ventura!»

XX»

Graças, Lise infiel, ao teu engano,
Dos pesados grilhões livre me vejo,
Em que cativo vil de um vil desejo
Adulei tanto tempo a Amor insano.

Rasgado o denso véu com que o tirano
Minha infâmia cobriu, cheio de pejo,
Com a luz da razão os passos rejo,
Inda tremendo do passado dano.

Já meu peito respira, porque a chama,
Que activa nele ardeu, por benefício
De tão feia traição, o não inflama.

De meus cultos não resta um só resquício;
Pois quando falso o Ídolo se aclama,
Se profana o mais puro sacrifício.

XXIV

Que alegre nasce no Horizonte a Aurora,
Rasgando a densa treva que o cobria!
E que risonha sobre a relva fria
Em perlas torna as lágrimas, que chora!

De mil aves a música sonora

Como a saúda cheia de alegria!
Mas que muito, se neste feliz dia
Também nasceste tu, gentil senhora!

Eu, pois, a quem hoje o Céu benino
O mais ditoso faz entre os humanos,
Pois que a vida te devo, exemplo, e ensino;

A teus pés rogo aos Astros soberanos,
Que os tesouros abrindo do Destino,
Derramem sobre ti felizes anos.

XXV

De tiranas lembranças combatido
A vida vou passando; e em tal estado
A lembrança me tem do bem passado,
Que antes quisera nunca ter nascido.

O coração em partes dividido
Corre do peito aos olhos apressado;
E por mais que o suspenda violentado,
Sai em lágrimas todo convertido.

Oh! se a morte, vibrando cruelmente
A curva foice, me roubasse o alento!
Ou ao menos, se o Fado o não consente,

De todo me faltara o entendimento!
Pois se a razão perdesse, juntamente
Com ela perderia o sentimento.

XXVI

Ó Eolo! ó Senhor das tempestades!
O bravo Austro, que guia proceloso
De negras nuvens um tropel aquoso,
Que alaga os largos Campos e as Cidades,

Prende veloz; que cheia de saudades
Me espera Erália, por quem vivo ansioso;
E há três noites me prendem temeroso
Deste fero inimigo as crueldades.

Se os rogos, que te faz uma alma cheia
De amor e impaciência, ouves atento,
Não te prometo a linda Dinopeia,

Que eu terceiro não sou; mas dar-te intento
Para a pela jogar na Eólia areia
Um odre prene de entufado vento.

XXVII

Longe, longe de mim, louca Esperança;
Que de tua ilusão desenganado,
Já não espero que se mude o Fado,
Só se para mor mal for a mudança.

Se quanta vez em ti fiz confiança
Outras tantas de ti fui enganado;
Como queres, que o peito escarmentado
Faça em tuas promessas segurança?

Passou a flor dos meus primeiros anos
Sem que de ti colhesse, e da Ventura
Mais que tristes pesares, mais que danos.

E agora que a idade é já madura
Que queres? Ah! com tantos desenganos
O crer-te fora em mim mais que loucura.

XXVIII

«Esse barco, que corta velozmente
«Do claro Tejo a veia cristalina,
«Ó doce Mãe de Amor, bela Ericina,
«Todo o meu bem me leva cruelmente.

«Mas já que é tão feliz, Deusa, exp'rimente
«De tua Estrela a protecção divina:
«De alegres Auras viração benina
«Ao doce porto o leve felizmente.»

Isto dizia Elpino, acompanhando
C'os tristes olhos um batel ligeiro,
Que quase no Horizonte se ocultava.

Turva se foi a noite então cerrando,
E o Pastor entre o denso nevoeiro
Os olhos pelas ondas alongava.

XXIX

Seguindo Amor, que os passos lhe guiava,

Na mão alçada a teia luminosa,
Elpino numa noite tormentosa
Por um deserto bosque caminhava.

Quando a estreita vereda lhe cortava
De um ribeiro a corrente impetuosa,
Que engrossada da chuva caudalosa
Passar à oposta margem lhe vedava.

Elpino da demora impaciente,
E de Amor abrasado em vivas fráguas,
Se arremessa, dizendo à grossa enchente:

«Deixa-me ir dar alívio às minhas mágoas;
«E depois ao voltar, feroz torrente,
«Leva-me, se te praz, nas tuas águas.»

XXX

Nos olhos de Nígela vi um dia,
(Ah se os não vira fora mais ditoso!)
Amor brincando, que dali vaidoso
Contra meu peito setas mil brandia:

Eu que os golpes cruéis na alma sentia
Um após outro, o qual mais doloroso,
Banhado em terno pranto: «Amor piedoso,
«Amor, suspende o braço, lhe dizia:

«E pois assaz meu peito tens ferido,
«Com uma dessas setas de Nígela
«O Coração trespassa empedernido.»

«Que mais queres (bradou) da Ninfa bela,
«Louco, se tens a glória conseguido
«De ver seu rosto, de morrer por ela?»

XXXI

Era alta a noite, e em hórrido chuveiro
Bramindo o vento as nuvens desatava,
Quando Elpino saiu, que o esperava
Entre os braços de Erália o Deus frecheiro.

Aqui os passos rápido ribeiro
Das chuvas empolado lhe embargava,
Ali um esfaimado Lobo uivava,
Lá pia em rouca voz mocho agoureiro.

Então o Pastor diz: «Ó noite escura
«Por mais feio que mostres o semblante,
«Meu norte seguirei, minha ventura»:

Disse, e com firme pé passou avante,
Pisando as tristes sombras da espessura,
Que nada teme um venturoso amante.

XXXII

Navegante, que o líquido elemento
Em possante baixei cortando ousado,
De proceloso Noto salteado
Vê emboscar-se o claro firmamento;

Das ondas pelo bravo movimento
Descosido em cem partes o costado,
Quebrado o leme, e quase acapelado
Por instantes se vê do solto vento:

No meio deste horror, desta aspereza
Inda espera feliz seguir seu norte,
Em cessando das vagas a braveza.

Quanto mais infeliz é minha sorte!
Pois das vagas, que cruzo, entre a fereza
Por única esperança tenho a morte.

XXXIII

Salve, montes da Arcádia, onde cantando
As castas Musas têm tão firme asilo,
Que em vão o Tempo para destruí-lo
Dos anos o furor está chamando:

Salve, doces Pastores, que formando
A virtude em sublime e puro estilo
Novos hinos, fazei que para ouvi-lo
As águas vá detendo o Alfeu brando.

Ó terra venturosa! quão contente
Torno a ver-vos, depois de tantos anos
Que a Fortuna de vós me trouxe ausente?

Aqui em santa paz os vãos enganos
Da calúnia não teme o inocente,
A púrpura despreza dos tiranos.

XXXIV

Porque as riquezas do soberbo Cresso,
Marfim brunido, rígido diamante,
Miúdo aljôfar, ouro rutilante
Não possuo, riquezas não te ofreço:

Mas as divinas flores, que Permessos
Nas margens para mim cria abundante,
E com que a croa dos Heróis triunfante
De nova luz esmalto, e enriqueço.

Torcer no branco fio as Parcas vejo
A tua longa vida neste dia
Dourados anos cheios de ventura.

Não é vã aparência do desejo:
Tu cumprida verás a profecia,
Febo te fala em mim, ele to augura.

XXXV

Já vem a Primavera matizando
Os verdes prados de viçosas flores,
Já se ouvem nos pacigos os Pastores
Ao som das Liras seu amor cantando:

Tão claras as ribeiras vão cortando
As campinas c'roadas de verdores,
Que entre os vários seixinhos de mil cores
Se estão no fundo os peixes divisando.

Há na minha malhada leite, e queijo,
E tão doce licor aqui provamos
Que esses vinhos estranhos não te invejo.

Se tu queres, meu Tirse, que o bebamos,
Deixa as florestas do suave Tejo,
Que com ele contentes te aguardamos.

XXXVI

Para forjar um passador brilhante,
De seu feros Ministros rodeado,
Soberbo entrou um dia o Deus vendado
Na frágua de Vulcano coruscante.

Pela negra oficina num instante
Veloz se espalha o esquadrão alado;
Um os foles soprava afadigado,
Outro o ferro tempera cintilante.

Mas debalde Cupido forcejava
Por erguer sobre a safra o grão martelo,
Quando Vénus, que então ali se achava:

«Deixa, ó filho, lhe diz, tanto desvelo,
«Se arco e seta melhor, melhor aljava
«Tens de Aglaia gentil no rosto belo.»

XXXVII

Que mais queres de mim, que mais pretendes,
Amor? dizia Elpino suspirando,
Que a meu peito os farpões endireitando,
Nem a rogos, nem lágrimas atendes;

Se um ardente vulcão na alma me acendes,
E das rotas entranhas fumegando
Rios de negro sangue vês manando,
Porque sem compaixão inda me ofendes?

Não basta, dize, à tua tirania
Ver tanto estrago, que de novo o corte
Queres em mim provar da seta impia?

Ai! quando terá fim tão crua sorte?
Então Amor que os passos lhe seguia,
Severo lhe responde: com a morte.

XXXVIII

Amado Tejo, adeus, que o meu destino
Contra minha alma ordena nova guerra;
De teus suaves Campos me desterra,
Que estes os prémios são do Deus menino.

Saudoso, solitário, e peregrino
Amparo vou buscar na estranha terra:
Mas que a doce lembrança desta Serra
Me deixe em tempo algum, não imagino.

Fica em paz, e se à plácida corrente
De teu cristal, guiando o manso gado,

Chegar Auliza pela sesta ardente;

Dize-lhe: que se a mão do iníquo Fado
De seu rosto a morrer me arrasta ausente,
Constante morrerei, ó Tejo amado.

XXXIX

Lutando com as ondas sem sossego,
Sulco infeliz um golfo tormentoso;
A cada instante um banco perigoso
Me deixa num mortal desassossego.

Se quase alguma vez à praia chego,
Um negro furacão tempestuoso,
De improviso bramando pavoroso,
Me põe no meio do empolado pego.

Oh, se a fúria das ondas se abonança,
E o doce porto há tanto suspirado
Chego a abocar com próspera bonança!

Então o meu vestido inda molhado,
Pendente lá das Aras da Esperança,
Mostrará os perigos, que hei passado.

XL

Espessas nuvens cerram num instante
Do Sol a clara luz, e fuzilando
Um após outro cai do Céu bramando
O farpado corisco crepitante:

Mas, se a formosa filha do Taumante
Com suas cores vem o Céu pintando,
A súbita tormenta abonançando,
Alegra a terra o tímido semblante.

Olhos formosos da gentil Nigela.
Olhos cheios de amor e de piedade,
Vós de minha alma sois a Íris bela:

Pois tão bem nos meus cheios de saudade
A vossa luz reflecte, que os desvela,
De meus males se aplaca a tempestade.

XLI

Em vão, pérfido Amor, em vão procuras,
Seguindo os passos meus a toda a hora,
Em meu peito cravar com mão traidora
De teus dardos cruéis as pontas duras:

Novo Proteu mudado em mil figuras,
Para render-me me aparece embora:
Brando, humilde, ou cruel, que já agora
De pejo me encham só tuas loucuras.

É Nise, bem o sei, airoso e bela;
Mas que Nise, e o Amor são uns tiranos,
Brada a Razão que em meu socorro vela.

E o coração lembrado de seus danos,
Veloz corre a amparar-se à sombra dela,
Donde vê sem receio os teus enganar.

XLII

Quando menos das ondas se temia
Perde o Piloto a Nau empavesada,
Se seguro na proa levantada
Dormindo passa a noite, passa o dia.

Talvez que lhe pintasse a fantasia
O porto amigo, a praia desejada;
Mas a soberba Nau viu destroçada,
Quando os olhos do frouxo sono abria.

É mar o mundo, é frágil lenho a vida,
E piloto a razão: se as ondas fende
Em vãos gostos sonhando adormecida;

Quando acorda, e no porto achar-se entende,
Nos abismos a Nau vê submergida,
E tarde de seu sono se arrepende.

XLIII

Num rico coche por frisões tirado,
Todo de ouro e pedras rutilante,
Vi passar a Fortuna, que arrogante,
Segui-la me mandou, dando-me um brado:

Pouco depois em pobre honesto estado,
A Virtude passou, cujo semblante

Que a luz dos mesmos Astros mais brilhante,
Me deixou longo tempo arrebatado.

Milcíades, Camões, Pacheco, e Bruto
Todos banhados de suor glorioso
A seguem sem cessar um só minuto.

Da vã Fortuna o fasto aparatoso
Então deixo, e em deixá-lo me reputo
Muito mais que os que o seguem venturoso.

XLIV

Eis rompe no Oriente o feliz dia,
Dia imortal nos Fastos Lusitanos,
Em que Luís, delícias dos humanos,
Nascendo encheu a Pátria de alegria.

Povo feliz, que tens a primazia
De adorar seus decretos soberanos,
Corre festivo a celebrar seus anos,
Ao seu nome padrões alça à porfia.

Em ouro não, em mármore de Paros
Corre a gravar seu Nome, e sua História;
Rara matéria iguale exemplos raros.

Mas não, pára; que cheia de alta glória
A Eternidade ao ver seus feitos claros
Gravado a tem no Templo da Memória.

XLV

Sobre a Serra de Parati

Esta que com a fronte os Céus arrosta
Agra serra das nuvens coroada,
Do mar soberbo a fúria denodada
Da natureza por barreira posta:

Esta que de iniguais montes composta,
E de árvores intonsas povoada
Do Sol aos raios não consente entrada
Ou sua Zona aqueça, ou já a oposta:

É apesar da inóspita aspereza,
Que os peitos mais robustos intimida,
Trilhada sem horror do Lusitano;

Que a fome insaciável da riqueza
Lhe faz em cada passo expor a vida:
Tanto pode a ambição no peito humano!

XLVI

Sobre as grandes montanhas, que se encontram indo de Parati, até às margens do caudaloso Rio Paraíba.

Ficção da Grécia foi, que antigamente
Audaz Tifeu aos Céus guerra movera,
Que o Ossa sobre o Olimpo então pusera
Para escalar o Empíreo refulgente.

Se a Grécia da terráquea mole ingente
A quarta parte nova conhecera,
Aparente razão talvez tivera
Para assim fabular a Argiva gente.

Pois nas frondosas, húmidas campanhas,
Que abrindo com a veia caudalosa
O Paraíba vai por largo espaço;

Só montanhas se vêem sobre montanhas
Nas nuvens esconder a fronte umbrosa:
Tanto da Natureza pode o braço!

XLVII

Sobre a Cidade de S. Paulo

Aqui onde com bruta crueldade
Do selvagem Cacique honrou a mesa
O sangue dos mortais, cuja fereza
Recorda com horror a humanidade;

Hoje goza em feliz tranquilidade
Ilustre assento a gente Portuguesa,
Que abrindo de agras Serras a aspereza
Tosca aldeia tornou culta Cidade.

Que o pouco invicto povo Lusitano
Depois de abrir as portas do Oriente
Pisando a espalda do Neptuno insano;

Nos vastos ermos Campos do Ocidente
Novo às Quinas Império alçou ufano:

Não fez tanto do Lácio a forte gente!

XLVIII

Sobre a Vila de S. Vicente, noutro tempo Cabeça da Capitania de S. Paulo.

Esta que a poucas casas reduzida,
Entre ruínas jaz tão pobrememente,
Rico empório já foi da Lusa gente
De alto Estado Metrópole conhecida.

Mas quando mais se alçava presumida,
Neptuno sacudindo o grão tridente
As areias açoita, e em continente
Em Sirtes sua foz foi convertida.

O povo então, que aqui feliz crescera,
Fugindo a reduziu a tal estado,
Que hoje nem sombra é do que antes era.

Pois é vício nos homens arreigado
O correrem atrás de quem prospera,
E deixarem-no ao vê-lo desgraçado.

XLIX

Sobre o grande salto, que forma o Rio Tieté junto tia Vila de Itu.

Corre já entre Serras escarpadas,
Já sobre largos Campos murmurando
O Tieté, e as águas engrossando
Soberbo alaga as margens levantadas.

Penedos, pontes, árvores copadas,
Quanto topa de cólera escumando,
Com fragor espantoso vai rolando
Nos vórtices das ondas empoladas.

Mas quando mais caudal, mais orgulhoso
As margens rompe, cai precipitado
Atroando ao redor toda a Campina:

O próprio retrato é de um poderoso,
Pois, quanto mais sublime é seu estado,
Mais estrondosa é sua ruína.

L

Sobre a Serra dos Órgãos.

Caminhante, esta às nuvens levantada,
Que de seu cume finge com os riscos
De Mênfis os soberbos obeliscos,
E dos Órgãos a Serra celebrada.

Se atravessá-la intentas, apressadas
Ah move a planta, foge aos fatais riscos,
Que em Flegra não lançou tantos coriscos
De Jove fulminante a dextra irada.

Em seu regaço a par da grão riqueza
Que avara esconde, tem depositado
O eléctrico fluído a Natureza.

Que para rebater do homem ousado
Em toda a parte o orgulho e altiveza,
Está do mal o bem acompanhado.

LI

Sobre o morro de Vila Rica.

Aqui deste agro morro na aspereza,
Que às nuvens alça a feia catadura,
Quanta encerrou a provida Natura
Aos ousados mortais alta riqueza!

Mas encerrou em vão, que a avareza,
Dos bens insaciável que procura,
Em cem partes rasgou a sua agrura,
E em seu seio cevou a sede acesa.

Correntes de ouro têm daqui manado,
Que de luxo, e de vícios largamente
Hão de Europa os Impérios inundado.

Ah! quanto melhor fora, ó cega gente!
Que jazendo aqui sempre soterrado,
De tantos crimes não fora a nascente.

LII

Sobre o Rio Jiquitinhonha

Este que contra o mar corre vaidoso

Da alta riqueza, que em seu grémio encerra,
Sem que estorvo lhe ponha alpestre Serra
A fúria com que corre pressuroso.

Quantas vezes o curso impetuoso
Com que às margens fazia dura guerra
Torcer tem visto; e em nova alheia terra
Nova madre buscar lhe foi forçoso!

Quantas o grão tesouro, que em seu leito
Escondeu, mas em vão, a Natureza
De avaras mãos tem visto ser despojo!

Mas que não tentará o humano arrojo,
Depois que campo fez dentro em seu peito
O amor da sã virtude ao da riqueza.

LIII

Duro Carvalho anoso em alta serra
Dos revoltosos ventos açoitado,
Gemer talvez se vê ao sopro irado;
Mas firme o pé sustém na dura terra.

Tal o justo Varão, a quem faz guerra
Da Fortuna cruel o braço alçado,
Queixar talvez se escuta lastimado,
Mas aos choques não cede, não se aterra.

Seguro na carreira começada
Prossegue, bem que a tope a todo o instante
De penhascos e covas semeada.

Pois a virtude, a quem segue constante,
Forças lhe dá na trabalhosa estrada,
Só com mostrar-lhe seu gentil semblante.

LIV

Para escudar do Tempo contra os riscos
De seus Reis a memória gloriosa,
Oh quanta mole alçou Mênfis vaidosa
Dos altos montes a igualar os riscos!

Mas, oh, que à pátria dos fatais coriscos
Tanta máquina em vão sobe orgulhosa;
Pois dos Evos a mão caliginosa
Seu nome apaga, arrasa os obeliscos.

Dentre as garras cruéis do Esquecimento
Arrancar pode só nossa memória
Alta virtude, são merecimento.

José, do Grão José, seguindo a glória,
Com o exemplo nos dá o documento:
Eterno assim se faz na Lusa História.

LV

Quando intentou formar a Natureza
De Neera a divina formosura,
Um modelo forjou, onde mistura
Todas as graças com sutil destreza.

Logo que findo o teve, a grande empresa
Na rara cópia completar procura;
E tanto no labor a mão apura,
Que é Neera o exemplo da beleza.

Depois de a ter formado, a contemplá-la
Atenta esteve espaço dilatado,
Mas não vê em que possa retocá-la.

Tendo então o seu fim desempenhado,
Porque não haja quem possa igualá-la,
Satisfeita rompeu o grão traslado.

LVI

Nada difícil é à humana gente:
Ela tenta, e passou soberbos mares;
Novas estrelas viu, novos lugares,
Que cerrava feroz Neptuno algente.

De tanto atrevimento não contente,
Se abalança a sulcar os vagos ares,
Para ver mais de perto os luminares
Que adornam o cerúleo firmamento.

Já sobre as grossas nuvens vaga e erra,
Arrostando os tufões na pátria sua,
Com que o Céu irritado nos faz guerra.

Que pretende, ó mortal, a ambição tua?
Não cabendo talvez na baixa terra,
Queres o globo conquistar da Lua?

LVII

Sobre a passagem do Estreito de Calais por Blanchard, e Rosier.

Dédalo em seu engenho confiado,
Ao ar se entrega cheio de ardimento,
E nadando no diáfano elemento
As ondas atravessa sossegado:

Pelo paterno exemplo estimulado,
Ícaro segue audaz o mesmo intento:
Dédalo ao porto chega a salvamento,
Ícaro cai no mar precipitado.

Tais Rosier e Blanchard pelo ar puro
Se dispõem a passar o mar, que a Breste
Levando, de Albião é forte muro;

Ambos se arrojam à região celeste,
Cai Rosier, Blanchard passa seguro:
Aquele Ícaro foi, Dédalo este.

LVIII

Com cem grilhões atada num penedo,
Sobre o rosto gentil solta a madeixa.
Em triste pranto Andrómeda se queixa
Da cruel morte que esperava cedo.

Eis que subitamente o espanto e o medo
Prosseguir suas mágoas lhe não deixa;
Pois já talhando o mar, qual veloz freicha,
O monstro se avizinha do rochedo:

Quando brandindo a coruscante espada
Dentre as nuvens, que rasga com violência,
Desce Perseu, e mata a fera irada.

Pois quando entre os humanos a inocência
Sem recurso se vê desamparada,
Então do Céu não falta a Providência.

LIX

O lasso navegante, a quem desterra
Longe da Pátria seu mesquinho Fado,

Que das ondas e ventos trabalhado
Nos ermos do Oceano vaga e erra;

Se no Horizonte em forma de alta serra
Denso vapor se eleva, alvoroçado
Crê e clama que o porto é desejado,
Mas logo em nuvens se lhe volve a terra:

Assim eu, que por ti impaciente
Há tanto espero, se rumor escuto,
Cuido, meu bem, que és tu, que estás presente;

Mas não dura este engano um só minuto,
E então meu coração saudoso sente
O quanto custa o esperar sem fruto.

LX

Deitado à sombra da copada vela,
Enquanto o leve pinho o mar fendia,
Amiclas pescador assim dizia,
Ao raiar da manhã serena e bela:

«Vem, ó rosada matutina estrela,
«Com teus raios trazendo o novo dia,
«Vem, enche estes meus olhos de alegria
«Com outra luz mais clara que os desvela.

«Hoje chegando ao suspirado porto
«Verei, Aónia, teu gentil semblante,
«Por quem eu vivo de saudades morto.

«Que suave será aquele instante!
«Ah! Por logrã-lo, as penas que suporte,
«Ainda, Amor, não são preço bastante.»

LXI

Em meus versos às tuas mãos divinas
Hoje chega a história de meus danos,
Triste história, que Amor mestre de enganos
Em mim traçou faminto de ruínas.

Nela verás, se ao lê-la a vista inclinas,
As mudanças, traições, zelos tiranos,
Que sem tréguas sofri por tantos anos,
Arrastando talvez prisões indinas.

Se teus olhos gentis, Marília bela,
De mágoa, e piedoso sentimento
Algumas ternas mostras dão ao vê-la;

Tudo verás mudar-se num momento:
Eu chamarei ditosa a minha estrela,
E os mais invejarão o meu tormento.

LXII

À morte do Senhor D. José, Príncipe do Brasil

José, em cujo peito o Céu unira
Do corpo entre as graças superiores
Quanta virtude já por seus Maiores
Com mão igual benigno repartira;

D'ante os olhos a Parca hoje nos tira,
De bronze ao pranto, aos votos, aos clamores;
Que ele digno de eternos resplendores,
E a terra de o lograr indigna vira.

Ele pisando estrelas veloz voa
A se lograr em paz nos Céus supremos
Da glória, que sem fim os justos c'roa.

Ah! não sobre ele, sobre nós choremos;
Que ele torna em eterna a mortal C'roa
E nós nele um bom Rei, um Pai perdemos.

LXIII

Ao mesmo assunto.

Aqui deste Sepulcro entre os horrores
José, que um tempo foi nossa alegria,
Para sempre nos cerra a Morte impia,
Surda aos ternos prantos e aos clamores.

Para sempre aqui jaz, Ninfas, Pastores,
Que ele qual terno Pai amou um dia;
Comigo derramai na Campa fria
As mãos cheias as mais fragrantas flores.

Sim, Pastores do Luso saudosos,
Em chuveiro sobre ela as derramemos,
Ao Amor, à virtude obsequiosos:

E já que de outra sorte não podemos,
Entre lúgubres ais, prantos piedosos,
Ao menos desta sua cinza honremos.

LXIV

Ao mesmo assunto.

Elísia, que brotar ufana via
Do segundo José no peito augusto
Quanta Real virtude um tempo havia
Do primeiro esmaltado o Ceptro justo:

Que esperança, apesar do Fado injusto,
Da avita glória na alma não nutria!
Desde a gelada Tule ao Nilo adusto
A seus pés cem nações já se fingia.

Por ele sobre as asas já librada
Via Astreia tornar do firmamento,
De seus celestes Génios rodeada.

Mas tão faustos agoiros num momento
De José com a vida malograda
Corta a Parca cruel, e entrega ao vento.

LXV

Ao mesmo assunto.

Do mais alto do Olimpo atentamente
A sã Virtude, a Fama vigiava,
As brilhantes acções, que já obrava
Do grão José o Coração clemente.

E ao ver como o Príncipe excelente
Pela estrada da Glória caminhava,
Uma, novos clarins já preparava;
Outra, palmas colhia diligente.

Quando imatura Morte num momento,
Invejosa vibrando a seta aguda,
Cruel lhes frustra o generoso intento;

Que a Fama ao fatal golpe ficou muda,
E cheia de piedoso sentimento,
A Virtude em cipreste as palmas muda.

LXVI

Ao mesmo assunto.

Ao ver como brotava florecente
Do Real tronco o Ramo soberano,
Oh quanta glória o Génio Lusitano
Já se augurava na soberba mente!

Do grão José a perda inda recente
E do segundo João consola ufano;
Pois do novo José no peito humano
Via de ambos o espírito excelente.

Já nas artes da paz, já nas da guerra
Por ele via aos Séculos vindouros
Voar seu nome, enchendo toda a terra:

Mas a Morte invejosa dos seus Louros
Com a mirrada mão bárbara cerra
Em triste, e negro véu tantos agouros.

LXVII

Ao mesmo assunto.

Tu choras, Lísia? Ah não, enxuga o pranto;
Da fronte arranca o fúnebre Cipreste;
Pois se entre os homens a José perdeste,
O tens dos Anjos entre o Coro santo.

Ele deposto já o frágil manto,
No Empíreo goza da visão celeste;
Se lográ-lo na terra não pudeste,
O logras lá no Empíreo, enxuga o pranto.

Ele dos altos Céus sobre ti vela,
E promete a teu Ceptro a segurança
No caro Irmão, e na Consorte bela:

E se na terra foi tua esperança,
Que esperanças não tem a tua estrela,
Quando ele lá do Céu tas afiança!

LXVIII

De dois Numes cruéis ao braço irado,

Apenas em nascendo vi o dia,
Das Parcas pela fera tirania
Por vítima fui logo consagrado.

Um deles foi Amor, que de ódio armado
Alçando sobre mim a mão impia,
Quanto pode idear a fantasia
Duros tormentos, tem em mim provado.

Outro foi a Fortuna, que inconstante
Sendo por natureza, em meu tormento
Parece que blasona de constante.

Tanto é de ambos o empenho, e tão violento,
Que em minha amarga vida um só instante
Já não espero ter contentamento.

LXIX

Que intentas, fero Nume, que obstinado
Em teu antigo caprichoso entejo,
Aonde quer que meus tristes passos rejo
Ali te encontro de furor armado?

Esperas que ao ver no ar teu braço alçado
Trema, esmoreça meu valor sobejo?
Que corra, de aplacar-te no desejo,
A incensar-te por terra vil prostrado?

Enganas-te, Fortuna: a sã Virtude,
Que a desprezar teu fasto vão me ensina,
Não teme de teu braço a fúria rude:

Dobra as iras, cruel, fere, fulmina,
Que o ferro posto na sonora incude
Aos golpes do martelo mais se afina.

LXX

Tântalo ao Orco horrível condenado,
Dentro jaz numa plácida corrente,
E sobre a triste frente tem pendente
Verde tronco de pomos carregado.

Mas se os frutos colher quer esfaimado,
Das mãos lhe fuge o ramo velozmente,
E da boca lhe escapa em continente,
Se a beber vai, o rio arrebatado:

Tormento a este igual, Lília, me ordenas;
Pois se o fogo matar que me devora
Na linda boca quero, e gentil seio;

Veloz foges de mim, cruel pastora,
E me deixas sem dó penar no meio
De insofridos desejos, de mil penas.

LXXI

Se da minha fineza o exercício
De teu ânimo ofende a majestade,
Oh! repara, cruel, que a Divindade
Não se agrava jamais do Sacrificio:

Se de meu triste pranto o desperdício,
Provoca sem razão tua impiedade;
Oh! contempla que as penhas de piedade,
Combatidas das águas, dão indício:

E se Deusa te inculca a formosura,
Não te queixes, cruel, porque te adoro
Com coração sincero, com fé pura:

E se quando um favor humilde imploro,
Te mostras a meus rogos penha dura,
Enterneçam-te as lágrimas que choro.

LXXII

Em vão, Mévio loquaz, grasnas ou grulhas
Com rouca voz, por génio ou por costume;
Que do Parnaso ao remontado cume
Não se sobe com cháçaras e pulhas.

De teus sócios convoca as vis patrulhas
E cevando a Discórdia, cruel Nume,
Vomita o fel que os bofes te consume,
Infame trovador, autor de bulhas.

Num sendeiro, que tu tens por Pegaso
Montado espalha audaz versos de peta,
De que faz tua corja tanto caso;

Que a fama ganharás com esta treta
De bufão, e de Momo do Parnaso,
Mas não o grande nome de Poeta.

LXXIII

Eu morro nesta ausência, se a piedade
Não te move o meu mal, prenda querida,
Pois de todo me usurpa a cara vida
Desta bárbara Lei a crueldade.

Aflito o coração nesta impiedade,
Alívio achar intenta à dor crecida
Em tua compaixão, bela homicida,
Para a pena aliviar desta saudade.

Compadece-te, pois, ó bela ingrata,
Desta fúria cruel de meus ardores
Que me aflige, consome, e me maltrata:

Concede-me benigna os teus amores;
Pois se usas do rigor por que me mata,
Vê que eu morro também por teus favores.

LXXIV

Para Israel livrar do braço irado
Severo executor da grã sentença
Que tínheis, ó Senhor, na mente imensa
Contra o tenaz Egipto promulgado,

Tingir mandas com o sangue do imolado
Cordeiro, seus portais para difrença:
Porque ao passar vossa Ira, à grande ofensa
Só fosse vosso povo preservado.

Se do mortal Cordeiro o sangue quente
Pode os Hebreus livrar da morte irada
Que sobre si o vão Egipto sente:

Do Cordeiro imortal a Alma banhada
Com o sangue tantas vezes inocente
Como por vós ser pode condenada?

LXXV

«Quem é este animal, que galopando
«Em torno desta fétida alagoa
«(Diz a Apolo Tália) o Pindo atroa,
«Com zurros nossa música turbando?»

«Ele as mais finas flores vai pisando,
«De que Aganipe suas margens c'roa,
«E dos Vates às cinzas não perdoa,
«Com coices seus sepulcros violando.

Nisto desprega a besta um grande zurro,
Que nas grutas do monte retinindo,
Aturdida a deixou com seu sussurro;

Então Apoio torna à Ninfa, rindo:
«E Palmireno, que eu mudei em burro,
«Em pena de incensar o vão Tremindo.»

LXXVI

Já te vejo reger a boçal gente,
Que habita de Benguela na campina,
E à sua custa da dourada china
A magra bolsa encher ledó e contente.

Um a Zebra te manda de presente,
Outro de penas uma pelatina,
Enquanto tu bebendo a ruiva quina,
Na cama curtes uma febre ardente.

Mas se à sezão escapas, Feliciano,
Grão Senhor tornarás, bem que amarelo,
A Lisboa mais ano, menos ano:

Então sobre um rocim baio ou murzelo,
Parecerás trotando muito ufano
Fulo Soba montado num camelo.

LXXVII

Fértil em pomos de ouro produzia
Das Hespérides no horto a Natureza
Arvore singular, cuja beleza
Convidava a colhê-los quem os via:

Mas debalde nos ramos seus nutria
O tronco liberal tanta riqueza,
Pois de mãos cobiçosas a fereza
Do conchado Dragão a defendia.

De ouro não, mas de neve a meu desejo
Marília oferece em seu seio formoso

Pomos mais belos, que colher desejo:

Mas em vão, que ao tocá-los cobiçoso
Outro Dragão também ante mim vejo
Tanto mais fero quanto mais zeloso.

LXXVIII

Amor, que astuto intentas em meu peito
Restaurar a perdida Monarquia,
E cobrindo com arte a aleivosia
Vens em vão passatempo contrafeito:

Se pensas outra vez ver-me sujeito,
Qual com vergonha minha fui um dia,
Aos caprichos da tua fantasia;
Quanto te enganas nesse vão conceito!

Sim, eu te arrancarei da alma enganada,
Sem deixar a raiz que lentamente
Nela se ia arreigando disfarçada.

Que o destro agricultor não é contente,
Inda que a planta corte envenenada,
Se a extirpar não chega a má semente.

LXXIX

Bem conheço, Marília, o feio engano
Dessa aparente sem igual brandura;
Mas de que vale, se a minha má ventura
Quer que apalpe, e abra mão do desengano!

Tão grande, tão suave é o tirano
Meigo encanto da tua formosura,
Que querendo fugir da desventura
Ele me arroja, e leva após meu dano.

E que fora, se fora verdadeiro
Esse que mostras feiticeiro agrado,
Se tanto me arrebatava lisonjeiro?

O que fora não sei, só sei que atado
A teu jugo idolatro o cativo;
E até me hei por feliz sendo enganado.

LXXX

Enquanto a doce cítara tanguia
Com a nevada mão, Marília bela,
O vento que brincava em torno dela
As asas por ouvi-la não batia.

Amor que arrebatado da harmonia,
Qual borboleta à luz de branca veia,
Em giros a rodeia, a ouvi-la e vê-la,
A ferir sem mais armas aprendia.

Elpino, que de longe a escutava,
Em êxtase suave transportado
Depois que ela acabou, assim falava:

«Se de ouvir-te, e de ver-te arrebatado
De si se esquece Amor, d'arco, e d'aljava;
Que fará quem te adora, encanto amado!»

LXXXI

Mil alígeros beijos enviava
Piedosa Marília ao terno Elpino,
Que em vivo fogo ardendo o dom divino
Para o cevar frenético esperava.

Qualquer deles ligeiro o ar cortava,
Porém cortava em vão, que Amor malino
Muito antes de chegar ao seu destino,
Nos ares invejoso o apanhava.

Então Elpino vendo descontente,
Que tanto bem lhe rouba Amor ufano,
Contra o cruel exclama impaciente:

«Que monstro pode haver, Nume tirano,
«Que te iguale; pois roubas cruelmente
«A cura ao mal que causas desumano?»

LXXXII

Glosando o verso de Francisco Rodrigues Lobo.

Enquanto livre e sem amar vivia,
Não havia em meu peito outro cuidado
Mais que defender meu pobre gado
Dos feros lobos que esse mato cria:

Talvez à sombra duma penedia
As Aves esperava acautelado,
Talvez da liberdade o doce estado
Cantando ao som da lira engrandecia.

Vendo-me em tanta paz cruel Cupido,
E crendo a seu império não convinha
Não ter-me ao duro jugo submetido:

Teus olhos me mostrou, Auliza minha,
E desde então por ti trago perdido
«O ser e liberdade que antes tinha.»

LXXXIII

Que consultas no espelho cristalino!
Talvez estudas a maneira, e arte
De fazeres de todos adorar-te,
E mais belo o semblante peregrino!

Se esse, gentil Marília, é teu destino
Ao vão estudo podes escusar-te
Pois ninguém pode ver-te sem amar-te,
Nem ser mais belo o rosto teu divino.

Deixa pois o cristal, e a compostura
Com que aumentar intentas a beleza
Que em ti brilhar se vê singela e pura;

Só sem ornato a simples natureza
Tem em si mais encanto e formosura,
Que quanto da arte inventa a subtileza.

LXXXIV

Se em paga do meu puro rendimento
A outro deste a fé que me juraste,
E num momento pérfida entregaste
Teus protestos e meu amor ao vento;

Deixa que a teu infame fingimento
Seguindo vá, e segue a quem buscaste;
Sim, deixa-me buscar, pois me deixaste,
Minha perdida paz no esquecimento.

Mas nem este recurso me consentes!
Que se eu fujo de ti, tu piedosa
A meus olhos te ofereces descontentes:

Que queres pois de mim? Ninfa aleivosa,
Queres que eu seja a fábula das gentes
Arrojando a cadeia vergonhosa?

LXXXV

Onde te empegas, ó baixel ufano
C'os galhardetes açoitando os ares,
Sem o furor dos ventos receares,
Nem as soantes vagas do Oceano!

Ah! ferra, ferra o desfraldado pano
E a outros deixa os empolados mares,
Que é tempo já no porto de encalhares,
Se não queres sofrer o extremo dano.

O mar que cruzas de parcéis cercado,
Onde as ondas se quebram levantadas,
Quantos tem cruelmente acapelado!

Nele as tábuas se vêem despedaçadas
E tu que esperas, ó baixei ousado,
Com as tuas da bruma já furadas?

LXXXVI

Por mais que ledó e plácido o semblante,
A Fortuna me chama e a estrada aplanada;
Engana-se, se pensa que me engana,
Esse monstro volúvel e inconstante.

Esse de seu favor clarão brilhante,
Com que em me deslumbrar tanto se afana,
Relâmpago será que a vista humana
Fere, e desaparece num instante.

Sem eia e sem seus dons honradamente
De meus anos a mor parte hei passado
Pobre sim, porém livre e independente;

Nem eu desejo mais pomposo estado,
Que aquele que com pouco está contente
E quem pode chamar-se afortunado.

LXXXVII

À Ilustríssima, e Excelentíssima Senhora D. Leonor de Almeida, Condessa de Oyenhausen, entregando-lhe a Ode feita pelo Autor a sua Alteza o Conde de Lippe, que a mesma Senhora lhe havia pedido.

Aquele, que me inflama, ardor violento
De em meus Hinos louvar Varões famosos,
E de arrancar seus nomes gloriosos
Das tenebrosas mãos do Esquecimento;

Fez que seguindo pelo vago vento
Do Dirceu Cisne os voos luminosos,
Do grande Lippe os feitos portentosos,
Intentasse cantar em alto acento.

Se não pude, não deves admirar-te,
Que o sagrado furor, que nos inspira,
Igual a todos Febo não reparte.

Aos Astros, se pudera, o Herói subira;
Não me faltou talvez engenho e arte,
A tua me faltou sonora Lira.

LXXXVIII

Esparzido o cabelo crespo e louro
Sobre o rosto de lágrimas banhado,
Vénus corria por um verde prado,
Que de flores tapiza o fresco Douro.

«Quem, diz, Amor achou, o meu tesouro,
«Venha entregar-mo, em prémio deste achado,
«Ou um beijo suave e delicado
«Ou ouro lhe darei, se quiser ouro.

«Dentro em meu peito está (então lhe digo)
«Tira-o tu, que eu em vão tirá-lo quero;
«Pois nele à escala entrou como inimigo.

«Se o tiras, maior prémio não espero,
«Que assaz galardão tenho, se consigo
«O ver-me livre de hóspede tão fero.»

LXXXIX

Morta Eurídice bela, Orfeu ousado
Desce dos Manes à morada escura,
E a voz soltando cheia de doçura,
Fica o trifauce monstro atormentado.

Plutão das tristes mágoas lastimado,
Abranda a carregada catadura,
E dos delitos seus a pena dura
Entretanto não sente o condenado.

Ah! Se teus celestiais ternos acentos
Ao desgraçado esposo o Fado dera,
Maiores vira o Tártaro portentos;

Pois não só dos aflitos suspendera
Os insofríveis bárbaros tormentos;
Mas em glória todo o Orco convertera.

XC

Se admiro, bela Auliza, os resplendores
Do teu rosto gentil, e delicado,
Temo que deles Febo namorado
Émulo venha a ser de meus amores:

Se da tua alma os dotes superiores
Contemplo, o mimo, a graça, o alinhado, o agrado,
Também temo, que Jove transformado
Intente conseguir os teus favores.

Mais formosa que Clície, e do que Alcmena
Ao coração te pinta o pensamento,
Que de igual sorte ao susto me condena.

Mas errado discorro em meu tormento:
Para me eximir do susto, e a ti da pena,
Sobra o teu sem igual merecimento.

XCI

Se essa, que em Lísia pulsas, Lira nobre,
Logo que abrindo as asas cruza o vento,
Em altos voos sobe ao firmamento,
E de brilhante luz toda se cobre:

Em vão aos nossos olhos hoje encobre
A mão que o fere, o altíssimo instrumento;
O som divino, o majestoso acento
Que é teu, que tu o tocas nos descobre.

Cantas, e ser não queres conhecida?
Crês talvez ocultando o nome ufana,

Que é de Breiner a voz desconhecida?

Quanto, ah quanto o conceito teu se engana!
Alta Cidade, sobre um monte erguida,
Como esconder-se pode à vista humana?

XCII

Conheço o teu engano, mas que importa,
Ó Florisa infiel! se Amor malino
Extinguir me não deixa o fogo indino,
Que em meu peito acendeste, e me transporta?

Minha alma nos encantos toda absorta,
Que brilham no teu rosto peregrino,
Se lhe brada a Razão, culpa o Destino,
E a vil traição sem murmurar suporta.

De quem devo queixar-me? Por ventura
Acusarei, Florisa, o teu engano?
Mas queixar-me de ti fora loucura.

A mim culpar só devo do meu dano,
Pois mil vezes achando-te perjura,
Inda te adoro, e não me desengano.

XCIII

Bem conheço quanto erro em adorar-te,
Ó Melissa gentil, conheço o dano,
A que por ti me expõe Amor insano,
Se prossigo em fiel idolatrar-te:

Conheço, que eu não posso desatar-te
O laço que te prende a um tirano,
Mas apesar de tanto desengano
Não pode o coração deixar de amar-te.

Vejo ante os pés aberto o precipício,
E fugir-lhe não posso, nem desejo,
Que a queda até terei por benefício.

Tão grande é o poder de um vão desejo,
Que eu próprio acendo a pira ao Sacrificio,
A que por ti me arroja amor sobejo.

XCIV

Que aziago que foi, que dia infausto
Aquele, em que vi tua formosura!
Em que cheio de amor, e de ternura
Esta alma te ofertei em holocausto!

Teus olhos mo fizeram ter por fausto,
Teus belos olhos cheios de doçura,
Mas logo me fez ver minha loucura
Teu peito de rigores nunca exausto.

Ai! e quão mesquinho é, quão desgraçado
Aquele, que com as mostras vãs se engana
De um angélico rosto sossegado!

Pois mil vezes encobre a vista humana
Qual áspide cruel florido prado,
Um coração, uma alma desumana.

XCV

Vão pensamento meu, que a toda a hora
A passada ventura me apresentas,
Com essa teima, dize-me, que intentas
Entre os danos que sinto, e alma chora?

Se crês, que o coração ainda agora
Com tão doces imagens me contentas.
Te enganas; pois que o meu pesar aumentas
Com esse bem que foi, e nunca fora.

As asas cerra pois, e considera
Que o turvo Inverno faz mais desabrido
A lembrança da fresca primavera.

O bem não lembres por meu mal perdido,
E se eu não posso ser o que antes era,
E melhor esquecer o que hei já sido.

XCVI

Mal a luz da razão na alma raiava,
A duas Ninfas vi: uma tão pobre,
Que apenas c'um sendal delgado encobre
As graças, com que a vista me encantava.

Outra de ricas vestes se arreava
De fina seda, que o ouro esmalta e cobre;

Mas entre a pompa um não sei quê descobre,
Que humildade, e baixeza respirava.

Eu sem vacilar um só momento
Da beleza daquela arrebatado,
Deixo desta o soberbo luzimento.

Ela então me bradou com rosto irado:
«Pois de deixar-me tens o atrevimento,
«Serás sempre no mundo desgraçado.»

XCVII

Quem é este Varão de luz cercado,
Que com seus raios todo o ar povoa,
E da Glória ao difícil Templo voa,
Nos braços das Virtudes sustentado?

Bramindo às suas plantas jaz prostrado
Da Inveja o monstro, e em vão o ar atroa,
Enquanto a ilustre frente lhe coroa
De cem Génios o Zelo rodeado.

Mas já às áureas trompas dando alento
A Deusa, que os Heróis honra e premeia,
O seu nome publica em alto acento.

«É o grande Luís, por ele cheia
«De imenso gozo deixa o firmamento,
«E torna entre os mortais a santa Astreia.»

XCVIII

Ó bela Hígia! Dom do Céu precioso!
Único esteio, que os mortais sustentas,
Que as forças lhes conservas, que os alentas
Da vida no processo trabalhoso:

Tu, Nume, que com o bafo poderoso
As mirradas doenças afugentas,
Vem arrancar-me dentre as mãos violentas
Do mal, que me consume; vem piedoso.

Sem ti, Nume gentil, honras, riqueza
De que servem ao mísero vivente,
Bem que esteja no cume da grandeza!

Ah! torna a acompanhar um descontente,

Que contigo no seio da pobreza
Sem nome viverei, porém contente.

XCIX

Corra, voe a adorar com torpe culto
O Ídolo da soberba, o que procura
Os preciosos tesouros, que a Ventura
Aos bons avara nega, e tem oculto.

Pela terra se prostre, e incense o vulto,
Trema ante a carregada catadura,
Penda do seu aceno, e com brandura
Receba por favor até o insulto.

Que é de outra esfera o Génio que me anima,
Com horror a lisonja vil despreza,
E os dons, que infame oferta, desestima.

Valimento, poder, mando, riqueza,
Não são bens para quem a honra estima,
Se a troco são comprados da baixeza.

C

É tempo de voltar o leme, e o pano
A trabalhada Nau, que há tanto errante
Surca de Amor o pélago inconstante,
Entregue à discrição do vento insano.

Deixemos pois de todo o Oceano,
Onde me vi mil vezes naufragante,
E o porto, que demora por davante,
Corramos a ferrar do Desengano.

Ali pendurarei num poste erguido
Rotas enxárcias, e velame roto,
Deixando em grandes letras esculpido:

«Elpino, que do Mar, de África e Noto
«As fúrias escapou, meio perdido,
«Consagra aos Céus piedosos este voto.»

NOTAS E VARIANTES

CENTÚRIA I

I

V. 12. Ou como o preso, que em cárcere escuro
Espera aflito o dia assinalado,
Em que expie co'a vida o crime impuro.

II

V. 6. Que o cruel, que urdia já meus danos.

IV

V. 12. Pois hoje, apesar do meu destino,
Outro mais belo Sol, que me encobria,
Verei, Nise, no rosto teu divino.

Ou

Verei, Cloe, em teu rosto peregrino.

V

V. 1. Vem, orvalhosa Aurora, vem rompendo

5. Verás Aglauro, a quem eu próprio rendo

7. Mais bela hoje brilhar co'a luz ardente

VI

Este Soneto, antes de ser assim emendado, foi escrito por Dinis da maneira seguinte.

Eu vejo, ai triste! Amor, Amor irado,
Que com voo veloz me cerca e gira:
Defende-me, ó Razão, da sua ira;
Mas tu também me tens desamparado,

Já já o cruel tem o arco armado,
Já o dobra, e com força o dardo atira,

Pelo ar zunindo vem (quem o retira!)
Ai! que já dentro na alma está cravado.

Cruel... mas que vejo! Onde se ocultava
Este raro portentoso? Ah! se a Ventura
Tão doce cativo me ordenava;

Para que contra mim a seta dura,
Amor, vibraste? Dize, não bastava
De tão formosos olhos a brandura?

VIII

V. 7. Outras vezes na areia o escrevia
Com a ponta do rústico cajado.
Depois de assim passar inteira a tarde.

IX

V. 3. A selva bate, e verás cheias de espanto
A elas aves mil correr medrosas.

X

V. 14. Quem vê teu rosto, e Vénus não esquece?

Ou

De Ericina por ti Amor se esquece.

XI

Lê-se também deste modo:

Agora que no Oriente vem raiando
De flores coroada a roxa Aurora,
E nos montes, que ornou lasciva Flora,
As mimosas ervinhas vai dourando:

Agora que saudosa lamentando
A ausência de Titono, a quem adora,
Vai nas conchas as lágrimas que chora
Em cândidos aljôfares mudando.

Se alegre o gado, a selva, a fonte fria,
Toma o campo a cobrar sua beleza,
E a renovar as aves a harmonia:

Eu me aflijo; que é tal a Natureza
De meu mal, que os motivos de alegria
Só servem de aumentar minha tristeza.

XII

V. 4. Que um confuso clarão ante si via.

XIII

V. 6. Os mimos, que invejoso Amor ouvia,

9. Quem há-de em teus agrados ter certeza
Se sobeja uma só desconfiança
A perder tantos dias de fineza?

Ó Desengano, a ti volto a esperança,
A ti somente busco, que a beleza
Por companheira traz sempre a mudança.

XIV

V. 10. *Num traslado, onde só se achou este Soneto, lia-se As águas: a mudança
pareceu necessária e natural.*

XVI

V. 13. Eu perdesse de abri-lo a confiança,

XIX

V. 4. Cobrir as luzes do maior luzeiro.

XXIV

V. 10. E a ela o fero esquadrão voa direito,
Que num ponto ficou de Amores cheia.

O corpo, o colo, o rosto tão perfeito
Ferve em Amores, só por má estreia
Sem amor lhe ficou o níveo peito.

Ou

E dos Irmãos seguido o Deus menino
A Ninfa o voo endereçou direito,

Mas fosse acaso, ou do destino efeito,
Ficando de Amorinhos toda cheia,
Só sem Amores lhe ficou o peito.

XXV

Também se lê assim:

Nas margens de uma fonte cristalina
Fido, triste Pastor, se recostava,
E c'o pranto as correntes aumentava
Do líquido cristal da prata fina.

Impressa na lembrança a peregrina
Imagem da Pastora, a quem amava,
Mil saudosos suspiros derramava,
Em que exalar o alento determina.

A fruta, com que o bosque suspendia,
Excitado da dor destas memórias,
Quebrando dos penhascos na dureza:

Despedaça-te, ó fruta, lhe dizia,
Pois se és próprio instrumento para as glórias,
És imprópria a quem vive da tristeza.

XXVI

V. 7. Seus molhados chinchorros pendurando
V. 12. Eu... mas doido de mim! Que é o que intento!
Ou Mas onde voa o louco pensamento!

XXVIII

V. 8. Com puro acatamento, ó Deusa bela.
12. Assim o teu amor vejas constante,
Batendo as leves asas de mil cores,
Zéfiro suspirar por ti amante.

Ou

Assim de teu angélico semblante,
Batendo em torno as asas de mil cores,

Zéfiro suspirar vejas amante.

XXX

Também se acha este Soneto com os quartetos mudados, como se segue.

Que é isto que estou vendo? Ou a memória
Perdi, ou não é esta a praia amena
Do brando Tejo, teatro em cuja cena
Representada vi a minha glória.

Não é aquela a fonte, onde a vitória
Alcansei dos desprezos de Filena?
Nem este o tronco, em que com tosca pena
Entalhada deixei a doce história?

Que triste, que diverso, que mudado
Hoje tudo a meus olhos se figura,
Do alegre tempo por meu mal passado! etc.

XXXI

V. 8. Com as Ninfas do Tejo assim falava:

XXXII

V. 6. A tão belo de Amor doce instrumento

XXXIV

V. 1. Por um Vale coberto de boninas
O Mondego corria saudoso;
Bordando o prado ameno e deleitoso
De madressilva, rosas e cravinas.

Nos salgueiros as aves peregrinas
Um concerto formavam sonoro;

V. 10. Assombrados de ouvir teu triste pranto.
V. 14. Cobre-se o vale de horroroso espanto.

XXXVIII

V. 13. À que eu mesmo formei cruel Deidade,

XL

V. 1. Vem, ó saudosa Tarde, derramando
Teus esp'ritos sutis pelo ar sereno,
E a calma, em que o Sol queima este terreno,
Com teus frescos influxos mitigando.

Por tuas vitais auras esperando etc.

V. 13. E esta branca ovelhinha reverente
Te oferecerei croada de mil flores.

XLI

V. 5. Este pé de jasmins, ó bela Flora,
Que em teu nome seguro à terra mando,
Fecunda Deusa, o teu influxo brando
Seus tenros ramos experimentem ora.

XLII

V. 1. À beira de um ribeiro, que esmaltava
De cheirosas boninas a campina,

XLIII

V. 8. Em teu seio recebe um afligido.

XLIV

V. 11. A Razão do Amor talvez triunfante.

Ou

Deste monstro a Razão talvez triunfante.

12. Mas vendo o cruel minha resistência.

XLV

V. 13. Invisíveis faíscas cintilando
Produzem em meu peito mil amores.

XLIX

V. 7. Outra vez me desperta, e à costumada
Aflição torna o peito lastimado.

Ave importuna, a gárrula porfia
Deixa, deixa que à ideia vacilante
Tréguas dê por um pouco esta agonia.

Deixa-me descansar um breve instante,
Pode ser que dormindo a fantasia, etc.

L

V. 4. Me leva ao alto cume dum outeiro.

6. Quantos passos já dei para meu dano;
O cárcere, as cadeias e o engano
Desse monstro cruel e lisonjeiro.

12. Para cair por terra a confiança,

LIII

V. 2. Saiu a minha Auliza pelo prado

5. Sentindo dentro em si os seus ardores

14. De teu gesto sobeja a formosura.

LIV

V. 6. Nos encantos, Aglaia, embevecido,

LV

V. 3. Pois o vento levou tanta esperança,

8. Seus olhos ama mais que o próprio gado.

LVII

V. 11. Imitadora fiel na dura sorte.

LVIII

Este Soneto foi também escrito por Dinis do modo seguinte:

Solto o longo cabelo, que encobria
O lindo rosto, os olhos lagrimosos,
Presas as mãos, com passos vagarosos
Policena a morrer se conduzia.

Em vão Hécuba freme, em vão corria,
A Pirro em vão, aos Guardas rigorosos
Que a matem pede em brados lastimosos,
Que nada os feros peitos comovia.

Entanto às Aras chega Policena,
E vendo já alçada a espada dura,
Soltando a doce voz que o ar serena:

«O golpe descarrega (diz segura)
«Que morte que põe fim a tanta pena
«Mal não pode chamar-se, mas ventura.»

LIX

V. 1. Esparzido o cabelo, que movia
O Zéfiro em ondados resplendores,
Colhendo a branca Auliza várias flores
Pelas margens do Tejo discorria.

Elpino, Pastor triste, que vivia, etc.

10. Unindo as rosas num gentil trançado,
Cantando assim dizia: Auliza bela,

LX

V. 13. Se a vires, nem quereis perder o siso,

LXII

V. 9. Assim cantava Alceu, e Amor que estava
Entre uns freixos, sorrindo, de Alcida
Os belos passos para ali guiava.

Viu-a o Pastor, e à música subida
Mudando a letra, Amor, continuava,
Aceita em sacrificio a minha vida.

LXIII

Eis aqui o Soneto, que depois Dinis emendou do modo por que se imprimiu.

Duros grilhões de Amor, duros enganos,
Que há tanto me enleais a fantasia,
Dizei quando será o feliz dia,
Que eu veja em paz o fim destes meus danos?

Depois de tantas horas, tantos anos
De pranto, de rigor, e de agonia.
Inda não quer a vossa má porfia,
Me aproveite esta vez dos desenganos?

Ora pois se inda teima a crueldade
De vossa sem-razão, o entendimento
Vença as cegas lisonjas da vontade.

Desfaça-se o grilhão, calque o violento
Jugo triunfante a doce liberdade:
Mas por mais que forcejo, em vão o intento.

LXV

V. 1. Sem ordem o cabelo, que lhe ornava, etc.
Ou Perdida a antiga fama, que levava
'Té às Estrelas sua formosura;
Rota em partes a rica vestidura,

Do Tempo à discrição Lísia vagava.

12. Que prémio igualará tanto desvelo!
Ah! cinja já a croa ilustre a vossa frente,
E os cruéis monstros o vejam, que domaste.

LXVIII

V. 6. Para quem de contínuo neste ensejo
As redes lanço, o verde caranguejo
E as ostras colho nessa penedia.

LXIX

V. 12. Longe de Alfesibeu a cruel pena,
Os vão cuidados fujam, e a desgraça;
Que Baco ebrifestivo assim o ordena.

LXXII

V. 9. Eu que bem por acaso ali me achava

LXXIII

V. 13. Que engolfando-te atrás de uma esperança,
Não vez que o mar te ameaça tempestade.

LXXV

O Autor alterou este Soneto formando outro que aqui transcrevemos co/no variante dele.

Já fugindo da Aurora os resplendores,
Se não via brilhar nem uma estrela,
Quando Cíntia, do Tejo Ninfa bela,
Pelo prado saiu a colher flores:

Em seus olhos levava o Deus de Amores
Que neles se escondia com cautela,
Para poder a quem chegasse a vê-la
Facilmente abrasar com seus ardores:

Fido, que acaso a viu quando passara,
Estas palavras com a foíce abria
Na dura penha duma fonte clara:

«Ai Pastora tão bela como impia,
«Por Deusa o coração te idolatrara,
«A haver nas Deidades tirania.»

LXXVIII

V. 1. Combatido baixei, que contrastando
O líquido furor desse elemento,
Sempre em cruel contínuo movimento
As empoladas ondas vais surcando.

LXXXI

V. 14. Que onde sobra o amor falta a ventura.

LXXXVII

V. 9. Insta Anfrizo em segui-lo, e tanto o cansa,
Que num Louro de frio susto cheio
Já quase que o travesso Deus alcança:

Quando Aglaia aparece, e o temor feio
Depondo Amor, ao colo se lhe lança,
E depois se escondeu no branco seio.

LXXXIX

V. 1. Sábio e nobre Garção, que ao eminente
Cume do monte às Musas consagrado
(Exemplo aos que te seguem) tens chegado,
E cinges de hera e louro a altiva frente.

XCII

V. 3. Semeia o doce Zéfiro as campinas,

XCVI

V. 14. Merecido castigo de teus erros.

XCVIII

V. 14. Que na harmonia vencerás seus rinchos.

XCIX

V. 11. Constante na inconstante ligeireza.

C

Existe outro Soneto de Dinis, muito semelhante a este: é o que se segue:

Outra vez a beijar, ó doce Tejo,
Torno esta areia; mas quão diferente
Daquele alegre tempo em que contente
Lograva a maior glória o meu desejo!

Então feliz me vi, hoje me vejo
Perseguido da sorte, e descontente,
Buscando a solidão, fugindo a gente,
Ultimo alívio que em meu mal elejo.

Se estará satisfeito o cruel Fado
De ver-me andar vagando desta sorte
Sem Pastora, esperança, aprisco, gado?

Temo que não, que o seu impulso forte
Se se empenha em fazer um desgraçado,
Não descansa senão com dar-lhe a morte.

CENTÚRIA II

V

V. 3. Menos vivo não sinto o devorante
Fogo, em que Amor intenta que eu pereça.

X

V. 9. Se queres ser no mundo afortunado
Vem da Lisonja ao Templo, que eu te guio
Pois da Virtude sempre fui contrária

Basta então, lhe tornei, Fortuna vária,
Eu mais prezo a Virtude em pobre estado,
Que da Lisonja os dons e o senhorio.

XVII

V. 1. Amor que nunca pára nem descansa
Em urdir travessuras, certo dia
Duma longa charrua ao jugo unia
Seis bravos touros, que veloz amansa.

Este Soneto, antes de se emendar, era do modo seguinte:

Arco e frechas Amor cruel depondo,
Uma aguilhada toma, dependura
Aos ombros um surrão, e assim procura
Para a rude lavoura ir-se dispondo.

O jugo na cerviz duns bois impondo,
Começou a lavrar, e à terra dura,
Lançando liberal a sementeira,
Disse, nos altos Céus os olhos pondo:

«Ó tu, que o raio vibras crepitante,
«Faze que neste campo o semeado

«Trigo nasça de espigas abundante:

«Senão, qual por Europa transformado
«Do mar surcaste o líquido inconstante,
«Olha que hás-de puxar por este arado.»

XVIII

V. 7. Em imenso prazer toda banhada,

XXVIII

V. 12. Porém tornando em si, Ninfa, *dizia*,
Por te querer perdi vida e descanso,
Perdi redes, perdi quanto podia.

XXX

V. 3. Pois assim mesmo em áspera batalha

XXXI

Nota: Estando o Senhor Teotónio Gomes de Carvalho glosando uma cantiga, se queixou ao Autor, que se achava presente, da falta de um consoante. Corria uma voz inda que falsa de que o Pina tinha morrido; rompeu então o Autor neste Soneto, na maior parte extemporâneo.

XXXIV

V. 13. Se a Ninfa do traidor vendo a fereza,

XXVIII

V. 9. Quando Proteu sai da água cristalina,
E, onde vais, lhe bradou, moço atrevido?
Volta, deixa a que buscas longa terra,

Que ali só Pluto os corações domina.
Disse, e a proa virar manda Cupido,
E o porto, que deixara, outra vez ferra.

XXXIX

V. 1. Seguindo os esquadrões de Amor tirano,
Grão tempo pelejei gloriosamente;
E em cem combates a soberba frente
De verdes mirtos coroei todo ufano.

De mil Ninfas o orgulho e fausto insano
A meus pés submeti, domei valente;
E de imensos despojos ricamente
Ornei de Gnido o templo soberano.

LIII

V. 8. Se juntas outra vez as contemplava.

14. Nunca a fatal sentença proferira.

LX

V. 11. Respondei-lhe do horror da soledade.

LXIII

A este Soneto é muito semelhante o que se segue:

Duma horrível tormenta combatido,
Vou surcando de Amor o mar irado,
Até que chegue ao porto desejado
Do velho Desengano socorrido.

O dano na borrasca padecido
Ali esquecerei, e sossegado
Verei outro, da praia, andar a nado
Lutando com o mar embravecido.

E o risco, que passei, atento vendo
Das ondas pintarei a crueldade,
Por debaixo destas letras escrevendo:

«Ninguém se fie da felicidade;
«Que o mar se está bonança prometendo,
«Se ensaia para grande tempestade.»

LXVII

Este Soneto foi três vezes mudado pelo Autor em outros tantos Sonetos que exprimem a mesma ideia, ainda que com muita diversidade de palavras; dois deles se

imprimem neste lugar, e o terceiro que começa: Enquanto livre e sem amar vivia, e se imprimiu no corpo da Obra a pág. 284 porque é o menos semelhante aos outros. Os dois Sonetos são os seguintes:

Primeiro

Sem conhecer Amor feliz passava
A noite com sossego, alegre o dia,
Se algum cuidado então me divertia
Era aumentar o gado que guardava.

Na barra, luta e baile me empregava,
Onde sempre os louvores conseguia;
Talvez cantando ao som da fonte fria,
O bem da liberdade celebrava.

Quis vingar-se de mim esse Deus cego,
E por ter a vitória mais segura,
Em teus olhos me assalta, amado emprego.

E logo (ah quanto pode a formosura!)
Converteu-se em desvelos o sossego,
A doce liberdade em prisão dura,

Segundo

Livre e contente sem Amor passava
A noite com sossego, e ledos o dia;
De meu gado na doce companhia,
O seu aumento só me desvelava.

Se dele algum Pastor se me queixava,
Então muito seguro lhe dizia:
Quem a serpe no peito nutre e cria,
De seu veneno em vão se queixa e agrava.

Mas o monstro cruel, que há muito atento
Os longos olhos tinha em mim fixados,
A estes campos me trouxe fraudulento.

Neles vi os teus olhos engraçados,
E desde então o gado, que apascento,
São, Aónia, ciúmes, são cuidados,

LXIX

V. 10. Ariadna frenética, apontando

LXX

V. 13. Esse que faz tremer a mortal gente,
Contra nós mesmos, nós mortais to damos.

LXXII

V. 1. Arrastando grilhões, de uma esperança
A desgraçada vida o preso alenta;

7. Que uma doce ilusão lhe representa
Do triste estado próxima mudança.

Ou

Vai perdendo o que joga, e na mudança
Da sorte restaurar o dano intenta:
Vai morrendo o enfermo, e na violenta
Morte inda tem na saúde confiança.

12. Eu só de tanto alívio vivo isento.

LXXV

Nota: A pouca distância do porto de Vila Velha, corre o Tejo por entre dois altos montes de finíssimo mármore, formando uma espécie de garganta, a que chamam as Portas do Rodão. Pelas influências do Marquês de Pombal se fez o mesmo rio navegável até ao porto de Vila Velha, que fica dentro desta garganta. Junto do porto havia uma Fazenda e Casas, em cuja porta se viam as armas do Marquês, que são uma Estrela entre uma quaderna de crecentes. Estas circunstâncias deram causa ao presente Soneto.

LXXVI

A este Soneto, especialmente no primeiro quarteto, é muito semelhante o seguinte:

«Esta planta gentil (planta ditosa,
Nunca do frio Inverno a mão gelada
Teus verdes ramos creste; antes copada
Sempre crescendo vás, sempre ditosa!)

Esta planta gentil, Vénus formosa,
Hoje deixo ao teu nome consagrada,
Que à sombra de seus ramos recostada
O mais feliz me fez Clóri piedosa.»

Isto Anfrizo no verde tronco abria

Dum sicómoro, o qual de espaço a espaço
Tremendo de florinhas o cobria.

E a Pastora gentil ao mesmo passo
Cantando uma Capela lhe tecia
De mil flores, que tinha no regaço.

LXXVIII

V. 5. Entre o longo processo de acções tantas
Seja uma amparar um desvalido:
Ah! que para por ti ser protegido,
Sobra-lhe o ter chegado às tuas plantas.

Os Varões como tu, que a terra ornaram
De castigo e demência exemplos dando,
Da Glória no sublime templo entraram,

Temerários soberbos derribando,
Que quais Cedros do Líbano se alçaram,
A Virtude e os humildes amparando.

LXXXIII

V. 12. A Virtude é quem só sigo constante,
E como nada temo, nem espero,
Sem ti vivo feliz, Nume inconstante.

XC

V. 1. Ah Condão! fuja, que no monte
Amor anda de frechas carregado;

XCI

V. 10. Pois cri ao ver a frágil contextura,
Que sem pena os faria em mil pedaços.
Mas castigou Amor minha loucura,

XCII

O Soneto XCII é emenda do seguinte:

Não mais, Amor, que eu já me não defendo:
Venceste enfim; estou desenganado

Do teu grande poder, e já cansado
As leis do vencedor humilde atendo.

Da resistência as armas já te rendo;
E a teus divinos pés hoje prostrado,
Segunda vez ao jugo carregado
A trilhada cerviz humilde estendo.

Eis – aqui tens a vida e liberdade;
Orna com elas (pois me vês rendido)
De teu triunfante carro a majestade.

Só piedade te peço enternecido;
Que ofende dos triunfos a vaidade
Correr da espada o sangue do vencido.

XCIII

V. 3. E às praias, que deixei, a proa e o pano
Virar arrependido em vão intento.

V. 9. Se vós me não valeis, ó Céus piedosos!
Como posso sem leme e sem piloto
Pairar ao mar, aos ventos procelosos!

Mas, ai! que meu baixei aberto e roto
Sorvendo vão os mares tormentosos,
E cada vez mais alto sopra o Noto.

XCIV

V. 14. Minha Lira ornará minha frente.

XCV

V. 7. E as cores, que em teu rosto pôs Natura,
As flores que nas margens vai regando.

XCVI

V. 2. A dava no nervoso braço alçado,

5. Em vão assobiando o monstro espera,
E as conchadas cabeças vibra irado:
Que enfim cede ao valor do braço armado,
Que o abate, o estronca, e o dilareça.

12. Queres domá-lo? fuge a sua ira.

XCVIII

Este Soneto lê-se também do modo seguinte:

Navegante, que vê em noite escura
Tornar-se a luz do Sol apetecida,
E das ondas a fúria embravecida,
Que a destroçada nau tragar procura:

Pálido e semivivo treme e jura
Dos mares não fiar-se à paz fingida;
Porém se a seu furor escapa a vida,
Torna a embarcar-se, e a tentar ventura:

Assim eu, que me vi quase perdido
No mar de teu amor, tinha jurado
Fugir desse teu rosto fementido.

Mas a vê-lo tornei com tal agrado,
Que dos antigos votos esquecido,
As ondas surdo, a que fugi a nado.

CENTÚRIA III

IV

V. 1. Brincando Amor de glória e prazer cheio,
De Egle cercava o rosto delicado;
E na boca, nos olhos e trançado
Em mil giros lhe salta sem receio.

9. Egle que num pesado sono o via,

11. Acorda, quer voar, e não podia.

14. Amor fixar, fazê-lo permanente.

VIII

V. 1. Vem, ó brilhante Fósforo, do dia
Risonho precursor, e ao Sol luzente
Abre as purpúreas portas do Oriente,
E à terra os seus raios anuncia.

8. Por ver no Sólido a imortal Maria.

Hoje ao Real trono subirão com ela
A luminosa Fé, a Caridade,
E as mais Virtudes, que seu peito zela.

A terra brotará a sã verdade,
E de seu Ceptro a sombra ilustre e bela
Outra vez verá Lísia de Ouro a idade.

X

V. 1. Já do dia o Planeta luminoso
De luzes vem cobrindo o verde prado,
Já leva para o pasto o manso gado,
Tocando a doce fruta, Nemeroso.

Já na floresta o rouxinol saudoso
Se queixa do parceiro separado,
Já no monte Silvandro acautelado
C'os cães segue o coelho temeroso. etc.

XIV

V. 9. Tanto que pronta esteve a cruel arma,
Amor no arco a aponta, e destramente
Para prová-la em mim fero o desarma.

Rompeu-me o coração, ficou contente;
Pois dêz que o arco formidável arma,
Nunca disparou seta mais ardente.

XVI

V. 5. Não amo as faces, que na cor lustrosa
Vencem as mais purpúreas, finas flores,
Nem a boca gentil, onde os Amores,
Onde as Graças morada têm gostosa.

XXI

V. 10 Que era mais duro Amor, e mais tirano,

XXII

V. 1 2 Cresce Alicuto em bens, que a noite escura
E o dia dorme, não trabalha uma hora.

XXXII

V. 4. Vê de trevas cobrir-se o firmamento:
Que do mar pelo bravo movimento

12. Mas ai dum triste, a quem irada a sorte
Com tal fúria combate e tal fereza,
Que só por esperanças tem a morte.

XXXIV

V. 5. Mas as sagradas flores do Permesse,
Que da Inveja apesar colho triunfante,
E com que à frente dos Heróis radiante
Diademas imortais ufano teço.

XXXIX

V. 9. Oh se alguma hora seu furor se mansa,

ou

Oh se algum dia a próspera bonança
Ao porto me levar tão suspirado,
Sem recear dos ventos a mudança!

XLII

V. 9. Assim eu em teus mimos confiado,
Largava as cheias velas da esperança
No vasto mar de Amor todo engolfado;

Mas ai triste! no meio da bonança
De ti me vejo, infiel desamparado,
Entre as Sirtes cruéis duma mudança

XLIII

V. 4. De alto Estado cabeça conhecida.

LIII

V. 9. Constante na carreira começada
Prossegue, bem que a veja a cada instante
De penhascos e abrolhos semeada.

Pois a Virtude, a quem segue constante,
O conforta e no fim de áspera estrada
Em seu templo o coroa triunfante.

LVI

V. 4. Que em vão cerrava o tripartido dente.

6. Surcando agora ousada os vagos ares,
Vai registrar de perto os luminares,

10. E as procelas vai ver na pátria sua,
Com que o Céu furioso nos faz guerra.

13. Não contente talvez da baixa terra,

LVII

V. 10. Se dispõe a passar o mar agreste
Que entre Gália e Britânia é forte muro.

LIX

V. 1. O lasso Marinheiro, a quem desterra
Da cara Pátria seu mesquinho Fado,

8. Mas triste! em breve vê voar a terra.

10. Egle, espero; se vulto ou sombra vejo,
Cuido, meu bem, que és tu, que estás presente.

Mas oh! que ilusão de amor sobejo
Logo conheço, e então minha alma sente,
Quanto custa a quem ama um vão desejo.

LXI

Este Soneto é formado sobre o que agora se transcreve, o qual ficou incompleto:

Hoje, Marília, às tuas mãos divinas
Em meus versos a triste história chega,

Que em mim teceram a Fortuna cega,
E o Amor insaciável de ruínas.

Nela verás, se a vista a ela inclinas,
As afrontas, os males a que chega
Quem sem fortuna a Amor cruel se entrega,
Quem escolhe prisões talvez indinas.

Mas se teu coração, Marília, ao lê-la
Algumas mostras der de sentimento,
Quanto feliz será a minha estrela!

Eu porei fim às queixas e ao lamento,
.....
.....

LXVI

V. 7. Pois de ambos renascer no peito humano
Via os Génios no Príncipe excelente.

LXVIII

V. 1. De dois soberbos Numes (desgraçado!)
Apenas em nascendo vi o dia,
Pelas Parcas cruéis com tirania
Fui ao louco capricho consagrado.

LXXII

V. 1. Em vão, Matúzio vil, gralhas ou grulhas
Em maus versos, como é teu mau costume;

LXXVI

Resposta de Feliciano Alves da Costa ao Soneto precedente:

Não será de Benguela a boçal gente,
Que me enterre na rústica Campina;
Lá não me há-de levar amor da china,
Cá pobre viverei, porém contente.

Eu cá não tenho a morte tão presente,
Passo sem Zebra, e mais sem pelatina,
Não gasto um chavo na amargosa quina,
Não me acomete febre alguma ardente.

Nessa asneira não cai Feliciano,
Ir tornar-se de pardo em amarelo,
Sucesso, que há-de ter antes dum ano.

Da Pátria não me irei, pois sem murzelo
Nela gozo saúde muito ufano:
Perdê-la por dinheiro é ser Camelo.

LXXVIII

V. 4. Vens em sincero afecto contrafeito.

LXXIX

V. 12. O que fora não sei, sei que arrastado
De teu capricho adoro o cativo
E fortuna é para mim ser enganado.

LXXXI

V. 3. Que de Amor transportado o dom divino
Em êxtases gostosos aguardava.

V. 14. O remédio ao que causas voraz dano.

LXXXII

V. 1. Enquanto as Leis de Amor não conhecia,
Vivi em doce paz, sem mais cuidado
Que guardar pelas veigas o meu gado
Dos cruéis lobos que este mato cria.

LXXXIV

V. 12. Que queres? que a cadeia vergonhosa
Não rompa, e seja fábula das gentes?
Ah! não o esperes, não, Ninfa aleivosa.

XCI

No ano de mil setecentos e noventa, achando-se o Autor em Lisboa, recebeu uma Ode anónima feita à Rainha N. S. debaixo do seu sobrescrito: Conheceu o mesmo Autor que era da Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Vimieiro, e lhe fez este Soneto

que lhe remeteu da mesma forma.

XCIII

V. 5. Vejo que canso em vão por arrancar-te
Dentre os braços de quem te goza ufano.

XCV

V. 1. Vão pensamento meu, que a toda a hora
Com passadas venturas me atormentas,
E sem cessar à lembrança me apresentas
Essa glória que foi e nunca fora.

O feliz tempo passou, e já agora
Quanto sinto não são senão tormentas;
Pois para que, cruel, a dor me aumentas?
A um mísero o que foi seu mal piora.

XCVII

V. 5. Bramindo de seus pés atropelado
O monstro da ambição o Mundo atroa,
Enquanto a fronte excelsa lhe coroa
O santo amor à Pátria consagrado

FIM DO TOMO I

Transcrição de Deolinda Rodrigues Cabrera baseada na edição de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (*Poesias de António Dinis da Cruz e Silva. Na Arcádia de Lisboa Elpino Nonacriense*, Tomo I, Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1807).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
